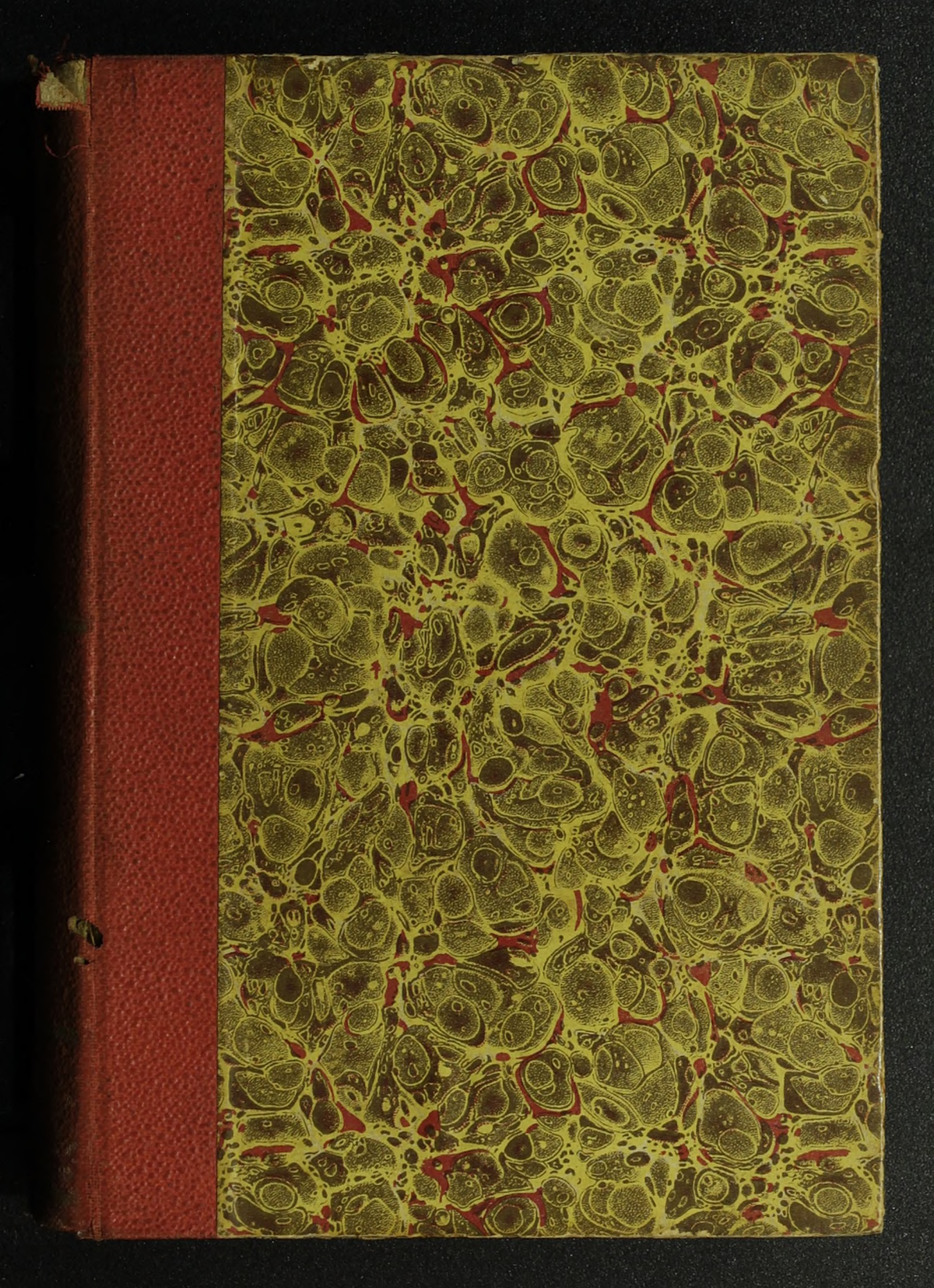


VALENTIM MAGALHÃES

FLOR DE SANGUE

LAEMMERT & C., Editores
Rio de Janeiro — S. Paulo — Recife

1897

LIVRARIA NACIONAL
MONTEIRO & Cia.
Rua da Constituição
84 - RIO

Il y a une justice à rendre à l'amour — c'est que plus les motifs qui le combattent sont forts, clairs, simples, irrécusables, en un mot, moins il a le sens commun, plus la passion s'irrite et plus on aime. C'est une belle chose sous le ciel que cette déraison du cœur; sans elle nous ne vaudrions pas grand'chose.

ALFRED DE MUSSET.

Il n'y a jamais rien que de très simple dans les événements les plus extraordinaires, comme il n'y a jamais rien que de très logique dans les hasards les plus inattendus. Un peu de reflexion nous aurait suffi le plus souvent pour empêcher les uns et pour prévoir les autres. Mais le propre de la passion est de s'absorber dans son object tout entière.

PAUL BOURGET.

A

J. F. DE ASSIS BRASIL

Quelque rare que soit le véritable amour, il l'est encore moins que la véritable amitié.

LA ROCHEFOUCAULD *(Max. 473).*

Impresso na Companhia Typographica do Brazil—Rua dos Invalidos, 93.

PREFACIO

Julguei conveniente, a bem da rectidão do julgamento d'esta obra, precedel-a de algumas sinceras e curtas explicações.

Ha vinte annos que escrevo para o publico e mesmo, a rigor, ha mais tempo ainda, pois na edade de quinze annos já eu publicava em jornaes de provincia linhas de prosa e de verso, que só a meninice do autor tornava supportaveis á paciencia benevola dos leitores. Nesses quatro lustros de actividade mental tenho feito um pouco de tudo — versos, folhetins, contos, pamphletos, critica, biographia, artigos de todo genero, theatro, que ci eu? e tenho construido com parte d'esses materiaes para mais de uma duzia de livros.

A critica tem-me reconhecido, com munificencia que me ha penhorado, um espirito vivaz, variavel, curioso; uma actividade indefessa; um certo amor

á lingua vernacula, e d'ahi pronunciado carinho no escrevel-a e um estylo correcto e agradavel; porém não tem occultado o seu pezar por me não ver abalançar-me a isso que chamam os criticos «obra de folego», ou «trabalho serio» — um poema, um romance, um livro de critica profunda. Ora, eu devo confessar que essa censura me calou sempre no espirito por havel-a formulado muitas vezes a mim proprio. Mas as necessidades inadiaveis da vida material, tão pesadas para um pae de familia pobre nesta terra em que das lettras ainda se não póde viver exclusivamente, impediram-me sempre de levar por deante esse projecto, cem vezes formulado e não poucas começado a executar. O tempo que me deixavam livre as occupações de que provinha o pão quotidiano e o meu estado de saúde, precario sempre, chegava apenas para escrever o conto, a noticia critica, a chronica faceta, o artiguinho diario a que me compromettera em um ou varios jornaes; não havia possibilidade de realisar o meu sonho, satisfazendo a exigencia dos criticos — escrever uma obra de folego.

Entretanto, desde as primeiras manifestações da minha vocação para as lettras, senti-me attrahido para o romance, e entre os meus primeiros ensaios, abandonados e perdidos, figuravam alguns capitulos de um romance *O equilibrista*, apenas encetado. Mais de uma vez communiquei aos meus amigos esboços, planos de romance, e de alguns passaram noticias ás folhas.

Ora, aconteceu que nos ultimos dias do anno de 1895, conversando com um editor, propuz-lhe

escrever para elle o meu primeiro romance. Acceitou a idéia e offereceu-me direitos autoraes que me pareceram satisfactorios, rasoaveis. Como d'elles tinha alguma urgencia, atirei-me ao trabalho: no dia 1 de Janeiro do corrente anno escrevi o primeiro capitulo; no dia 2 o segundo, no dia 5 o terceiro, no dia 6 o quarto; emfim, em dois mezes, tinha escripto mais de metade do livro, apesar das muitas interrupções que outros mistéres impunham. Mas o editor deu parte de fraco; pedio-me que o dispensasse do compromisso, provando-me que o não poderia cumprir. Esfriou-se-me o ardor; parei. Mezes depois, tendo feito contracto com os meus editores habituaes, os Srs. Laemmert & C. (*On revient toujours...*) reatei o trabalho interrompido, dando immediatamente á composição typographica os capitulos escriptos. Os originaes não foram recopiados por mim, quer dizer, não fiz rascunho ou borrão. Escrevi sempre de uma assentada, capitulo a capitulo, e, acabado, relia-o, corregia-o, mandava copial-o por um secretario, conferia a cópia e remettia-a aos typographos.

Se conto estes pormenores é para explicar as muitas imperfeições de fórma que sou o primeiro a reconhecer, taes como a vulgaridade de algumas phrases, a fraqueza de certas expressões, o banal de varios titulos de capitulos (e dei-lhes titulos por uma conveniencia pessoal: para orientar-me em cada capitulo do estado, do ponto em que ficara o enredo, a composição), um ou outro gallicismo, como «golpe de vista», e outros defeitos mais.

O capitulo que primeiro escrevi, com a intenção de fazel-o o primeiro do livro, foi o quinto da

segunda parte — um dos ultimos: eu havia principiado pelo fim!

A circumstancia de escrever de um jacto, sem o polido e o repolido que Boileau tanto aconselhava aos ferreiros da idéia, só é prejudicial ás obras mal concebidas e mal nascidas, que não trazem dentro alguma cousa de humano, de luminoso; bem sei. *Manon*, *Le Neveu*, *Candide*, *Adolphe*, são obras primas e, no emtanto, foram escriptas sem rasuras; lembra P. Bourget em um de seus livros.

O facto, pois, da correntia espontaneidade, não rectificada no cadinho apurador da revisão paciente, com que compuz este romance, não é justificativa das imperfeições que o deslustram; mas é um facto, e como tal, o denuncio á critica para que o registre, se lhe aprouver.

Resta-me dizer algumas palavras, e justamente as mais importantes, ácerca da *escola* e da *moralidade* de *Flor de Sangue*. Não me preoccupei com aquella nem com esta, entendida esta no sentido que se lhe dá vulgarmente.

Não resolvi fazer um romance naturalista, nem de aventuras, nem de psychologia, nem symbolista, nem idealista; resolvi simplesmente fazer um romance. E elle foi-me sahindo dos bicos da penna com um certo feitio, uma certa physionomia, um certo caracter, que não tentarei definir e ainda menos explicar.

Se todavia me interpellasse alguem sobre tal ponto, diria que para o seu autor é o meu romance filiado á escola da verdade, a unica, que como os Goncourt, acredito real e fecunda em Arte. Todos

os typos que nelle fiz mover-se, e não sei se viver, encontrei-os na vida social, não só fluminense, não só brasileira, mas de todos os paizes.

Não cogitei tampouco de discutir, provar e impor uma these. Faço Paulino suicidar-se, não para pregar o suicidio como solução unica e necessaria em situações moraes identicas; porém pela simples razão de haver dado a Paulino um caracter recto, inteiriço, não contaminado da gangrena moral da época. Isso não importa negar ao meu livro moralidade, porque lhe reconheço pelo menos uma, e não somenos, que é a seguinte—quando um homem de caracter é dotado de um temperamento que o contradiz e estorva, *pode* a victoria caber ao temperamento, na collisão d'este com o caracter ; mas o caracter reage com egual vigor e não acceita a situação moral creada pelo resultado do combate.

O Paulino que eu esbocei no segundo capitulo e fui tracejando nos subsequentes poderia tirar a sua amada ao marido para viver com ella, confessando a sua culpa e arrostando-lhe todas as consequencias, com uma bella impudencia, bella por valerosa, se se sentisse amado, porque a felicidade é cruel e injusta na hypertrophia do seu egoismo; mas não poderia nunca acceitar a posição aviltante de *terceiro* no lar do seu amigo, protector, quasi pae, partilhando-lhe da mesa ás claras e da cama ás escondidas. Não vendo nenhum meio de conciliar a sua honra com o seu amor e não podendo vencel-o, alvitra por sacrificar o amor á honra e mata-se.

Esta moral, toda circumstancial e relativa, bem sei, não é a moral que os mercadores d'ella em

livros e discursos expõem ao consumo publico; mas é a unica que a razão admitte e que a sciencia explica. E cabe aqui perfeitamente repetir o que escreveu o fino psychologista da « Physiologia do amor moderno » no prefacio d'este livro. Diz elle:

« Ser moralista (linhas acima dissera elle que a primeira e ultima lei para um escriptor digno de empunhar uma penna é — ser um moralista) ser moralista não é pregar—o hypocrita póde fazel-o; nem indignar-se — Moliére esqueceu esse traço no seu Alceste. Em dez misanthropos profissionaes contam-se nove farcistas, que fazem honorabilidade da sua indignação a frio. Não é concluir—o sophista conclue. Não é evitar os termos crus e as pinturas livres—nos peiores livros libertinos, os do seculo 18, não se encontra uma phrase brutal ou pinturesca. Não é tampouco evitar as situações escabrosas — não ha uma nos primeiros romances de Mme. Sand, e para mim elles são entre os livros bellos os que mais justamente se chamariam immoraes — comquanto, neste caso, a belleza da fórma seja até certo ponto uma moralidade. *Não, o moralista é o escriptor que mostra a vida tal como ella é, com as lições profundas de expiação secreta que nella se encontram por toda parte impressas.* Tornar visiveis, como palpaveis, as dores da falta, a infinita amargura do mal, o rancor do vicio é fazer obra de moralista, e é por isso que a melancolia das *Flores do mal* e a do *Adolpho*, a crueza do desenlace de *Liaisons* e a sinistra atmosphera de *Cousine Bette* fazem d'estes livros obras de alta moralidade. »

E' impossivel dizer melhor.

Marcel Prévost, num artigo do *Journal*, intitulado *Littérature et Morale*, observa com grande verdade « que a litteratura de uma época é sempre mais moral que seus costumes e que nenhum livro é tão libertino como as conversações correntes, na baixa como na alta sociedade. »

Sou avesso a prefacios e entendo que o livro que se não explica a si proprio e por si proprio é um livro inexplicavel. Mas conheço o meio em que vivo e prefiro ir ao encontro das principaes objecções que, ao meu romance prevejo serão feitas, e sobretudo a relativa á moralidade. Hão de accusar-me de haver feito um livro que não póde ser lido por donzellas e meninos. Não me defendo; ao contrario, confesso que não daria este romance a ler á minha filha, como o não dou á minha irmã nem a meus filhos; mas romances sinceros e verdadeiros, isto é: *honestos* e *moraes* não se escrevem para serem lidos por donzellas e donzeis. E aqui me soccorro ainda do excellente prefacio de Bourget, de que acima fiz alguns extractos:

« Imaginemos para a nossa obra um leitor de vinte e cinco annos e sincero: que pensará elle do nosso livro ao terminar a leitura? Se elle, depois de lida a derradeira pagina, é levado a reflectir nas questões da vida moral com seriedade maior, o livro é moral. Aos paes, ás mães e aos maridos compete prohibir a sua leitura aos rapazes e ás raparigas, para quem um livro de medicina tambem podia ser perigoso. Tal perigo não nos respeita.

Só o que nos incumbe é pensar o mais justo que pudermos e dizer o que pensamos. »

E' justamente o que dizia ha mais de vinte annos Guerra Junqueiro no prefacio da *Morte de D. João*, e num estylo mais colorido e imprevisto. Lembram-se ?

« Não aconselho a ninguem que dê a ler a uma rapariga de nove annos nem a *Morte de D. João*, nem romances, nem dramas, nem comedias, nem o novo e, sobretudo, nem o velho testamento».

E linhas mais longe :

« Não se dá um poema a uma criança pelo mesmo motivo porque se lhe não dá uma garrafa de vinho ao jantar.»

Mas a razão mais poderosa para que o romancista desdenhe preoccupações de moralista banal, de convenção, é a que dá Edmundo de Goncourt nas seguintes linhas :

« Hoje, que o romance se alarga e cresce, que vae sendo a grande fórma séria, apaixonada, viva, do estudo litterario e do inquerito social, que se vae tornando, pela analyse e pela pesquisa psychologica, a Historia moral contemporanea, hoje que o romance se impoz aos estudos e aos deveres da sciencia, elle póde tambem reivindicar suas liberdades e privilegios. »

Estou bem apadrinhado, como vêem.

Por ultimo, uma confissão.

Tive tanto gosto em escrever o meu primeiro romance, o genero agradou-me tanto, deu-me tão bellas horas de goso intellectual, que o meu desejo era e é não escrever d'óra avante outra cousa.

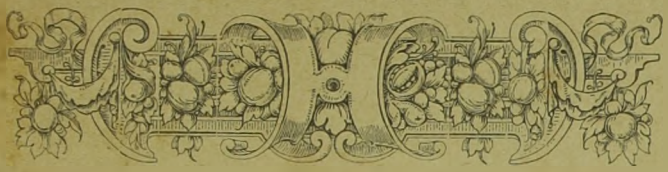
O romancista vive com as suas creaturas — ri, chora, gosa, soffre com ellas. E' uma segunda vida, uma outra sociedade que trazemos palpitante dentro em nós—na rua, em casa, por toda parte. Como eu comprehendo o velho grande Dumas dizendo ao filho, que o fora encontrar chorando e lhe perguntara qual a causa d'aquellas lagrimas :

« Um grande desgosto! Porthos morreu ! Acabo de matal-o ! E não posso deixar de chorar-lhe a morte! Pobre Porthos! »

O poema e o romance são as duas fórmas litterarias differenciaes, extremas, positivas. Tudo o mais — contos, odes, sonetos, peças theatraes são matizes, variações, gradações; motivos musicaes, apenas, porque as operas são elles. Ora o poema não póde respirar e medrar neste nosso meio de hoje, excessivamente despoetisado pela industria, pela sciencia e pelo epicurismo. Resta o romance. O romance é o grande instrumento de reconstrucção social. A principio foi camartello : destruio ; no seculo vindouro será escopro e trolha : construirá. O romance era fabula : hoje é historia e critica ; será philosophia amanhã.

Rio, 19—9—96.

V. M.



PRIMEIRA PARTE

I

FERNANDO E CORINA

— Vamos, *Sinhá*, vão se fazendo horas; disse Fernando Gomes, tomando o chapéu e a bengala.

— Já vou; estou quasi prompta; respondeu, do gabinete de *toilette*, uma voz moça e clara.

Fernando consultou mais uma vez o relogio: eram sete e meia. A entrada do *Orénoque*

estava annunciada para as dez, mais ou menos: não havia tempo a perder. E foi se dirigindo para a porta.

— Já encommendaste o carro, Fernando?

— Já, na cocheira da rua do Haddock Lobo, onde devemos tomal-o. Mas, vem d'ahi; senão perdemos este bonde. Eu vou para o portão esperal-o.

E, descendo a escada da sala de jantar, veio para o jardim.

Era uma esplendida manhã de Julho, fresca, vibrante de claridade e de gorgeios de passarinhos. Os cabeços da serra da Tijuca iam-se destoucando dos véus brancos da névoa, em que se envolveram para dormir, e o sol, acima de um d'elles, com o seu disco indistincto e refulgente, parecia um grande brilhante engastado na porcellana azul da abobada. Os seus raios, finos e nitidos, apenas tepidos, accendiam delicadamente todas as côres do iris nos crystaes do orvalho que aljofravam as folhas das roseiras, dos jasmineiros, das begonias, dos crotons; e os verdes tapetes de grama, talhados á ingleza, com uma elegancia severa e simples, pareciam cobertos de pó de prata.

Dois jardineiros solicitos faziam a primeira réga com o auxilio de longos tubos de borracha, de um lado e outro; e sob o chuvisqueiro fino, irisado de sol, as plantas verdes e tenras sacudiam-se, agitando os braços, erguendo as cabeças floreas, tomando no seu banho matinal forças novas para resistir ao calor fecundo do dia.

Era um jardim magnifico pela vastidão e pelo bom gosto no córte e disposição dos canteiros, — uns formando *corbeilles* variegadas, outros ellipses, losangos e meias luas; e de dentro do qual o chalé surgia garridamente, côr de rosa e branco, com a sua construcção simples, de um só pavimento, mas alto bastante, inteiramente circumdado por uma varanda larga sob a coberta leve, recortada em lambrequins de madeira.

Para traz ficava a chacara immensa, plantada de velhas e copadas mangueiras e muitas outras arvores de fructo, e nella, a uns cem passos do chalé, um outro, pequeno, muito alto, especie de mirante, que olhava para longe, Tijuca abaixo, por sobre o telhado d'aquelle. Fernando chamara-lhe o *Belvedère*, e

era nelle que ia installar o seu querido viajante, para o que o fizera mobilar a capricho.

Era uma das melhores vivendas da Tijuca, sobre um outeiro, junto á raiz da serra, tendo sobre tantas outras ainda a vantagem da facilidade da conducção, pois dispensava diligencia, carro ou cavallo, bastando o bonde e um pequeno trajecto de cinco minutos a pé.

Fernando dava uma ordem a um dos jardineiros quando Corina, descendo rapidamente, muito risonha, as escadas de pedra, num farfalhar de sedas novas, espalhando em torno uma onda de perfumes discretos, veio juntar-se ao marido:

— Ah! Cá estou. Nem sei como estou vestida! Se isto são horas de obrigar uma dama a sahir, senhor doutor Paulino! exclamou ella, erguendo com faceirice um dedo ameaçador na direcção do mar. E, voltando-se para o marido com um recúo ligeiro, abrindo os braços:

— Achas-me bem?

— Estás divina. Mas vamos.

— Sem café? esquecia-nos o café. Ahi vem elle.

Um mulato claro e alto, muito magro, com um avental branco, que lhe descia dos hombros aos pés, approximava-se com uma salva de xarão, em que se via um delicado meio serviço de prata para *petit déjeuner*. Corina trincou um biscouto e sorveu alguns goles de leite, emquanto o marido ingurgitava o cheiroso e negro café da sua canequinha branca.

— Prompto; desçamos.

Sahiram o gradil de ferro e desceram a collina, entre os dois renques de soberbas palmeiras. O bonde tilintou perto, embaixo. Apressaram o passo e tomaram-no.

— Quasi oito horas, *Sinhá*. Tenho receio que não cheguemos a tempo.

— Que idéia! Nem tão grande é a distancia!

E Corina calçava as luvas côr de perola, olhando, com desembaraço, um pouco para toda parte.

E' uma encantadora morena de vinte e um annos. Alta, bem lançada, cintura fina e cadeiras largas, peito farto, sem exaggero, sentindo-se-lhe a opulencia firme dos seios no offêgo brando do collo, adivinhado através da seda; braços longos, mãos pequenas, de dedos

afusados ; uma fragilidade e esbelteza de *fausse maigre*. A cabeça, de brasileira pura, alliando a garridice e a espiritualidade francezas ao encanto forte e quente das hespanholas nos olhos grandes, negros, admiraveis ; no nariz, a um tempo delicado e forte, de azas largas e palpitantes ; na boca, rasgada em sorriso, de labios carnudos e roseos ; no moreno avelludado da tez, de uma pallidez sensual, que parece arder de um fogo incessante do sangue, refluente ao coração.

E em toda ella, nos olhos, nos risos, nos gestos, nas falas, — uma alegria, uma ingenuidade, um capricho de criança.

Onde quer que apparecesse attrahia todas as attenções, accendia invejas nas damas, inflammava em desejos cúpidos os homens. Quando entrava em um bonde, enchendo-o com a sua mocidade e a sua formosura de Diana vestida pelo ultimo figurino de Paris, todos volviam-se para vel-a e corriam susurros.

Os homens que conheciam o marido apressavam-se em saudal-o para terem pretexto de olhar para a mulher com mais liberdade, e se ia no carro algum elegante, algum *leão* da rua do Ouvidor, uma especie de fluido electrico se

estabelecia entre ella e elle: sentiam-se, adivinhavam-se mutuamente, farejavam-se, por assim dizer, como no bosque espesso a corça e o tigre se presentem e se approximam — uma com a certeza do seu fim desgraçado, o outro com a segurança da sua força.

E se o acaso os juntava no mesmo banco, era um *telegraphar* imperceptivel de contactos subtilissimos: ora a manga do fraque d'elle roçando na manga do corpete d'ella, o joelho d'elle, que num movimento natural, toca ligeiramente nos estofos que resguardam a perna da dama; não se olham e, no emtanto, observam-se; não se falam, mas comprehendem-se.

E' uma especie de duello mudo, que se trava entre toda mulher formosa e *coquette* e os homens da moda e do mundo; duello terrivel, em que ella tem de defender-se heroicamente contra muitos adversarios, mais fortes e mais experimentados, e no qual se joga sempre a honra do marido, que não raro recebe um golpe mortal.

O de Corina, entretanto, não era dos mais animadores. Era um homem physicamente digno

d'aquella esplendida mulher — alto, robusto, espaduas largas, cabeça energica, sanguinea, respirando força e coragem pelos olhos francos, pela boca forte, pelo nariz grande e adunco. Usava bigode e soiças curtas e sedosas, de um louro escuro, e que elle anediava quasi constantemente. Representava ter trinta e seis annos. Socio de uma casa bancaria e interessado em varias emprezas industriaes, distribuia sem cessar a sua prodigiosa actividade por muitos negocios de especulação mercantil e transacções de Bolsa, em que fizera solida e prospera fortuna. Era conhecidissimo no Rio de Janeiro, cuja melhor sociedade frequentava, figurando infallivelmente em todas as commissões de festejos publicos e obras de caridade.

Havia tres annos apenas que desposara Corina, a sobrinha e afilhada do conselheiro Prestes, o abastado homem politico, um dos mais prestigiosos chefes do partido então no poder. O Conselheiro, não tendo filhos, concentrara naquella menina todas as suas affeições e esperanças, adoptando-a com sua esposa, a celebre Chiquita Prestes, de quem se contavam

aventuras escandalosas, em que figuravam até personagens de sangue azul.

Bonita, elegante, herdeira da fortuna consideravel dos tios, educada com excessiva liberdade e mimos demasiados, frequentando todos os bailes e festas, vivia a joven Corina assediada constantemente de adoradores, que se disputavam com encarniçamento uns aos outros aquella presa appetecivel.

Mas a propria liberdade em que a deixavam os padrinhos teve para ella uma vantagem — foi fazel-a conhecer ao justo o valor de cada um dos seus innumeros pretendentes. Ganhou fama de namoradeira; mas tambem adquirio a de conquista difficil, tantas foram as *tábuas* que distribuio, brincando e rindo, a muitos d'elles.

Gastou tres annos, dos 15 aos 18, nesses perigosos brincos de salão, estafando pretendentes nessa *steeple-chase* ao seu dote e á posse do seu corpo adoravel.

Mas aos dezoito annos, deixou-se prender e captivar. Encontrara Fernando em um baile do Cassino — valsando como um sylpho, conversando com espirito e fazendo-lhe uma côrte delicada e séria, sem pieguices. Sentio nelle

uma virilidade sadia e uma affeição firme e profunda : correspondeu-lhe.

Fernando, que de ha muito a seguia timidamente, através de todos os bailes, espectaculos e festas com uma sympathia crescente, sentio-se, por fim, tomado de um amor grave, fundo, irresistivel, por aquella perturbadora criança. E, com a sua vontade educada, que não conhecia impossiveis, resolveu que a desposaria.

Mui raro é que um amor sincero e grande, um amor verdadeiro — o amor, emfim — não desperte, não attraia, não gére, senão amor egual, ao menos uma affeição forte, uma sympathia accentuada, como o abysmo attrae o abysmo ; mui raro é que o amor não vença e não triumphe.

Dona Sinhá, — a frivola Corina, — a *coquette* borboleta do *flirt*, sentio-se attrahida de um modo estranho e poderoso para aquella viva e grande chamma que ardia tranquillamente a seu lado e deixou-se arrebatar para o carcere dourado do casamento pelos braços do seu valsista lepido e varonil.

Após tres mezes de noivado,—mezes deliciosos, em que a festa nupcial foi preparada entre

carinhos e devaneios, com mil pequenos cuidados e requintes, acabando cada uma d'essas noites de *oratorio* com um beijo casto e timido, mas em que os primeiros ardores do delirio da posse foram pouco a pouco entrando, — após esses tres mezes de sonho, realisou-se o casamento de Fernando Gomes com Corina Prestes na casa dos padrinhos, partindo os noivos na mesma tarde para Petropolis. Alli passaram a lua de mel, escondendo-a avaramente em um delicioso *cottage* no Alto da Serra, no qual só receberam a visita do Conselheiro e da esposa e a de Paulino, o seu maior amigo, a quem estimava como a um filho, e que dentro de duas horas ia estreitar nos braços, depois de uma ausencia de tres annos, em que fôra viajar e aperfeiçoar os seus estudos medicos na Europa.

Paulino embarcou para Bordeaux dois mezes depois do casamento do seu amigo e protector.

Para Fernando Gomes esses tres annos pareciam tres dias. No firmamento da sua felicidade sómente uma nuvem passou, toldando-o, mas passou ligeira, para não mais voltar — esperava-o.

Mas era bastante negra essa nuvem; foi grande esse primeiro desgosto.

Corina fizera-se abortar duas vezes; da primeira Fernando ignorou-o completamente; mas da segunda foi advertido pelo medico, que, ainda incerto quanto ao primeiro aborto, tivera certeza do segundo pelos profundos e inilludiveis effeitos por elle deixados na natureza delicada da moça, e julgara de seu dever informar o marido, em particular e com cautela.

Fernando teve uma scena violenta com a esposa — a primeira, mas que lhe deixou um vago pavor. A principio ella negou o facto, mas teve de confessar a verdade quando o marido lhe disse que fôra o proprio medico que lh'o revelara. Interpellada sobre o sentimento que a levara á pratica d'aquelle crime, de que ella não tinha, aliás, consciencia, considerando-o um acto licito, sem maior importancia: se era o horror ou o medo de ser mãe, respondeu isto — que desejaria ter um filho porém mais tarde, quando já houvesse gosado mais da existencia, que se sentia moça e forte, que gostava de divertir-se e que os filhos estragam as mulheres, acabam-lhes com a vida, condemnando-as

a toda sorte de trabalhos, desgostos e soffrimentos. E nos seus olhos immensos, marejados de lagrimas, lia-se o terror animal da dor, e nos seus gestos de desespero o aferro egoistico aos gosos faceis e brilhantes da vida mundana, — a todos os regalos do luxo, da moda, da convivencia.

Fernando, que esse golpe inopinado abatera, escreveu a Paulino longamente, expondo-lhe sem reservas o que se passara e pedindo-lhe o seu juizo a respeito. A resposta veio pela volta do paquete e restituio ao pobre homem a calma e a alegria que aquelle incidente lhe roubara.

Pensava o medico que fôra um acto de leviandade, uma criancice, apenas ; producto talvez de máos conselhos ; mas dizia estar convencido que ella não comprehendia absolutamente a gravidade, nem medira as consequencias do que fizera e que devia ficar muito espantada quando lhe dissessem que fôra um crime esse acto.

Paulino lembrava ainda ao amigo a deficiencia da educação moral que haviam dado á esposa, a qual, sahida do Collegio das Irmãs de

Caridade, de um meio de hypocrisia e disfarce, tivera como mãe, durante os tres annos que mediaram entre a sahida do Collegio e o casamento, a quem ? á famosa Chiquita Prestes ! e concluia aconselhando ao amigo que se lembrasse de tudo isso para não esquecer que devia pôr no seu amor conjugal um pouco do desvelo e da severidade de um pae.

Essa carta foi para Fernando, além de um suave conforto, uma revelação preciosa. Absorvido pelos seus negocios, depositando na esposa confiança completa, tendo um genio descuidoso, franco, pouco reflectido, incapaz de prever o mal, nunca ponderara os precedentes da esposa, o seu genio, a sua educação, os seus gostos, nem os perigos e os males que podiam vir da excessiva liberdade, sem nenhuma vigilancia, em que elle deixava aquella criança fogosa, travessa e mal educada.

Era tempo. A sua honra já era pasto da maledicencia publica em Petropolis, onde passavam os verões. Apontava-se como amante da formosa *Dona Sinhá* o joven e louro secretario da legação franceza Mr. de La Motte, seu par quasi constante de valsa, seu companheiro

habitual de passeios a cavallo, e de canto nos duettos ao piano. Fernando, sem alterar os habitos do casal de modo alarmante, foi restringindo habilmente o circulo das festas e modificou os seus proprios habitos de modo a ser muito mais assiduo junto á mulher—nos bailes e nos passeios. E como valsava e montava ainda primorosamente, recomeçou a valsar com a mulher e a fazer com ella longas excursões a cavallo.

Esse manejo, que não podia passar despercebido á sociedade dos veranistas de Petropolis, creou para Fernando uma reputação muito lisongeira de homem de espirito e finura e fez achar bastante comica a attitude enfiada e esquerda do louro Mr. de La Motte.

Assim, pois, apezar dos elementos sobrexistentes de perigo,—dos quaes o mais temivel era a amisade de *Santinha*, a famigerada mulher de Viriato de Andrade — as precauções despertadas por Paulino na sua carta providencial, intelligentemente postas em pratica por Fernando, garantiram-lhe a integridade da honra matrimonial e o respeito publico á sua bella cabeça loura, em que a luzidia cartola ou o leve

chile continuaram de assentar perfeitamente, até esta luminosa e fresca manhã de julho de 1889, em que o bello e invejavel casal partia do seu esplendido chalé da Tijuca para ir a bordo do *Orénoque* receber o seu querido e saudoso amigo Dr. Paulino José de Castro.

II

PAULINO

Graças á amabilidade do ajudante de guarda-mór da Alfandega, o prestativo e florescente Lyrio, conseguira Fernando a excellente lancha d'aquella repartição para ir a bordo do *Orénoque* buscar o seu amigo.

Iam nella tambem, e para o mesmo fim, a irmã e o cunhado do medico, com um filho, e o seu amigo o pharmaceutico Honorato Campos.

Áquella hora o sol, alto e largo, já bastante quente, punha uma palheta de platina fluida em cada onda, e como que estendia por sobre o mar, de tão alto, a sua cauda immensa de luz offuscante.

Junto ao caes apertavam-se aos encontrões innumeras embarcações miudas com os catraeiros em pé, gesticulando para as pessoas que estavam no caes e fazendo um alarido infernal.

— E' p'r'ó francez, patrão? Prompto.

— P'r'ó *allamão*, patrãosinho? E' comigo

— O' senhor! eu faço mais barato! Levo-lhe e mais a senhora a bordo do nacional por cinco *mal* réis. E' a *Fama de Neptuno!*

Passageiros desembarcavam de lanchas a vapor e de botes, carregados de malas e chapelleiras, numa confusão de typos das raças as mais diversas, com um ar atordoado, olhando e ouvindo sem falar.

A lancha, impulsada pela machina vigorosa, cortava como uma flexa a face do mar offegante, verde escuro, e em breve, aproando ao Poço, deixava para traz, num afastamento rapido, o caes dos Mineiros, a Alfandega, o arsenal, as docas.

Dona Sinhá agarrara-se fortemente ao braço do marido, muito medrosa, queixando-se das guinadas da lancha, arrependida de ter vindo.

— A senhora enjôa, *Dona Sinhá?* perguntou a irmã de Paulino.

— Muito, *Dona Benga*; é uma desgraça.

— Não póde olhar para um navio, mesmo pintado, sem deitar carga ao mar! — disse, rindo, Fernando.

Todos riram, principalmente a irmã de Paulino, que não perdia ensejo de mostrar os seus lindos dentes. Era uma mulher baixinha, muito gorda, mas com uma certa elegancia, apesar d'isso, por ser uma gordura proporcional; bellas côres, olhos pequenos, mas negros e inquietos; um ar de franqueza, actividade e bondade, que logo captivava.

O marido, Domingos Castrioto, chefe de secção na Secretaria da Agricultura, era um d'esses typos incolores, apagados, methodicos, que o habito longo e constante da burocracia acalcanha e descaracterisa, — uma especie de officio em branco, no qual a esposa escrevia á vontade. Tinham uma escadinha de filhos, a quem ella dedicava toda a sua existencia, com um affecto e uma abnegação commoventes.

O Dario, que os acompanhava, era o terceiro — um bonito petiz de oito annos, inquieto, espigado, tagarella, afilhado do tio e que, por isso, ia tambem a bordo recebel-o.

Desde que a embarcação largara, arremangou elle o braço direito, metteu-o na agua e deliciava-se com a frescura e o movimento d'ella.

D'alli a momentos Corina tinha vomitos. O pharmaceutico Honorato, muito gentil por systema com as senhoras, para obter a freguezia das familias, e prevenido sempre para estes casos, saccou do bolso um vidrinho, contendo um liquido branco, que deu a cheirar á doente, a qual melhorou de prompto, o que o fez explicar:

— Tambem é um preparado meu — o *elixir milagroso*.

— Milagroso, em verdade; hei de comprar-lhe alguns vidrinhos; disse Fernando, como agradecimento.

— Que navio é aquelle, papae? gritou o Dario, tirando de repente o braço da agua e respingando o vestido de Corina; o que fez a mãe exclamar:

— Que modos são esses, *Dadá?* Estás molhando a senhora.

— Ein, papae? insistio o menino, sem attender á reprimenda.

— E' um encouraçado, o *Aquidaban*, meu filho; fez a voz fanhosa e arrastada do pae.

— Lá está o *Orénoque!* gritou Fernando. Bello paquete!

Mais algumas braças e já se podiam distinguir as pessoas que estavam no tombadilho. Fernando poz-se em pé, fazendo viseira com a mão para ver melhor.

— Já o distingues? perguntou Corina.

— Ainda não, espera; agora. Lá está elle, encostado á amurada; olha, acolá, junto do ultimo escaler suspenso, de roupa cinzenta e chapéu preto molle. Vês?

E entrou a acenar vivamente com o lenço. O vulto, cada vez mais distincto, reconhecendo-os tambem, correspondia ás saudações. *Dona Benga*, que, ao distinguir o irmão, puzera-se a rir, a rir, chorava agora em silencio, sem cessar de sorrir, sem forças para agitar o lenço.

Dez minutos depois, subiam todos a escada do portaló e entravam no paquete, em meio de uma confusão indescriptivel.

Passou-se então uma scena tocante. Fernando e *Dona Benga* atiraram-se ao viajante e sem lhe darem tempo para articular uma palavra, o apertaram nos braços, cobrindo-lhe o rosto de beijos e lagrimas.

Castrioto olhava para aquillo com o seu ar apathico, com o sorriso e a dextra de promptidão, á espera da sua vez; Dario encarapitara-se na amurada e entretinha-se a observar o movimento dos botes e lanchas embaixo, junto á escada do portaló.

Corina tinha uma humidade brilhante nos olhos e a sombrinha tremia-lhe na mão enluvada.

Por fim desabraçaram-se os tres e Paulino enxugou vivamente os olhos.

Só então poude ver Corina. Tirou immediatamente o chapéu e estendeu-lhe as mãos:

— Oh! *Dona Sinhá!*

Esta, sem responder, estendeu-lhe as suas.

— Ora façam-me o favor de abraçar-se! Pois você vem de Paris e perde a occasião de beijar uma mulher bonita? exclamou Fernando.

Paulino obedeceu, apertando levemente ao peito o busto elegantissimo da moça e beijando-a nos cabellos.

Depois o medico e o pharmaceutico, antigos companheiros de estudos, abraçaram-se affectuosamente.

— Olha o Castrioto, meu irmão, e o teu afilhado, o *Dadá*. Mas onde está elle? *Dadá!* Que diabinho de criança!

— Oh! não o tinha visto ainda. Desculpe-me, Castrioto.

E o medico abraçou o cunhado, que tirara o chapéu, num acanhamento, muito atrapalhado com a commoção.

— Como está crescido o *Dadá!* Você lembra-se de seu padrinho? Qual! não se lembra. Ha tres annos! Trago para você um boneco ainda mais travesso que você.

— Bem, agora toca a safar. Onde estão as tuas malas de *cabine?*

— Aqui.

— Bem. Vamos a isto. O plano é o seguinte: almoçamos todos no *Globo*, depois as senhoras vão para casa e nós vamos á Alfandega tirar a bagagem.

Meia hora depois almoçavam todos no salão do *Globo*, onde Fernando havia de vespera encommendado o almoço. A mesa estava muito *chic*, toda coberta de flores; num grande *gateau* ornamental, ao centro, havia um anjinho de assucar erguendo uma bandeirola em que se lia

— *Bôas Vindas!* O recem-chegado sentou-se entre *Dona Benga* e Corina; do outro lado Fernando, Castrioto, Honorato e o menino.

O primeiro prato servido foi uma feijoada, preparada a capricho, que foi saudada com grandes acclamações e que Fernando obrigou a rebater com um golesinho de legitima *crioula* — para dar á scena toda a côr local.

— Faço questão que você se rehabitue desde já aos costumes patrios. Tres annos de *Estranja* quasi que desnacionalisam um homem. Mas, caramba! você volta-nos um rapagão, seu Paulino! Olhem-me para aquillo! Que bellas côres! que bigode petulante e que elegancia! Você vae ser o pesadelo dos maridos e o sonho dos paes que têm filhas casadeiras.

Paulino transformara-se de facto naquelles tres annos de ausencia. Partira um pouco debilitado e pallido, em consequencia dos estudos e trabalhos da formatura, e sem aquella *carrure*, aquelle ar sadio, robusto, desempenado. Muito moreno, ao partir, a côr abrira-se-lhe lá fóra, tomando um tom rosado, e em todo elle — no córte do cabello, no geito dos bigodes, no vestuario, nas maneiras, no modo de dirigir-se

ás pessoas, no de servir-se á mesa, nos menores gestos havia um ar novo e fino de distincção, essa especie de verniz que o simples contacto e a observação intelligente das civilisações européias, em constantes viagens, fazem insensivelmente adquirir.

Era um bello exemplar da raça esse homem. Mas o que o tornava encantador era a rara, a perfeita delicadeza de sentimentos e a direitura de caracter, que se sentiam, que *se viam* quasi, sob aquella varonilidade culta e na seriedade, na quasi austeridade que respirava a sua physionomia energica e serena.

Fôra sempre um rapaz serio, isto é, criterioso, ponderado, pacato, durante todo o tirocinio academico. Por isso adquirira a affeição dos mestres e dos collegas, tendo recebido d'estes a honra de ser o seu representante na ceremonia da collação do gráu.

Nascera no Rio Grande do Sul, de um magistrado pauperrimo e probo, a quem a mulher deixara cinco filhos, dos quaes só existiam tres, — Paulino, *D. Benga* e Adolpho. Este fizera companhia, em Porto Alegre, ao pae velho e quasi cego, aposentado em desembargador, até

seu fallecimento em 1888, havia trese mezes. Com grandes sacrificios conseguira Paulino formar-se, tendo sido obrigado a leccionar de dia e a rever provas á noite, na redacção de um jornal, para poder proseguir nos estudos.

Foi no terceiro anno do curso medico que Fernando o conheceu, apresentado por um amigo commum. Quiz o acaso que elles se encontrassem varias vezes, e uma tal affeição os ligou, que Fernando, solteiro e já abastado, obrigou o estudante a morar com elle e a acceitar-lhe a protecção, que elle, aliás, sabia dispensar sem vexame nem humilhação.

Foi ainda Fernando quem editou o seu primeiro livro — um estudo da influencia e do papel da mulher na sociedade, livro que levantou grande celeuma entre os criticos, pelo pessimismo que todos elles julgaram descobrir na obra.

E, finalmente, foi graças á influencia e aos esforços de Fernando que o Dr. Paulino foi nomeado pelo governo em commissão para estudar em Paris, Vienna e Berlim bacteriologia e hygiene.

A differença de edade entre os dois amigos era de dez annos, mais ou menos. Fernando

tinha 33 annos e 23 para 24 Paulino quando este recebeu o gráo de doutor em medicina; e esses dez annos de differença, juntos á protecção do mais velho pelo mais moço, davam ao affecto de Fernando por Paulino um quê de paternal, que muito agradava áquelle.

Esse tom paternal não impedia, comtudo, que os dois amigos tivessem a maxima familiaridade e franqueza um com o outro e varias vezes entrassem nessas alegres partidas de prazer proprias de rapazes sem familia e das quaes os amores faceis constituem quasi todo o programma.

Paulino era o que os francezes chamam *un homme à femmes*. Temperamento callido e nervoso, constituição forte, adorava a mulher, isto é, todas as mulheres capazes de dizer-lhe aos sentidos alguma cousa nova.

Inimigo irreconciliavel do casamento, — que elle considerava uma instituição absurda por anti-natural e hypocrita, sendo o homem polygamo, como é, por natureza e habitos e pela dissolução dos costumes contemporaneos, — achava a mulher indispensavel á vida physica e intellectual do homem, só lhe admittindo

a influencia moral quando mãe, não como companheira, e menos ainda como esposa.

Coherente com as suas doutrinas, tendo horror ao matrimonio como ao *collage*, mudava de amantes como de gravatas, escolhendo sempre aquellas como escolhia estas — entre as mais novas e mais bonitas. Não admittia nem perdoava ao homem que conspurca um leito matrimonial : perdoava á mulher, «ente irresponsavel, que o nosso egoismo estragou completamente, reduzindo-a á eterna servidão physica e moral » (palavras suas), mas ao amante, não. Este tem centenares de mulheres livres deante de si para saciar os appetites da besta ; não tem o direito de desejar aquellas que, por força da convenção e do preconceito embora, têm um senhor, um dono. « A mulher é cousa do marido; ha tanto o direito, para um terceiro, de se servir d'ella como de um objecto d'elle — o guarda-chuva, a carteira, as lunetas...» dizia elle.

Estas idéias extravagantes tinha-as Paulino exposto e desenvolvido, em grande parte, no seu livro *A Mulher*, que tantos ataques lhe trouxe, e divertiam muito o seu amigo. Mas o que é

verdade é que frei Thomaz fazia o que prégava. No *demi-monde* as mulheres tinham, por fim, medo d'elle, porque sabiam que d'aquelle bello e robusto rapaz nada havia a esperar senão algum dinheiro e algumas noites de goso; — affeição, *rabicho* (como ellas dizem) isso nunca. E' que ellas tambem têm o seu orgulho e o seu amor proprio e não podem, sem se sentirem offendidas nesses pontos melindrosos da alma, admittir essa invulnerabilidade desdenhosa, essa couraça protectora do coração masculino.

Tanto queria como temia as mulheres, e se por todos os modos e a todo custo evitava apaixonar-se, se procurava conservar o coração alheio aos seus caprichos sensuaes, era porque tinha a intuitiva certeza de que se tivesse um amor, entregar-se-ia a esse amor inteiro, cégo, com delirio, com loucura, prompto a sacrificar-lhe tudo, a começar pela vida.

Ora, justamente, no correr do almoço, quando os vinhos, varios e bons, já tinham posto nas linguas e nos espiritos essa alegria communicativa e indiscreta, propria d'esses momentos e que constitue um estado bastante agradavel e innocente com a condição de não subir nem

mais um ponto, Fernando Gomes perguntou, de repente, ao seu amigo, com um pisco de olho malicioso:

— E no capitulo mulheres, que tal? Você, com essa côr morena e esses olhos e cabellos negros, devia fazer furor! Muitas aventuras? Talvez alguma *paixonite*, ein?

Paulino rio-se sem acanhamento e respondeu com perfeita naturalidade:

— Você esquece-se de que sou invulneravel. O coração conservou-se mudo e calmo, como até então e como até agora.

— Mas um capricho, uma sympathia passageira... nem isso ao menos?

— Ora, meu caro Fernando, isto é uma confissão em regra! Não me recuso á confissão, nem rejeito o confessor; mas exijo, apenas, o sigillo do confessionario.

— Percebo: as senhoras acanham-te. Mas repara que ambas são casadas; depois uma é tua irmã e a outra...

— Perdão, ambas são minhas irmãs; não é verdade, Corina? fez Paulino, voltando-se todo para a sua visinha e procurando-lhe os olhos.

Dona Sinhá desviou-os com um certo embaraço, mas respondeu com voz clara e um sorriso breve:

— De certo; pois que haviamos de ser?

— Ora muito bem, se assim é, não ha nenhuma razão para você se fazer de santo; vá, faça confissão, á puridade, dos seus peccados de amor na Europa; tornou Fernando, enchendo a taça do amigo e a sua de vinho espumante.

— Foram tão veniaes que nem vale a pena confessal-os.

— Pois sim, mas vá confessando sempre; exclamou *Dona Benga*, em cujos olhos, de ordinario risonhos, ridentissimos agora, brilhava uma curiosidade viva, picante de malicia.

Dona Sinhá nada dizia e o seu sorriso parecia contrafeito; as suas faces, que a excitação do almoço havia rosado, estavam agora ligeiramente pallidas. Dir-se-ia que o assumpto lhe dava um constrangimento sem razão, que ella propria não poderia explicar.

— Peccadilhos sem importancia, repito. Uma dansarina aqui, uma *grisette* acolá...

— E parece-lhe que foi pouco? perguntou Corina com a voz um pouco tremula.

Tão estranho pareceu a Paulino o tom d'essas palavras, que olhou para ella, admirando-se muito de vel-a com um ar serio, muito esquisito em meio do ar alegre de todos, e um véu de humidade nos olhos. « Fui inconveniente, não ha duvida, e feri-lhe o pudor com as minhas revelações. Fui desastrado! » E alto, com muita solicitude:

— Peço-lhe mil perdões de havel-a melindrado com as minhas inconveniencias. Mas a culpa é de seu marido, que me obriga a commettel-as. E para o amigo :

— Você, decididamente, põe a minh'alma no inferno.

Mas Fernando, rindo-se muito :

— Isso é scisma tua; *Sinhá* não se offendeu, nem tinha de que. Se você até foi discreto de mais! Mas vamos, dize cá: de toda a tua collecção de mulheres, qual foi a que mais te agradou, a que mais viva impressão te deixou no espirito? A hespanhola? a franceza? a italiana?

— *Ah! mais non, ça c'est trop fort! Assez de bavardage, voyons!* exclamou Paulino ; e pela espontaneidade com que a phrase franceza lhe saltou da boca via-se que a não dissera propositalmente, por *pose* ou pedanteria

Dona Sinhá, ou sinceramente ou para afastar uma suspeita que lhe não agradava, interveio, tardiamente mas já senhora de si, com um sorriso encantador enflorando-lhe os labios :

— Que idéia! Eu, offendida! e porque? Se o doutor nada disse de inconveniente, que uma senhora nas minhas condições não pudesse ouvir!

— Mas, afinal, para um homem com aquella côr e aquelles olhos dez conquistas por dia não seria muita cousa! exclamou Fernando, rindo gostosamente.

Todos riram com elle, excepto Corina, que enrubeceu até á menina dos olhos, e o medico, que disfarçou como poude a confusão que lhe fizeram aquellas palavras. Honorato cessou de rir para murmurar ao ouvido do impassivel e taciturno Castrioto:

— O Fernando apanhou uns *chuviscos*. Se continúa a beber, temos uma pancada d'agua de alagar tudo. E, dizendo isso, tinham os seus olhos um quebranto de somnolencia muito caracteristico.

III

NOVAS FIGURAS

A festa com que Fernando Gomes celebrou na sua vivenda principesca o regresso feliz do seu amigo foi digna de ambos. Homem de gosto educado, prompto a gastar largamente sempre que o julgava necessario, eram notaveis as festas por elle offerecidas ou organisadas, por serem brilhantes e completas: tudo o que tinham era superior e nada lhes faltava. A d'essa noite, na opinião dos convidados, não desmerecia das anteriores.

O aspecto exterior da casa deixava nos passageiros dos bondes a visão rapida de um castello fantastico em noite de festim. Por toda a

alameda de palmeiras que da rua levava ao chalé subiam dois renques de grandes, variegados e brilhantes lampeões venezianos, e o predio, no alto da collina, illuminado esplendidamente a giorno, desapparecia sob as lanternas, globos e folhagens, num amontoado de côres e fulgurações, destacando no seio tenebroso da noite como um coagulo multicôr de luz.

No cimo do *Belvedère* queimavam-se de quando em quando magnificos fogos de bengala : verdes, vermelhos, roxos, brancos, que banhavam de repente e durante um ou dois minutos na mesma tinta fulgurante os mattagaes que cobrem os montes circumjacentes e os telhados e paredes das casas semeadas na encosta e no valle.

Em um dos pavilhões chinezes do jardim tocava uma banda de musica allemã, e as estrepitosas peças do seu rico repertorio não eram desaproveitadas — um enxame de crianças, numa variedade encantadora de tamanhos e de vestuarios, dansava-as sobre a areia branca, em meio de uma algazarra de risos, gritos e cantos capaz de desensurdecer um surdo.

Desde as nove horas começara a entrada dos

convidados, a maioria dos quaes transportados em carros particulares ou de cocheira. O salão principal, vasto e quadrangular, forrado de um rico papel vermelho e ouro, fartamente illuminado pelo grande lustre central, apresentava ás onze horas um aspecto deslumbrante. Mais cortinas e reposteiros, um pouco mais de *pose* nos homens e de decote e pintura nas mulheres, um criado hirto annunciando os convidados—e dir-se-ia um baile no *faubourg Saint-Germain*.

As senhoras, umas sentadas nas cadeiras appostas ás paredes, outras passeando pelo braço dos seus cavalheiros, algumas decotadas e com longas caudas, abanando-se languidamente com vastos leques de pennas ou com pequeninos leques de madreperola, offereciam com as suas *toilettes* de todas as *nuances* o aspecto de uma exposição de flôres, de que uma brisa suave fizesse mover-se algumas.

Fernando e a esposa recebiam com uma graça e uma distincção perfeitas.

Ella vestia um maravilhoso vestido de *faille* côr de creme, bordado a matiz de botões e folhas de rosas soltas, com tufos de fitilhos *grénat* nos

hombros, na cinta, nos apanhados da saia. O decote estreito e fundo deixava a descoberto as espaduas olympicas e o começo do angulo convexo dos seios; os braços longos e nús, admiravelmente torneados, tinham a apparencia de pescoços alvissimos de cysnes. Multiplicava-se graciosamente para attender a todos com um cuidado ou um comprimento.

Fernando estava no seu correcto e fino terno de casaca do Raunier com uma elegancia e naturalidade de grande mundano que o envergasse todas as noites, e secundava a esposa activamente nas honras da casa, não se cansando de apresentar o seu amigo, objecto da festa, a quantos o não conheciam ainda.

Uma das primeiras apresentações foi a do casal Viriato de Andrade. Elle—quarenta annos, baixo, forte, cabeça grande, grossos bigodes pendentes, olhos suinos, ar massudo, gestos pesados, poucas falas, risadas raras, mas destemperadas, descortezes. Ella—trinta e cinco annos que parecem trinta, alta, quasi gorda, seios e quadris opulentos, cara apenas bonita, mas de traços grosseiros, olhos castanhos, humidos e brilhantes, boca espessa e sensual.

As relações entre esses dois casaes foram feitas num baile do Club do Engenho Velho, ha cerca de um anno, e estreitaram-se rapidamente, sobretudo do lado das mulheres, que se tornaram amigas intimas, devido ao poder extraordinario de insinuação e de agrado de *Santinha*,—que tal era o appellido da esposa de Viriato,—e a haverem os respectivos maridos tido transacções commerciaes frequentes e vantajosas a ambos.

Essa amisade causou estranheza na roda de Fernando, porque o casal Andrade quasi não tinha relações, tão mal reputado era, correndo a seu respeito os mais deshonrosos boatos.

Dizia-se geralmente que *Santinha*, pertencente a uma abastada familia de Pernambuco, havia sido deflorada aos dezeseis annos por um cunhado, o qual fallecera, mezes depois, das consequencias de uma queda. A familia procurou um sujeito accommodaticio que encampasse a avaria da menina com o casamento, e encontrou-o em Viriato, homem pobre, sem officio nem beneficio, mediante um dote de trinta contos de réis. Sete mezes depois do consorcio, dava *Santinha* á luz um menino; mas queriam

ainda os boateiros que, se se fizesse bem a conta, dia por dia, se chegaria a verificar que o pimpolho tivera a gestação extraordinaria de seis mezes. Essa criança morreu com tres annos.

Com o dote da mulher entrara elle de socio em uma boa casa de couros curtidos do Rio de Janeiro, de que era hoje o socio commanditario, possuindo varios predios de boa renda e jogando na Bolsa forte e bem.

Mas os boatos não paravam alli; asseguravam elles ainda que *Santinha* enramava o marido com enthusiasmo e sem fadiga, com amantes successivos e, algumas vezes, simultaneos.

Fernando, ao principio, de nada sabia, e quando alguns dos boatos lhe chegaram ao conhecimento, já as relações eram tão estreitas e elle achava o amigo um homem tão sisudo, de costumes tão austeros, que julgou tudo calumnias de invejosos e despeitados. Não era homem que facilmente acreditasse no mal, repugnando-lhe a deshonestidade instinctivamente. E a amisade continuou, radicando-se mais.

Santinha fez ao joven medico um acolhimento excessivamente caloroso e cordial:

— Conhecia-o immenso de nome, e do modo

mais lisongeiro. *Dona Sinhá* não se cansava de fazer-me o seu elogio — que era assim, que era assado... maravilhas! Vou agora verificar até que ponto eram justos os seus gabos. E tomou-lhe familiarmente o braço, estreitando-o um pouco de encontro ao seio e levando assim docemente o seu cavalheiro a dar um gyro com ella pelo salão.

— Oh! minha senhora, receio muito que V. Ex. tenha um desengano completo. *Dona Sinhá* deixa-se cegar pela amisade de irmã com que me honra e d'ahi pintar-me a seus olhos com côres e traços que infelizmente não possuo. O prejudicado sou eu e sem poder queixar-me!

— E' o que veremos.

Paulino julgou ter sentido um movimento de mais estreito aconchego no braço da sua dama, o que o levou a encaral-a. Ella tinha justamente os olhos erguidos para elle com uma expressão singular, que elle não ousou traduzir logo: naquella humidade luminosa de quebranto e meiguice boiavam promessas vagas de goso immenso.

« Homem, esta! Dar-se-á caso que esta mulher...? Era o que me faltava!...» monologava

entrecortadamente o pensamento d'elle. E alto, para fazer derivar a conversa:

— Uma bella reunião, esta. Creia, minha senhora, que não as vi mais brilhantes nas grandes capitaes européias.

— Ardia por ouvil-o a respeito das suas impressões de viagem. Diga-me: qual d'essas capitaes lhe agradou mais?

— A resposta não é facil, minha senhora. Cada uma d'ellas é inegualavel em alguma cousa, tem as suas bellezas ou qualidades especiaes e peculiares; cada uma d'ellas é *unica* a um certo respeito: — Roma pelos monumentos, Madrid pelos passeios e jardins, Lisboa pela posição topographica, Londres pela grandeza, Haya pelo asseio e frescura, Vienna pela belleza e harmonia das construcções, Paris...

— Ah! fale-me de Paris. Eu adoro Paris e desespera-me a idéia de morrer sem lá ir. Fale-me de Paris!

— Paris tem um pouco de cada uma das cousas que celebrisam as outras grandes cidades e tem muitas cousas que nenhuma d'ellas tem, como por exemplo: a alegria da população, o *chic* das mulheres, a facilidade de tudo se

obter promptamente com dinheiro, a Comedia Franceza, a Avenida dos Campos Elyseos, a Venus de Milo... Muito longe iria eu se tivesse de enumerar todas as cousas que só Paris tem e que só ella offerece ao estrangeiro. Só se admira essa cidade com inteira justiça, como ella merece, quando d'ella a gente se ausenta, e só se mede o quanto nos captivou, o quanto lhe queremos, quando a ella voltamos. É a cidade ideal para todos: para o sabio como para o *viveur*, para o millionario como para o miseravel. O Trabalho e o Prazer andam pelas ruas e pelos *boulevards* esplendidos de braço dado, amigos inseparaveis que são, dando aos mais indolentes o desejo imperioso de trabalhar muito para muito gosar.

Estas cousas está as dizendo agora o medico á sua dama, parado com ella junto ao buffete, em que lhe fôra offerecer um refresco. Insensivelmente uma roda de ouvintes, homens e mulheres, fôra-se formando em torno d'elle, attrahidos pela curiosidade, entre os quaes Castrioto com a mulher, que sorria embevecida e orgulhosa de ouvir o irmão, e o proprio dono da casa; mas, não tendo reparado naquelle auditorio

fortuito, Paulino continuava com ar natural e um calor de expressão communicativo :

— E, depois, que intuição artistica prodigiosa a d'esse povo! As mulheres pobres vestem-se com um trapo; mas um piparote dos seus dedos magicos dá a esse trapo uma elegancia e um *chic* encantadores, e as ricas tiram aos velludos e ás sedas parte da brutalidade insolente do luxo d'esses estofos caros imprimindo-lhes uma simplicidade e uma graça deliciosas. Paris concede aos milhões o direito de deslumbral-a com a condição, porém, de terem espirito, não admittindo o dinheiro estupido, a riqueza sem intelligencia.

— Mas é um povo frivolo, todo de superficie ; objectou a um lado uma voz de homem.

Era o pharmaceutico Honorato, que dera aquelle aparte para chamar a attenção de *Santinha*, a quem andava fazendo uma côrte platonica, de longe, havia algumas semanas, e queria aproveitar aquella occasião, a primeira em que se encontravam juntos.

— Frivolo ! Frivolo porque é alegre, superficial porque é artistico, inconstante porque é enthusiasta, ignorante porque é simples ! Ora ahi está ! Um povo que dá á Sciencia, ás Lettras

e ás Artes tantos e tão grandes vultos, esse povo é tão serio, tão fecundo, tão grande, tão forte, tão nobre como o allemão, o inglez ou o russo. Frivola e ignorante a França! Entretanto é na França que todas as grandes idéias, quando não nascem, são baptisadas; é pela França que têm de passar forçosamente todas as grandes descobertas scientificas, todas as novas idéias moraes, todas as reformas politicas, todas as escolas litterarias, para que possam conquistar o mundo. Querem a imagem da França? E' a Torre Eiffel. Vista de longe é um *joujou*, uma filagrana, uma tetéia recortada em papel Bristol: approximem-se e encontrarão uma formidavel móle de ferro, que desafia as tempestades do céu e os ultrages dos seculos!

— Bravos! Bravos!

— Muito bem!

— Muito bem! exclamaram varias vozes em torno.

Estes applausos chamaram o medico á realidade da sua situação, que elle, recem-vindo de meios sociaes em que ella seria completamente risivel, achou ridicula, tão ridicula que se calou,

enrubecendo fortemente, e procurou um meio de safar-se d'alli o mais depressa possivel.

Veio trazer-lh'o, sem o saber, *Dona Sinhá*, que chegava em procura d'elle.

— Venho buscal-o, doutor Paulino. Papae e mamãe chegaram ha pouco e desejam vel-o.

Paulino offereceu-lhe o braço com açodamento e afastou-se com ella, ainda enfiado da scena, esquecendo completamente *Santinha*, que, despeitada, mordia os labios. Mas Honorato veio-lhe em soccorro, offerecendo-lhe o braço para reconduzil-a ao salão e dizendo-lhe logo, á queima-roupa, como quem sabia com quem tinha de haver-se:

— Ah! minha senhora, com que anciedade eu esperava este momento de ventura!

E como a orchestra atacasse uma valsa de Strauss:

— Tem par para esta valsa, *Dona Santinha*?

Paulino sahio, com Corina pelo braço, da sala do buffete, cheia de rumor e confusão, e entrou na sala contigua ao salão de baile, pelo corredor largo e extenso por onde iam e vinham os convidados, sem trocar uma palavra com a mulher do seu amigo.

Sentia-se levemente perturbado por uma especie de indefinido mal estar, que elle não poderia dizer se era physico ou moral, um estado confuso e complexo, em que havia inquietação, desejo e reluctancia.

Mas acabava de avistar o conselheiro Prestes e a mulher, sentados em um canapé, conversando com outro casal—um velhinho, muito branquinho e muito pequenino, e uma matrona enorme, pomposa.

— Oh! como está mudado o seu padrinho!

— Não é? acudio Corina. Muito acabado! Tem envelhecido rapidamente, é uma differença espantosa de dia para dia; entretanto não se queixa, nem parece estar doente. Vae definhando aos poucos.

Nesse momento chegavam em frente aos dois casaes, entretidos a conversar, e então Corina, erguendo a voz:

— Cá está o nosso viajante, papae.

O Conselheiro volveu para elle o seu rosto magro e livido, que as barbas grisalhas mais alongavam, e em que os olhos morriam lentamente, como lampadas cujo azeite vae seccando; ergueu-se com alguma difficuldade e

estendeu-lhe as mãos com um arremedo de sorriso amavel.

— Oh! Dr. Castro, folgo immenso de vel-o entre nós novamente, e forte, bem disposto.

— Agradecido a V. Ex. e creia que o meu prazer em tornar a vel-o é egualmente grande; e voltando-se para D. Chiquita:

— E quanto a V. Ex. permitta-me que lhe beije a mão, grato sempre á sua inestimavel bondade para commigo; e, curvando-se, beijou-lhe galantemente a mãosinha gorducha, apertada na luva branca, cortada no punho por um scintillante bracelete de brilhantes e esmeraldas.

— Como nos volta bonito e galanteador o nosso Paulino! Se eu tivesse vinte annos menos apaixonava-me pelo senhor, sabe?

— E' a sua benevolencia que me empresta dons que não possuo.

— Que saudades nos fez! Falavamos sempre na sua pessoa; o Fernando dava-nos frequentemente noticias suas e transmittia-nos os comprimentos que tinha a bondade de nos mandar.

— A bondade não, minha senhora: o dever.

— Quando vae jantar comnosco? Olhe, quero que me destine uma tarde e uma noite inteirinhas

para me contar miudamente as suas impressões de viagem.

— Com todo o gosto, minha senhora.

O conselheiro Prestes interrompeu-os nesse momento para apresentar Paulino ao desembargador Vidoeira — o velhinho muito branco. D. Chiquita Prestes puxou para si a afilhada, fazendo-a sentar de leve na ponta do canapé, emquanto o medico, do outro lado, tomava uma cadeira e entretinha-se com os dois velhos.

— Elle não teria deixado alguma paixão lá pela Europa ?

— Sei lá, mamãe ! Que pergunta ! volveu a moça, rindo-se.

— É impossivel que não tenha inflammado algum coração de italiana. São tão ardentes as italianas ! Hei de perguntar-lh'o, deixa estar.

Era uma mulher de quarenta e dois annos, que empregava todos os recursos da arte e do artificio para os reduzir a trinta. Uma perfeita boneca de armazem de « confecções » — espartilhada a estalar, penteada a primor, alva, corada, labios carmineos, dentes deslumbrantes

e falsos, olhos vivaces, cuja grandeza e brilho um lapis especial todas as manhãs augmentava, orelhas que pareciam conchas de nacar.

Era ainda um pouco appetecivel a famigerada *Chiquita Prestes*, de tão escandalosa tradição: naquelles destroços da passada formosura havia ainda com que attrahir seductores fatigados da inexperiencia e da ingenuidade das muito novas, *blasés* que no amor já não buscam mais do que um certo « saber, de experiencias feito, » convictos de que isso vale mais que verduras por educar. E, a dar credito aos boatos das salas, aquella magestade decadente continuava tendo subditos fieis que lhe rendessem o devido preito.

O marido, — veneranda reliquia de um glorioso passado politico, cujo mais bello florão era a confiança illimitada e a estima particular do Imperador, — o marido ia envelhecendo e morrendo suavemente, sem nada ver, sem nada ouvir, sem sentir sobre a cabeça, outr'ora altiva e firme, hoje tremula e pensa, o peso das aventuras da esposa.

Após cerca de meia hora de conversa banal, Corina, levemente entediada, como a

orchestra começasse uma valsa de Metra, perguntou a Paulino :

— Não valsa ? D'antes não dansava. E agora ?

— Ah ! minha senhora ! a Europa perverteu-me, ensinou-me todos os vicios ! Agora danso ; danso tudo : desde o solo inglez até á *giga* e á *jota* !

— Ha de dansar isso um dia para eu ver, lá em casa ; acudio Chiquita. Mas não perca a valsa : quero ver esse *chic*.

E levantou-se para acompanhal-os ao salão.

Paulino calçou as suas luvas côr de perola, enlaçou levemente a dama, e eil-os que partem gyrando. Valsou tão bem, com tanta correcção, elegancia e donaire que attrahio as attenções geraes : nas portas apinhavam-se os curiosos e alguns pares deixavam de dansar para admiral-os tambem. Mas em um grupo de rapazes não era a admiração o sentimento dominante.

— Olhem que pedante ! commentava um d'elles, o Miranda Junior, um magricella com ar de cegonha, que se tinha na conta de « leão das salas ». Calçou as luvas para dansar !

E se aquillo algum dia foi valsa, afastado meia legua da dama ; e é cada passada !

— É para mostrar que chegou da Europa, o tolo ! confirmou outro elegante, o *Jangóte*, baixinho, de grande cabelleira romantica e um ar fatal de Manfredo nas maneiras, no olhar, nas melenas.

— Vocês o que estão é com inveja, confessem ! exclamou Honorato, acudindo em defesa do amigo. Aprendam com elle. andem, aprendam. Vejam que elegancia, que distincção, que correcção !

— Ora vá fazer pilulas ! praguejou o *Jangóte*, furioso.

A verdade é que o heroe da festa estava fazendo um successo colossal. As mães de moças solteiras acompanhavam-no com olhares cubiçosos e diziam aos maridos que se lhe fizessem apresentar, e, uma vez a apresentação feita, eram offerecimentos de casa, protestos de estima, convites, etc.

A familia do Dr. Mello Peixoto, essa então atormentou-o durante um terço da noite. Compunha-se de seis mulheres — a mãe e cinco filhas ; — o pae, nunca ninguem o via em bailes,

festas ou passeios : não acompanhava nunca a familia a divertimentos. Sabia-se vagamente que era advogado e viera do Norte. Tinha onze filhos — aquellas cinco mocinhas, mais duas meninas e quatro rapazes. Ninguem o via nem de dia nem á noite pela razão simples de que as noites passava-as elle jogando e os dias dormindo. As filhas andavam saracoteando de baile em baile, de *soirée* em *soirée*, muitas vezes até sem a mãe, que ficava em casa tomando conta do resto da ninhada.

Eram as *Peixotinhas* cinco raparigas mais ou menos da mesma altura, um pouco menos que mediana, morenas, muito parecidas todas com a mãe, a mais velha das quaes tinha vinte e dois annos e a mais nova quatorze.

A mãe, do mesmo corpo das filhas e mais bonita que algumas, confundia-se com ellas, parecendo ser apenas a irmã mais velha.

Dansava tambem e com egual enthusiasmo, como se tambem procurasse noivo.

Eram conhecidas geralmente as cinco irmãs pelos seus nomes familiares—*Biloca, Milú, Filó, Lili* e *Tetéia*. Os homens mesmo as tratavam

assim, apenas com a precedencia de um *dona* respeitoso : *Dona Filó*, *Dona Tetéia*, *Dona Milú*, etc.

A familia do doutor Peixotinho era convidada para todos os bailes, sempre; o que se comprehende facilmente : só ella fornecia pessoal para uma quadrilha; era uma garantia de exito.

O pobre Paulino teve de dansar com todas, inclusive a mãe, que o fez prometter visital-a muito breve.

— Pobre Dr. Castro ! disse-lhe *Santinha* tomando-lhe o braço, quando, lá para o fim da noite, elle ia refugiar-se na sala de jogo. Que tarefa e que massada, ein ? Dansar com toda a familia !

— Muito interessantes estas meninas ; respondeu elle sem convicção.

— Sabe que sou intima amiga de *Dona Sinhá ?* perguntou ella, após uma curta pausa.

— Sabia que eram amigas. . .

— Somos intimas ; não temos segredos uma para a outra.

— Folgo muito ; respondeu o medico, sem saber que dizer.

— No domingo proximo ella e Fernando vão jantar em nossa casa. Peço-lhe que vá tambem; não falte!

— Não faltarei.

Entraram na saleta de jogo. Em uma das mesas, Fernando, Viriato e mais dois convidados jogavam o *poker*. Havia dois pequenos divans de marroquim. Em um d'elles arrulhava um casal de noivos, que alli viera refugiar-se, acossado pelo rumor e movimento das salas. Não se falavam quasi; tinham as mãos enlaçadas e olhavam vagamente para os jogadores com olhos cheios de tedio e de uma ternura cançada.

— Olhe, acolá, que idyllio! Estão assim agarrados um ao outro desde o principio do baile.

— Quem são?

— Pois não vê? São noivos; casam-se para o mez.

— Devem divertir-se muito! disse o medico com um sorriso.

— Porque não, se se amam? Não crê no amor? perguntou *Santinha*, sentando-se no outro divan e obrigando-o, d'essa forma, a sentar-se tambem.

Elle olhou-a com certo ar de surpresa. A appetecivel trintona apresentava nos olhos quebrados, nos labios entre-abertos e na attitude abandonada indicios evidentes de querer discutir o assumpto tanto no terreno theorico como no pratico.

— Se creio no amor? respondeu o interpellado, procurando as phrases com cautela. Sim, minha senhora, creio no amor como creio na sorte grande: um numero premiado entre milhares de numeros brancos.

— Que scepticismo! exclamou ella.

— Que topête! pensava elle, lembrando-se que aquella mulher estava alli a provocal-o a dois passos do marido, todo entretido a *blefar* no seu *poker*.

E a conversa continuou sobre o mesmo thema, muito a contra gosto de Paulino, que não sabia como safar-se.

Felizmente, alguns minutos passados, assomou á porta a figura de Corina. Procurava evidentemente alguem, e que era o medico, mostrou-o vindo logo a elle. Quando o vio naquelle canto em colloquio intimo com a sua amiga, uma contrariedade carregou-lhe o

semblante e fel-a morder levemente os labios; mas, disfarçando logo, dirigio-se aos dois :

— Ah ! estavam aqui ? Bem podia eu procural-os. Dr. Paulino, póde fazer-me um favor ?

— Mil, *Dona Sinhá* ; e ergueu-se.

— Consente que o apresente a um amigo nosso que deseja conhecel o ?

— Como não ? com todo o prazer.

— E' o barão de Santa Lucia. Um moço distinctissimo, muito viajado. Vamos ?

Paulino estava bastante embaraçado, não sabendo que fazer—á qual das duas dar o braço. Por fim offereceu um braço a cada uma. Chegando á sala, *Santinha*, que vira Honorato em disponibilidade, deixou o braço do medico, murmurando um « com licença » muito secco, e foi tomar o do pharmaceutico, perguntando-lhe :

— Póde fazer-me o favor de conduzir-me ao buffete ?

E emquanto seus labios proferiam essa phrase banal, no seu cerebro este pensamento desenhava-se nitidamente e repetia-se com insistencia : « Queres disputar-m'o ; bem vejo. Mas não será tua a victoria. »

Que idéias estranhas nascem, que monstruosos planos se formam num cerebro de mulher, emquanto a sua boca risonha fala de flores, de poesia, de amor, das cousas mais apraziveis e mais innocentes !

IV

PRIMEIROS SYMPTOMAS

Paulino ficou encantado com a installação que no *Belvedère* lhe preparara o amigo.

Mas não só este, que bem se adivinhava a mão leve e intelligente de uma mulher de gosto e educação na escolha de alguns moveis, e sobretudo na d'esses pequenos objectos intimos indispensaveis a um homem de tratamento: escovas, pequenos espelhos, estojo de unhas, porta-jornaes, *vide-poches*, porta-relogio, cinzeiros, etc.; tudo isso disposto com apparente descuido, mas com requintado instincto artistico.

Da cama, — de um gosto antigo, de columnas altas e torsas, sustentando um laquear do tamanho do proprio leito, e acolchoado de setim azul, — podia o hospede, ao acordar, estender e passear os olhos, cançados de somno, pelo paradisiaco panorama que d'aquella elevação se desfructava.

Uma campainha electrica ligava o *Belvedère* ao chalé, para chamar os criados; precaução intelligente, mas que pouco serviria, por haver o medico trazido o seu *valet de chambre*, o Alfred, — um rapaz de trinta annos, de bigodes louros e olhos azues, ar felino, cheio de *ruse*, e a quem foi dado o outro quartinho contiguo ao do amo. Esses dois quartos, uma sala-gabinete e um vão, no tecto, para malas e caixas, eram todos os commodos do *Belvedère*.

Na sala-gabinete nada faltava — havia uma mesa central, redonda, uma excellente secretária americana, meia mobilia do mesmo typo, e estantes envidraçadas, esperando os seus futuros moradores.

— Então você tinha decretado a minha residencia aqui, sem mesmo consultar-me? perguntava o medico a Fernando no dia seguinte.

— Sim, tinha-o decretado e sem te dar a honra de consultar-te; só o que faltava é que não viesses morar comnosco !

— Principalmente havendo este chalésinho independente, onde podia estar em toda a liberdade; accrescentou Corina, accentuando com um sorriso intencional as ultimas palavras.

— Ah! em liberdade completissima: pódes entrar e sahir quando quizeres. E a proposito: aqui tens as chaves.

— Obrigado, disse Paulino, recebendo-as, e accrescentou: Só lhes peço uma cousa, mas que é indispensavel, — é não se incommodarem commigo, não me esperarem nunca para almoçar ou jantar.

— Fica entendido. O almoço é ás dez, o jantar ás cinco ou cinco e meia. Teu talher lá estará sempre á mesa, quer eu esteja em casa quer não. Quando não estiveres á hora das refeições, fica entendido que não vens. D'essa fórma nem tu nem nós nos incommodaremos.

— Perfeitamente. Vocês são um casal de anjos; respondeu Paulino.

E a vida dos tres ficou assim regulada.

O medico abrio consultorio na rua dos Ourives e arranjou-o com um certo luxo, que contrastava com a generalidade dos consultorios medicos: escuros, sujos, tristissimos, cheirando a mofo e a baratas.

Aconselhado pelo amigo, e mesmo um pouco constrangido por elle, fez annuncios um tanto espectaculosos, em que se declarava « ex-chefe de clinica do Doutor X. de Vienna, com pratica nos hospitaes de Paris, Londres, Vienna e Berlim, especialista de molestias do systema nervoso e do apparelho circulatorio, » etc.

Não foi máo o conselho.

Dentro de algumas semanas já tinha uma clientella de cinco e seis consultantes por dia ; o que o enchia de esperanças.

O seu plano, o seu sonho era clinicar, trabalhar incessantemente durante oito ou dez annos e com o dinheiro ganho, que devia constituir uma pequena fortuna, ir residir na Europa, em Paris provavelmente.

A sua pratica de hospitaes e os serios estudos que fizera no Estrangeiro haviam-no apparelhado para tornar-se dentro em pouco tempo um dos medicos mais procurados e mais reputados

da Côrte. O seu programma apresentava-se, pois, em condições de facil execução.

Seguindo os conselhos de collegas mais velhos, alguns seus ex-professores, limitou muito a sua clinica domiciliaria, para evitar os *ossos* e não se fatigar depressa.

Descia geralmente muito cedo, logo após a ducha e o café, de modo que quasi só nos domingos almoçava no chalé ; mas jantava lá regularmente, quasi sempre.

A's vezes Fernando não vinha, o que acontecia todas as quintas-feiras, em que tinha a sua partida de voltarete em casa do corretor Paranhos. Nesses dias o medico e *Dona Sinhá* jantavam sós. Depois do café davam um longo passeio pela chacara, conversando sobre mil cousas banaes, descansando sob a copa das mangueiras ; voltando á casa, Corina fazia um pouco de musica, elle recitava versos de Coppée, Musset, Victor Hugo, ou jogavam as damas, e ás dez horas, depois do chá, elle despedia-se e subia para o *Belvedère.*

Nessas noites a luz do seu gabinete continuava accesa até muito tarde, acontecendo algumas vezes que Fernando, ao recolher, lhe

viesse dar as boas noites e conversar um momento sobre as novidades do dia, antes de ir deitar-se.

Assim decorreram tres mezes.

Uma noite, Paulino voltando do Lyrico, aonde fôra com Fernando e a mulher ouvir a velha *Força do Destino*, e tendo-se despedido d'elles junto da escada que levava á sala de jantar, subio para o *Belvedère* e fez a sua *toilette* de dormir; mas, como não tivesse absolutamente somno, accendeu um charuto e veio debruçar-se a uma das janellas.

Noite encantada. O plenilunio opalino, de uma transparencia e suavidade dulcissimas, banhava tudo, inundava o céu e a terra; envolvia as copas unidas das arvores, montes abaixo, num véu tenuissimo de bruma luminosa e fazia-as projectar sombras fantasticas no chão.

O golpe de vista era imponente; abrangia todo o valle da Tijuca e Andarahy. Longe, muito longe, num formigueiro de pontos tremeluzentes, a cidade adormecida; umas filas d'elles destacavam rectas, muito longas, algumas parallelas, outras cortando-se — eram os lampeões das ruas.

Um tilintar de campainha ouvio-se; era o bonde que os trouxera, que voltava para a cidade: lá passou elle, muito em baixo, ao fundo, rua Conde de Bomfim afóra, como uma rubra lagarta phosphorescente.

Era uma noite cariciosa de oitubro — nem quente nem fria, apenas tépida, cheia de mysterios, em que se ouviam no silencio augusto do luar os leves rumores da natureza no seu trabalho incessante, e um amavio languido e poderoso avassallava as almas, romantisando-as docemente.

Paulino, só, no alto do seu mirante, em face da profunda noite luminosa, sentio-se, subjectivando-se apesar seu, penetrado de uma melancolia inquieta e grave, como um presentimento. Era o mesmo estado d'alma em que se surprehendera na noite da festa da sua chegada, mas muito aggravado; o que era então lineamento era agora traço, o que então era nevoa fizera-se nuvem. Até aquelle momento fôra protelando covardemente o exame, a analyse severa do seu estado psychologico, que elle sentia aggravar-se progressivamente. Mas a intuição subita e clara da sua gravidade decidio-o

a fazel-a naquella noite perturbadora. « Que tenho eu ? Que se passa em mim ? Amo eu por ventura Corina ? E quando nasceu em mim este sentimento desgraçado ? Mas será mesmo amor ? »

Estas interrogações formaram-se-lhe atropelladamente no cerebro. Não sabendo a qual responder primeiro, soccorreu-se á memoria e procurou recordar as primeiras impressões que lhe fizera Corina.

Lembrava-se bem.

Morava com Fernando, seu amigo, seu protector dedicado e delicado. Absorvido e occupado inteiramente pela confecção da sua these inaugural e depois com a revisão das provas e o preparo dos exames finaes, não acompanhava senão mui raramente o amigo nos seus passeios e divertimentos.

Um dia, voltando aquelle de um baile, alta madrugada, e encontrando-o ainda curvado sobre os livros, confessou-lhe Fernando que estava apaixonado, mas apaixonado como Romeu por Julieta ou Paulo por Francesca di Rimini, e declarou-lhe que decididamente ia casar.

Era Corina, a afilhada do conselheiro Prestes, a mulher que elle amava e queria desposar. Não lhe pedio conselho; fez apenas confidencias.

Em breve estabeleceu-se correspondencia entre ella e elle, trocaram-se os retratos. Fernando mostrou-lhe o d'ella: era formosissima.

Fez um esforço violento da memoria para recordar a impressão que lhe deixara o retrato de Corina, e lembrou-se: fôra muito forte, mas rapida, logo apagada.

Cerca de um mez depois Fernando pedia e obtinha a mão da moça e convidava-o a acompanhal-o á sua casa para apresentar-lh'a.

Foi com elle uma tarde, uma tarde quente de verão, quinze dias antes da formatura, á casa do Conselheiro, nas Larangeiras. Lembrava-se perfeitamente do seu vestuario, do seu penteado, das joias que ella trazia naquella tarde. Vestia um *toilette* de cassa branca com pintinhas vermelhas e fitas côr de rosa e tinha o cabello suspenso das fontes e da nuca, deixando livre o pescoço, tendo nos lobulos das orelhas, nos pulsos, e no peito as peças de um adereço de coral rosa e branco.

Ficara perturbado ao vel-a e muito enleiado ao falar-lhe. Porque? Attribuira-o na occasião a ser Corina a futura mulher do seu melhor amigo, tomando aquella impressão por um reflexo da amisade que a este o ligava tão estreitamente. Mas aquella impressão repetio-se da segunda vez que lá foi e, se a perturbação passou por fim, não passou a timidez que sua presença lhe infundia sempre.

Formou-se; o banquete de sua formatura effectuou-se no Hotel do Globo, mas no dia immediato a familia Prestes, em attenção a Fernando, offereceu ao medico uma *soirée* commemorativa da sua investidura scientifica. Lembrava-se nitidamente de quanto o fez soffrer a presença olympica d'aquella mulher, que ia ser, que já era de outro homem, do seu amigo, do seu protector. Mas, senhor de uma vontade firme e disciplinada, conseguio dominar-se, abafar aquelle sentimento absurdo e considerar sagrada, mesmo para o seu pensamento, aquella creatura adoravel.

Assistio ao casamento sem commoção, apenas triste, como invadido de um desanimo; mas, depois, quando ia, espaçadamente, visitar

os noivos a Petropolis, o espectaculo da felicidade do seu amigo, que parecia completa, enchia-o de alegria e de serenidade.

Recordava-se ainda e muito bem que, ao contemplar demoradamente o retrato de Corina, tivera o presentimento subitaneo, violento, claro como um facto, de que aquella mulher havia de exercer na sua vida uma influencia, não só decisiva como funesta.

Todas essas idéias e todos esses sentimentos estavam sem duvida profundamente adormecidos, senão estavam mortos, quando elle, dois mezes depois do casamento de Fernando, embarcou para a Europa; mas, agora, perguntava a si proprio se não teriam influido na sua resolução de partir e no facto de ter-se demorado tanto lá fóra.

Acreditava que não foram estranhos a essa dupla resolução, porque se lembrava de tel-a formado no dia mesmo em que impoz á sua vontade o não pensar mais naquella criança.

Tres annos de ausencia não haviam, então, bastado para matar o embryão d'aquella paixão criminosa? Entretanto, na Europa não pensara mais nella de modo especial, com idéias

affectivas, mas naturalmente, com a attenção commum que dispensava a tudo que o interessava mais ou menos.

Na viagem de regresso foi ainda d'essa forma que pensou nella, como pensava na irmã, em Fernando, nos outros amigos: com uma alegria calma, sem anciedade nem receio. Mas, ao chegar, quando, a bordo, ella, por ordem do marido, juntou seu busto ao d'elle, passando-lhe os braços em torno, pondo a cabeça ao alcance de seus labios e elle a abraçou e lhe beijou os cabellos cheirosos... oh! nesse instante sentio uma commoção profunda, immensa, egual á que havia experimentado tres annos e meio antes, naquella inolvidavel *soirée* da casa do Conselheiro. Naquella occasião não ligara a essa commoção a importancia que tinha realmente: julgava-a produzida pela solemnidade d'aquelle grande momento, em que revia quasi todos os entes que lhe eram caros e a querida terra do seu berço. Mas nesse dia mesmo, á mesa do almoço, e á noite, no baile, o seu mal estar indefinido, a sua inquietação sem causa, que foi crescendo dia a dia, terrivelmente, como uma planta venenosa, e que agora o subjugava,

clara, enorme, inoccultavel, como um sol, esse estado enfermo da sua alma, tudo isso... Ah! não podia mais fugir á evidencia, como não se foge á dor: era preciso supportar-lhe a presença, admittil-a, reconhecel-a, confessal-a! Amava Corina, amava a mulher do seu amigo, amava-a como um louco, como um perdido, como um reprobo, como um miseravel! E, em face da noite profunda, augusta, serena, á luz melodiosa do plenilunio argenteo, o desgraçado soluçou longamente, angustiadamente, a infinita miseria do seu criminoso amor!

Depois que as primeiras lagrimas correram, abundantes e ardentes, num desafogo largo, uma grande tranquillidade desceu sobre o espirito do medico. Dir-se-ia que ellas o haviam deixado quite com a sua consciencia; já podia supportar a idéia do seu crime: comprara com uma grande dor e com amargo pranto o direito de ser infame! E a sua

consciencia repetia-lhe : « Amas a mulher do teu melhor amigo, do teu protector, » sem que elle se defendesse mais, com o silencioso assentimento de um réu confesso.

Mas o espantoso foi que nessa alma direita e limpa, logo após essa tremenda certeza, em vez de um movimento de revolta indignada, esta interrogação apontasse :

« E ella ? amar-me-á tambem ? »

Quando elle ouvio em si mesmo, de si para si, a voz d'essa curiosidade terrivel, teve um gesto de pavor, sahio da janella, abrio um livro qualquer sobre a secretária e, apertando a cabeça nas mãos, mergulhou os olhos na pagina... E leu, leu, leu... Leu machinalmente, sem entender o que lia... A pergunta maldita subia sempre, sempre, do seu coração, mais alta, mais anciosa, mais afflictiva. Era inutil tentar afogal-a. Acolheu-a, como ainda ha pouco havia acolhido a certeza do seu amor culpado : o primeiro degráu é que custa.

Meditou longamente, estudando o caracter, o temperamento, a educação de Corina. Primeiro que tudo tinha a certeza de que ella não amava o marido. E que o não amava provava-o

o seu *flirt* em Petropolis com o secretario da legação franceza, *flirt* que, estava informado, tinha ido até onde póde ir um *flirt* de mulher casada que não adulterou, e aquella não havia adulterado só porque Fernando, graças á sua carta de Paris, abrira os olhos a tempo ; provou-o depois o namoro escandaloso com o barão de Santa Lucia, segundo soubera tambem, namoro que foi interrompido pelo seu regresso,... se de facto o foi!

E a elle, Paulino, amava-o ella ? Recapitulou todas as phases, todos os incidentes occorridos depois da sua chegada. Havia indicios vehementes de affirmação : — olhares, allusões, apertos de mão, sorrisos, suspiros. Além d'isso havia algum tempo que elle notava em seu quarto, quando voltava da cidade, um vestigio qualquer da estada alli de Corina — flores frescas num vaso, uma arrumação elegante dos frascos e utensilios do toucador ou dos livros da estante e um vago perfume, esse *odor di femina*, que se não confunde, que paira, atraiçôa e grita...

Mas que importancia tinha isso, partindo de uma mulher *coquette ?* Não, Corina não o

amava, provocava-lhe a côrte, por mera *coquetterie;* acceitaria a d'elle, levada talvez até ao acto physico, mas não o amava. Era uma leviana.

Oh ! ainda bem, porque então estava salvo ! Fugiria ! Mas de que modo ?

A primeira cousa a fazer era mudar-se para a cidade, deixar aquella proximidade, aquella convivencia perigosissima. Ser-lhe-ia facil achar um pretexto : a sua clinica, cada dia mais extensa. Uma vez mudado, espaçaria as visitas, procuraria distracções, e que melhor que a propria clinica, que o exercicio escrupuloso da sua profissão ?

Estava encontrada a porta de salvamento. Uma grande alegria invadio-o então, como um balsamo. Continuaria sendo um homem honrado, digno da amisade de Fernando.

E essa satisfação moral acalmou-o tão completamente que deitou-se e adormeceu, momentos depois, de um somno profundo, pesado e sem sonhos, como o somno dos justos e das crianças.

V

TRATADO DE ALLIANÇA

No dia seguinte a essa noite, inolvidavel para Paulino, *Santinha* veio visitar *Dona Sinhá*.

Era pouco mais de meio dia quando chegou. Corina estava a uma das janellas do seu *boudoir*, que dava sobre o fundo da chacara, e esperava que Alfredo, o *valet de chambre*, sahisse do *Belvedère*, para ir cuidar dos livros, pequenos objectos e *bibelots* de Paulino, quando Mauricia,— a velha mucama mestiça, que a criara de leite em casa do Conselheiro e entrara no seu dote,—penetrou no quarto e disse:

— *Dona Sinhá, nhá Santinha* está ahi.

Corina voltou-se com um sobresalto, como se houvesse sido apanhada em acto illicito ; a mucama repetio o recado. Surprehendia-a a visita da amiga. Esteve um momento para negar-se a recebel-a.

— Você disse a ella que eu estava em casa, Mauricia ?

— Disse, sim senhora.

— Bem ; manda-a entrar.

— Para aqui mesmo ?

— Sim, para aqui.

E preparou-se para receber a amiga ; deu um geito rapido de desalinho aos cabellos, estirou-se na *chaise-longue*, tomou do livro mais á mão e simulou estar lendo attentamente.

Emquanto esperava a visitante, com os olhos no livro, perguntava a si propria a que viria ella e, depois, como recebel-a : friamente ? com calor ?

Havia quasi dois mezes que estavam interrompidas as visitas que se faziam uma á outra, duas e tres vezes na semana, e as sahidas a compras, a passeio, a visitas de amigas communs. A causa d'esse esfriamento de relações tão intimas,—causa inconfessada, antes dissimulada

cuidadosamente, — era o doutor Paulino. *Santinha*, insaciavel loureira, que julgava de seu dever fazer-se cortejar de todos os homens novos, bellos ou celebres, havia jurado aos seus deuses, — ou ao seu deus, que era o filho de Venus, — que havia de disputar o recem-chegado á sua amiga intima, obrigando-o a fazer-lhe a côrte, se a amal-a não pudesse.

Corina, que percebera logo o plano, entrou de prompto a manobrar para combatel-o e inutilisal-o. Levara-a a isso, no principio, apenas o amor proprio: se Paulino a alguma d'ellas devia fazer a côrte, era, de certo, a ella, a quem conhecia ha mais tempo, em cuja casa morava, e que era mais moça, mais bonita e mais elegante. Preferir-lhe a amiga seria injurial-a, feril-a de morte no ponto mais delicado de sua alma. E começou de desenvolver a sua tactica militar para afastal-o da amiga, sem reparar, a louquinha! que, afastando-o de *Santinha*, approximava-o de si propria — resultado tanto mais seguro que se viam e falavam diariamente, quasi morando juntos.

Havia cerca de dois mezes que as duas amigas só se visitavam nos dias de recepção de cadá uma : o dia 1—Corina, o dia 15—*Santinha*.

E' que a intimidade antiga estava estragada por um secreto fermento de malquerença, que não era senão ciume, amor proprio assanhado ; já não tinham que se dizer entre si, constrangidas ambas. Assim, limitaram as suas visitas aos dias officiaes, em que facilmente podiam simular a cordialidade extincta.

Paulino, tendo comprehendido logo o que se passava, e querendo evitar os perigos e mesmo o pouco de ridiculo de sua situação, resolvera não apparecer mais nos dias de recepção — quer em casa de uma quer na da outra. Assim, pretextando um doente grave e uma enxaqueca tenaz, falhara á ultima partida de *Santinha* e á ultima de Corina, — recurso de defesa que bastante desconcertou a ambas, principalmente a *Santinha*, que poucas occasiões tinha de vel-o.

Nessas condições, a visita da amiga, só, áquella hora, causava a Corina uma surpresa justificavel. Que seria ? A que viria ? E como acolhel-a ? Friamente ? Cordialmente ?

Mas a entrada da amiga tirou-a d'essa difficuldade. *Santinha* alli estava, ruidosa, expansiva, risonha como d'antes.

— Vinha ver se tinhas morrido, ou, caso estivesses viva, perguntar-te se me julgavas morta!

Corina desculpou-se mal, mas como poude. Então a outra, sem transição:

— E o doutor Paulino, como tem passado? Não o vejo ha um mez, pelo menos.

— Não sei, julgo que passa bem. Raramente o vejo, apezar de quasi morarmos juntos; respondeu Corina, com um ar despreoccupado, demasiado frio e solto para ser sincero.

— Mentirosa! exclamou a outra, rindo.

— Seriamente; affirmou *Dona Sinhá*; mas o rubor que subitamente lhe subio ás faces desmentiu-a sem permittir defesa.

— Olha, meu bem, franqueza! Queres saber de uma cousa? Venho offerecer-te pazes e...

— Como pazes? Não estavamos em guerra, creio eu...

— Venho offerecer-te pazes e... *alliança;* e apoiava nesta palavra. Não deves mais ter ciumes de mim...

— Ciumes, eu? de quem? por que?

— Ciumes do Dr. Paulino. Eu sou da escola do « pão, pão ; queijo, queijo. » E não deves tel-os mais, porque eu não o amo, nem o quero, nem aspiro a que venha a amar-me.

— Mas...

— Não me interrompas, Corina. Ouve-me. Vou dizer-te, confessar-te tudo, abrir-te a minh'alma, como este livro; e tomando o livro que estava no collo da amiga — era a *Mulher de gelo*, de Bellot—abriu-o com as mãos ambas. Quando o Dr. Paulino chegou da Europa e o vi assim, bonito, elegante, distincto, cuidei que ia amal-o; dias depois acreditei que já o amava, porque a tua convivencia com elle exaspera-va-me; a idéia de que o vias todos os dias e lhe falavas e que jantavam e passeiavam juntos punha-me louca de...

— De inveja... interrompeu com maldade a outra.

— Seja de inveja. Mas, depois de alguns dias, tive a prova de que o não amava.

— Ah! e pode-se saber qual foi essa prova? perguntou a voz ironica de Corina.

— Posso eu, por ventura, ter segredos para ti, minha querida? A prova que tive de que

não amava o Dr. Paulino foi simplesmente esta: conheci que amava a outro.

— O boticario? perguntou Corina; mas d'esta vez, com uma ironia tão mordente, tão aggressiva, que a mulher de Viriato lhe respondeu, muito séria, com voz tremula:

— Para que me falas com essa ironia, com essa maldade? Se continúas nesse tom, vou-me embora. E eu que vim tão contente, tão arrependida, tão disposta a tudo te dizer, com a maior sinceridade!

Levou o lenço aos olhos. Chorava como uma criança. Corina commoveu-se; aquelle pranto desarmou-a, fel-a acreditar na sinceridade da amiga.

— Perdôa-me, *Santinha*, perdôa-me! e abraçava-a e beijava-a. Mas é tão estranho tudo isto: a tua visita inesperada, as cousas extraordinarias que me tens dito, que eu, involuntariamente, desconfiei e preveni-me contra ti. Mas agora creio que és sincera. Perdôa-me e continúa.

— Não, não se trata de Honorato; volveu *Santinha* enxugando os olhos e com a voz humida ainda. Esse moço fez-me a côrte de um

modo tão rapido e cerrado que eu, no primeiro momento, meio aturdida, não pude repellil-o. Mas, pouco depois, reflecti e consegui conserval-o a distancia conveniente, o que me foi facil, porque era Paulino que eu queria, que eu julgava amar. E' de outro que se trata, que ha apenas um mez conheço e a quem amo perdidamente. Oh! não sorrias, não duvides! D'esta vez te juro que é serio, não é como das outras — um mero capricho; é o amor, o verdadeiro amor!

— Ora, *Santinha*, tenho-te ouvido dizer isso, e quasi pelas mesmissimas palavras, a respeito de todos os teus amantes. Ainda não ha um anno o dizias em relação ao Barros, o «boneco de louça»; já te não lembras?

— E' possivel, mas não o dizia d'este modo, com este calor, este enthusiasmo sincero. D'esta vez estou apaixonada loucamente.

— E quem é esse principe encantado, que conseguio abrasar de puro amor o coraçãosinho da fada Borboleta?

— E', é... *Santinha* hesitava. Mas não te rias. E' o João Ferry.

— O Ferrysinho? Mas é uma criança!

— Ah! tu o conheces?

— O Fernando mostrou-m'o na rua, e depois ouvi-o recitar uns versos, no festival da Gemma Cunibertti, creio eu. Podia ser teu filho, *Santinha* !

A mulher de Viriato corou até á raiz dos cabellos ; mas, depois de um momento de silencio, tornou, com um tom contrafeito :

— Que queres tu ? Caprichos da sorte ! Eu tinha-o lido. Decorei mesmo algumas das poesias dos *Rondós e Balladas*. Seus versos encantaram-me ; tão sentidos, tão apaixonados ! Já o admirava ; da admiração á estima a distancia é curta e a da estima ao amor ainda mais curta.

— E onde o conheceste ?

— Na Exposição da Academia de Bellas Artes. Foi o Barinelli que me apresentou elle.

— Qual dos Barinelli — o pintor ou o esculptor ?

— O esculptor. São muito amigos. Fez-me tal impressão o rapaz, que me perturbei toda ; quasi perdi a fala.

— E' assim tão formoso ?

— E' formoso, sim, como uma pintura antiga. Jesus Christo aos vinte annos devia ser assim. E, depois, que voz agradavel ! Conversámos

muito tempo. Offereceu-se para mostrar-me a exposição; levou-me deante dos principaes quadros. Recitou-me os versos que fizera sobre o grupo «Jesus e a peccadora» do Barinelli. Que bonitos! Por fim separámo-nos. E não o pude ver mais. Foi isso ha quinze dias. Debalde tenho ido á rua do Ouvidor e voltado á exposição. Mas hontem lembrei-me de que elle me havia dito que frequentava muito o *atelier* dos Barinelli; ora, como o esculptor me convidou para visitar o *atelier* d'elles, veio-me a idéia de lá ir, na esperança de encontral-o.

— E' uma boa idéia.

— E'; mas como seria esquisito ir sósinha á casa de dois rapazes solteiros, embora artistas, venho pedir-te que me acompanhes.

— Eu? que idéia!

— Nada mais natural. Somos ambas casadas: vamos a um *atelier*, ver obras de arte. Que tem isso de reparavel?

— Sim, pensando bem... concordou Corina.

— E é um grande favor que me fazes. Sei que não é o primeiro. Mas estou prompta a prestar-te identicos serviços quando precisares d'elles.

Corina reflectio um momento e accedeu por fim :

— Pois sim, acompanhar-te-ei. Quando queres ir lá ?

— Hoje, agora mesmo.

— Que pressa!

— Se soubesses como têm sido longos os dias que tenho passado sem vel-o !

E, mudando de tom e agarrando a amiga pela cinta :

— Já vês que eram as pazes e a alliança que eu te vinha propor. Acceitas ?

— Como não hei de acceitar, minha querida ?

E as duas amigas beijaram-se commovida e longamente.

Quando se desabraçaram, *Santinha* disse baixinho, com um sorriso de mysterio grato :

— Ama á vontade, livremente, o teu Paulino e dispõe de mim como entenderes.

— Eu amal-o ? Estás louca? fez *Dona Sinhá*, e as faces purpurejaram-se-lhe vivamente, como se o clarão de uma lanterna vermelha lhe batesse de chapa no rosto.

VI

O PRIMEIRO BEIJO

Eram cerca de tres horas da tarde quando as duas senhoras chegaram em face da pequena porta do *atelier*.

Era um grande barracão, construido ao centro de um vasto terreno ajardinado, separado da rua por um alto tapamento de taboas, em meio do qual havia uma portasinha, egualmente de madeira, onde se viam uma placa de metal amarello com a palavra *Barinelli*, gravada, e uma maçaneta de campainha. Da rua nada se via do que estava para lá do taboado.

— Que imprudencia, *Santinha!* murmurou Corina, receiosa.

— Imprudencia, porque? São dois moços muito serios, e depois ha muitas senhoras que vêm aqui. Vou tocar; e *Santinha*, pegando da maçaneta, puxou-a com força.

Um *trilintintin* prolongado ouvio-se dentro, ao fundo.

Um minuto após, a porta abria-se, e apparecia um homemzinho de grandes bigodes brancos, que perguntou em portuguez italianado o que desejavam aquellas senhoras.

— O Sr. Adolpho Barinelli está?

— Sim, senhora; queiram fazer *il piacere* de entrar.

Abrio de todo a porta e afastou-se para dentro, para que as damas entrassem; depois tornou a fechar a porta e passou á frente, para conduzil-as.

O barracão de madeira, apesar de baixo, era construido com certa elegancia, todo cercado de altas janellas de venzianas, arranjadas de modo a graduarem a luz e o ar. O italiano apressou o passo para avisar seu amo; logo após voltou, e, afastando para um lado o reposteiro japonez de bambús, disse-lhes que fizessem o favor de entrar. *Santinha* passou primeiro.

O esculptor veio ao encontro das duas moças, enxugando as mãos numa toalha, que atirou para cima de um busto de gesso. A meia obscuridade da peça turvou-lhes a vista no primeiro momento, de modo a sómente distinguirem a figura do artista, que estava fronteiro á porta. A acolhida foi gentilissima. *Santinha* apresentou a amiga.

— Conheço muito seu marido, minha senhora, e elle faz-me a honra de considerar-me seu amigo; convidou-me até para uma festa que deu em casa, por occasião da chegada do Dr. Paulino de Castro, de quem tambem sou amigo.

— Ah! e por que não foi?

— Eu, minha senhora, sou um verdadeiro urso; não visito ninguem; não vou a festas. D'aqui apenas saio para a Academia e para o hotel. A's vezes, quando o calor aperta muito, dou um pulo a Petropolis, e é tudo. E, depois, que faria eu em uma sala? Não danso, não recito, não canto, não jógo... Fóra dos meus bonecos, não sirvo para nada. Mas façam o favor de entrar.

Era um homem de trinta e poucos annos, estatura um pouco abaixo da média, magro,

mas forte, com uma formosa cabeça nazarena, cabello castanho anellado, barba loura, aberta ao meio em duas pontas, encaracolladas pelo constante anediar; a fronte, alta e vasta, era cortada horizontalmente por uma funda ruga direita, que lhe dava uma expressão singular aos olhos. Vestia calças e blusa de brim branco, muito folgadas, e tinha á cabeça um gorro leve de seda azul. Uma figura extremamente sympathica e insinuante. Falava de vagar, sem difficuldade, mas como quem pondera o que diz.

As duas senhoras deram alguns passos para a frente e só então lobrigaram dois homens de pé, mais para o fundo. Entre elles e as senhoras trocaram-se leves saudações de cabeça. Mas um d'elles, após um momento de hesitação, adeantou-se, exclamando :

— Oh! é V. Ex., minha senhora? Como tem passado? Queira perdoar-me, não podia ver-lhe a principio as feições por estar em frente á luz da porta.

Era o poeta dos *Rondós e Balladas*.

Santinha fel-o saber á amiga por um ligeiro toque do cotovelo e em seguida apresentou-lh'o.

— Vieram, de certo, visitar o *atelier* dos nossos artistas.

— Exactamente ; o Sr. Adolpho tem-me convidado tantas vezes e com tanta amabilidade!

— Não é porque valha a pena, minha senhora ; mas sómente por saber que V. Ex. é uma entendedora, e, depois, são tão raras as pessoas que se interessam pela arte no Rio de Janeiro!... Vou-lhes mostrar os meus *calungas*.

As paredes da sala, enorme, estavam cobertas de mãos, pés, cabeças, torsos, dedos, flôres, folhas, fructos, modelados em gesso ou em barro, pendurados, ou sobre prateleiras, e alguns cobertos de pó, numa confusão e desordem. Uma carinha gorda de criança ria-se entre uma carranca de fauno e uma cabeça dolorosa de martyr, de barba intonsa. Junto ás paredes, sobre bancos altos, *maquettes*, em gesso ou greda, de estatuas ou monumentos; um busto esplendido do Imperador, em marmore; uma figurinha de criança, corpo inteiro, em camisa ; uma figura colossal de mulher núa, em gesso, sentada graciosamente : era uma estatua destinada a uma fonte publica.

Mas o que desde logo attrahia a attenção era uma estatua equestre de general, homem e cavallo de tamanho maior que o natural, trabalho já bastante adeantado.

Tinha um movimento e uma vida extraordinarios essa estatua; parecia a todo momento que o ginete ia arrombar a parede de taboas do *atelier* e saltar á rua com o seu cavalleiro heroico cingido aos rins.

O esculptor ia mostrando ás suas gentis visitantes todos os seus trabalhos, um a um; mas, ao fim de alguns minutos, só tinha ao lado a esposa de Fernando. *Santinha* havia-se deixado ficar para traz e acompanhava-o ao lado do poeta, que, a proposito de um busto ou fragmento qualquer, emittia um madrigal, ora em prosa do gasto diario, ora em versos pretenciosos.

Tendo feito assim a volta do *atelier*, passaram pelos aposentos particulares do esculptor, á direita, dos quaes só se via pela porta aberta e reposteiro apanhado o gabinete ou escriptorio, que era tambem sala de receber; e chegaram, por fim, á esquerda, ao fundo, em frente de outra porta, mascarada por um vasto reposteiro

de chita grossa de ramagens, completamente solto. Justamente nessa occasião *Santinha* perguntava ao artista, elevando a voz :

— E onde trabalha seu irmão ?

— E' aqui o seu *atelier*. Está trabalhando com o modelo.

— Oh ! não podemos vêr? tornou ella com açodamento. Tenho tanta curiosidade de vêr pintar a figura do natural! mas accrescentou, como em resultado de uma reflexão, com um tom grave :

— Sendo o modelo mulher, bem entendido.

Corina detivera-se, interdicta, meio vexada. O esculptor deixou-a então, para adeantar-se até á porta ; apanhou o reposteiro de um lado e, puxando-o um pouco para si, inclinou para dentro o busto e disse:

— Heitor, estão aqui duas senhoras que desejam visitar o teu *atelier*. Podem entrar ?

O afastamento da cortina fazia uma aberta sufficiente para deixar vêr grande parte da peça ás quatro pessoas grupadas em frente.

De costas, sentado num banco de lona, estava o pintor em face da téla, com a palheta e o tento na mão esquerda e manejando o pincel

com a outra. Um pouco ao fundo, estendida sobre um canapé, forrado de um estofo oriental de côres vivas, cahido em dobras sinuosas sobre o chão, via-se uma mulher núa.

Estava deitada com o dorso para a porta, o busto mais alto, apoiado sobre duas almofadas molles de seda, a cabeça quasi erecta, encostada a face esquerda sobre o braço inflexo, a perna direita estendida sobre a esquerda, dobrada de modo a ficar o pé esquerdo de palma, tocando pelos dedos no calcanhar do direito. Do rosto via-se apenas um terço do lado direito.

Uma cabeça loura admiravel; os cabellos, muito finos e sedosos mas pouco bastos, estavam suspensos á grega, juntando-se, ao alto, numa rodilha leve, e deixando soltos, quasi vaporosos, sobre a nuca muito branca, os fios novos, crespos, que um raio de sol tingia de ouro fluido. A orelha, transparente á luz, era uma mimosa concha de nacar. Um corpo ainda moço, de formas esbeltas e carnes firmes, com umas pernas longas e finas mas de contornos perfeitos, como as de Diana, a caçadora ; e naquella *pose* abandonada, havia, apezar da

plena nudez, algo de casto, algo de sagrado, como em todas as bellas creações do bom Deus.

O pintor virou-se para falar ao irmão ; com o ruido, o modelo voltou egualmente o rosto, sem mexer com o corpo ; sorrio-se para o esculptor, mas, quando lobrigou a cabeça de *Santinha*, que a adeantara, curiosa, teve um movimento instinctivo para cobrir-se, tacteou em torno á procura de um panno e não o encontrando á mão, virou-se inteiramente de costas, occultando a cara nos braços.

O pintor ergueu-se, atirou sobre o modelo uma colcha vermelha, que estava no chão e que lhe occultou as pernas, só deixando o busto a descoberto; e foi receber as visitas. Entraram todos.

— E' curioso — observou em voz baixa o esculptor ao poeta, retendo-o um momento. Esta mulher, que se conserva núa á vista dos homens que aqui entram, reparou como lhe veio o pudor e procurou cobrir-se quando vio as senhoras ?

— E' verdade ; é realmente muito curioso.

A figura estava toda esboçada sobre a tela, em alguns pontos mais accentuadamente que

em outros, e completamente pintada nos membros inferiores, cuja carnação scintillava, rosada, com leves tons ambarinos.

Santinha fez grandes gabos ao trabalho, visivelmente excitada.

Occuparam-se ainda uns minutos examinando os numerosos quadros, esboços, estudos e desenhos, appostos ás paredes — cabeças, paizagens, natureza morta. Corina não pronunciava uma palavra; tinha as faces vermelhas e um brilho febril nos olhos, que não se despegavam do dorso nú do modelo. A visita foi muito curta em attenção ao trabalho do artista, que os visitantes não queriam interromper.

— Este modelo é a Adda? perguntou o poeta ao esculptor.

— E'. Não temos outro. Fôra nosso modelo em Roma; veio ao Brazil como corista da Companhia Ferrari, e, tendo aqui ficado, presta-se a vir pousar para nós algumas vezes, quando os seus affazeres lh'o permittem.

— Que mulher sem vergonha! segredava Corina á amiga.

— Porque? Se é a sua profissão! respondeu esta muito naturalmente.

Concluida a visita, convidou-as o esculptor a descansarem um pouco na « sua toca », que assim chamava ao gabinete. Entraram, mas foi uma exclamação geral de surpresa quando lá depararam o Dr. Paulino folheando o *Monde Illustré*. A surpresa d'este ao ver entrar as duas mulheres, não foi menor que a d'ellas ao encontral-o.

Um quarto d'hora depois, sahia o medico com ellas.

Na porta, no rumor confuso das vozes trocando comprimentos e despedidas, ouvio elle distinctamente *Santinha* segredar ao João Ferry : « Amanhã, ás duas, Passeio Publico ; » e o poeta responder-lhe : « Sem falta ; obrigado. »

Era uma quinta-feira, o dia da partida de voltarete de Fernando em casa do corretor Paranhos. Paulino, em execução do plano em que assentara na vespera, resolvera jantar na cidade, para evitar o *tête-à-tête* com a esposa do amigo. Mas... o homem propõe... e a mulher dispõe.

Santinha, convidada por *Dona Sinhá* a subir com ella á Tijuca, recusou, allegando esperar

visitas naquella noite; mas segredou-lhe ao ouvido : « Não quero perturbar vocês : hoje é quinta-feira », e separou-se d'elles no largo de S. Francisco.

Paulino conduzio Corina até ao bonde, e despedio-se, pretextando estar compromettido para a noite ; mas Corina lhe disse : « Que máu ! Tem coragem para deixar-me sósinha naquelle ermo ! » com expressão tão doce, tão enfeitiçante, que elle cedeu, pensando : « Mas recolho-me cedo. »

Pois recolheu-se mais tarde que de costume. Passeiaram na chacara, fizeram musica, recitaram versos, folhearam albuns de photographias, lado a lado; conversaram artes, lettras, modas.

A's onze horas Paulino, que o tinir argentino do relogio, batendo as pancadas, parecia haver despertado, ergueu-se, numa surpresa mesclada de desgosto, e pedio licença para recolher-se. A casa, apesar de arder ainda o gaz em muitos aposentos, estava silenciosa, adormecida já.

— Vou acompanhal-o á sua casa, para lhe pagar a gentileza de haver-me acompanhado á

minha; disse Corina, erguendo-se da cadeirinha de laca.

— Não consinto, pelo amor de Deus! acudio Paulino, num temor vago, como deante da imminencia de um grave perigo.

— Porque? inquirio ella, naturalmente.

— Porque... a noite está fresca... póde resfriar-se... é tão tarde... tem de voltar sósinha...

— Lá por isso não, porque eu levo a Mauricia.

Tocou o tympano; a velha mucama appareceu logo; pedio-lhe uma mantilha, deu-lhe ordem de acompanhal-a até ao *Mirante* (era o nome porque os criados conheciam o *Belvedère)* e sahiram pouco depois.

A noite estava tão clara, tão perfumada, tão calma como a da vespera. Era o mesmo amavio irresistivel, a mesma irresistivel poesia, escorrendo no luar, suspirando nos murmurios vagos das folhas, exhalando-se em aromas fortes das « flores de baile », dos jasmineiros, dos rosaes, das madresilvas...

Corina apoiou-se languidamente ao braço do medico e foram subindo lentamente o aclive,

em silencio. A moça sentia no braço a repercussão surda e precipite das pancadas do coração do seu companheiro e tremer-lhe o braço de vez em quando.

Chegaram por fim. O medico abrio a porta, accendeu o bico de gaz que havia logo á entrada e estendeu a mão para despedir-se.

— Espere, vou leval-o até acima; quero ver se lhe arrumaram bem o gabinete e o quarto...

Mauricia estava do lado de fóra, encostada a um dos batentes.

— Está louca? E Mauricia? E Alfredo?

— Alfredo ainda não voltou da rua. A rapariga subirá tambem. Sobe, Mauricia.

E galgou trefegamente as escadas em espiral, de degráus altos e estreitos. Paulino seguio-a, apoiando-se ao corrimão, cambaleando como um ebrio.

Ao entrar na saleta, ás escuras, sentio a respiração offegante da moça, fatigada da ascensão; tirou a caixa de phosphoros para accender o gaz, mas estava tão tremulo das mãos que a caixinha cahio ao chão. Caminhando e procurando-a com o pé, esbarrou com a moça,

no centro da saleta. Deu um pequeno grito e, como lhe sentisse o corpo vacillar, amparou-o nos braços.

— Paulino! murmurou a voz de Corina, tremula, entrecortada de emoção, bafejando um halito de fogo.

Tolheram-lhe a voz sobre os labios outros labios, egualmente seccos e ardentes.

Durou tudo isso alguns segundos.

Quando a chamma do gaz rebentou na arandela, vio Corina sentada numa cadeira, com a cabeça nas mãos e os cotovelos sobre a mesa, e a mucama em pé, junto á porta. O medico disfarçou a commoção indo depor o chapéu e a bengala a um canto e graduando a luz.

Corina tirou logo a face das mãos, ergueu-se, passou uma vista de olhos em torno e exclamou, affectando calma e indifferença:

— Está tudo em ordem. Agora que o deixo em casa, vou-me embora. Muito boa noite; e estendeu-lhe a mão, de frente, sorrindo. Paulino apertou-lh'a frouxamente e sentio-a escaldar a d'elle. Mas não teve coragem de encaral-a nos olhos ardentes, abertos, fincados sobre os d'elle: fechou-os como se fosse desmaiar.

Depois um frufrulhar de saias, um afastar de passos leves para baixo, o bater de uma porta... e mais nada. A noite continuava magestosamente, banhada de luar, no seu curso mysterioso, guardando no seio agonias e deliquios, soluços de desespero e gritos de paixão.

VII

UM DIA INFELIZ

Eram sete horas da manhã. Fernando, de volta da sua ducha matinal, em *pijama* de flanella branca, de riscas vermelhas, e chinellas de palha, vendo abertas as janellas do *Belvedère*, disse comsigo : « Paulino madrugou hoje » e foi vel-o. Encontrou Alfredo em mangas de camisa, arrumando.

— Bonjour, Alfred. Le docteur s'est levé aujourd'hui de bonne heure, n'est-ce pas? Où est-il ?

— Monsieur le docteur est parti au petit jour, monsieur.

— Comment! Il est parti ? Mais pour où ?

— Sais pas, monsieur. Il m'a remis cette lettre pour vous.

E entregou-lhe um pequeno enveloppe azul.

Fernando leu o seguinte bilhete:

« Meu caro Fernando, o calor começa a incommodar-me. Fujo para Nova Friburgo, onde vou passar alguns dias. Não tive occasião de ver-te hontem e por isso deixei de avisar-te.

Comprimentos a *Dona Sinhá*. Teu, Paulino. »

— C'est bien, merci.

E Fernando desceu, contrariado com a ausencia inesperada do amigo, porque precisava conversar com elle a respeito de uma grande empreza que projectava lançar em breve, sob a fórma de sociedade anonyma, com o titulo « Melhoramentos da Tijuca, » e cuja presidencia tencionava offerecer-lhe. Tomou o café na varanda, accendeu um cigarro e poz-se a ler os jornaes.

Estava em seu auge a febre de especulações da Bolsa, que ficou conhecida sob a designação pittoresca e singular de « Ensilhamento », que domina o periodo decorrido da proclamação da Republica até meiados de 91.

Todas as folhas vinham cheias de innumeros e vistosos annuncios de companhias, lançadas com capitaes formidaveis, que pompeavam em grossos caracteres tentadores. Cada dia pullulavam novas emprezas, de arrojados intuitos, de planos admiraveis e de resultados não só maravilhosos como infalliveis, no dizer dos incorporadores. Na parte commercial figuravam as acções de bancos e companhias com cotações extraordinarias, que accusavam agios espantosos.

Fernando estava ganhando rios de dinheiro. Já havia incorporado dois bancos e tres companhias, e era fiscal de meia duzia d'ellas. Intelligente e profundamente pratico, não se deixava allucinar, porém, em meio d'aquelle delirio ; jogava, sim, mas com uma calma relativa e applicando logo em immoveis ou titulos de real valor boa parte dos lucros auferidos. Naquelle momento verificava elle com visivel contentamento o exito completo de uma operação importante que ha dias preparava e que lhe mettia no bolso algumas dezenas de contos de réis. Foi quando ouvio a voz da mulher exclamar a seu lado :

— Muito bom dia, Sr. Rotschild! e sentio os seus labios frescos pousar-lhe na testa.

— Bom dia, queridinha ; e enlaçou-lhe a cinta com o braço esquerdo, segurando na outra mão as largas folhas abertas do « Jornal do Commercio. » Comecei bem o dia; acabo de verificar que o meu jogo nas *Sorocabanas* deu o resultado previsto : ganho uns sessenta contos. Mas estou contrariado porque o Paulino.... A proposito : elle jantou cá hontem ?

— Jantou ; encontrámo-nos na rua do Ouvidor e viemos juntos da cidade.

Isto era mentira ; mas Corina, com a prodigiosa perspicacia do seu sexo, antevira logo os inconvenientes de dizer que o havia encontrado no *atelier* dos irmãos Barinelli, porque podia parecer que era um *rendez-vous* combinado.

— E disse-te que partia hoje ?

O ar feliz que enchia de riso os olhos e a boca da moça desappareceu subitamente, e os supercilios franziram-se-lhe numa forte contrariedade.

— Não ; mas elle partio ?

— Sim, esta madrugada, para Friburgo. E' esquisito que, tendo jantado comtigo, não te haja dito cousa alguma.

— Nem a você.

— Deixou-me este bilhete ; lê.

Se Fernando fosse observador ou se tivesse motivos para o ser, teria notado o tremor das mãos da mulher sustendo a pequena folha de papel, e, ao almoço, que ella apenas tomara um ovo quente e uma chavena de chá. Mas nada d'isso notou, nem mesmo a frieza com que ella recebeu a noticia de haverem chegado da Europa o *coupé* e o *landau* mandados vir pelo marido e que ella esperava anciosamente, pedindo noticias todos os dias.

Quando se vio finalmente sósinha, respirou de allivio.

Fechou-se no quarto.

Não havia duvida que a partida subita de Paulino fôra resolvida depois do incidente d'aquella noite e provavelmente por causa d'elle. Era evidente, nesse caso, que aquelle primeiro beijo, preparado pelo capricho ou pela maldade do acaso, o perturbara profundamente e de modo tal que o obrigara a fugir, atordoado, receioso das suas consequencias.

Mas era, então, clarissimo que a amava ! E esta idéia expellio do seu rosto conturbado a ultima sombra de desgosto. E se elle não

voltasse? Voltaria por força. Tinha alli tudo o que lhe pertencia. E que ficaria fazendo em Friburgo? Havia de voltar... Mas se se mudasse? Era o mais provavel; porém ella havia de encontrar algum meio de impedil-o.

Lembrou-lhe consultar *Santinha*; era precioso o seu conselho para esses casos. Não havia difficuldades para aquella mulher: achava sahida para tudo; a sua imaginação suggeria-lhe expedientes seguros para todas as situações, mesmo as mais difficeis ou melindrosas.

E' verdade que lhe tinha medo e não só medo, tambem uma especie de repugnancia vaga, instinctiva. Achava-a pervertida em demasia. Não podia comprehender aquella sêde insaciavel de goso em que ella ardia e que a atirava aos braços de todos os homens com quem podia tratar de perto, sem amal-os, comtanto que fossem moços. E lembrava-se com certo terror que se houvesse obedecido a todos os seus conselhos já teria tido tres ou quatro amantes. Felizmente o acaso ou a sua boa estrella a havia protegido sempre da sua influencia nefasta, muitas vezes no momento mesmo da queda, como acontecera com o caso do barão de Santa Lucia.

Mas agora a cousa era outra. Ella amava Paulino e acreditava que elle tambem a amava ou viria a amal-a com egual ardor; mas sentia-o fugir-lhe, como que defendendo-se, e era preciso retel-o. Ora, só a experiencia e o tacto da amiga poderiam fornecer-lhe o plano estrategico de que precisava.

Resolveu ir vel-a, e já começava a vestir-se quando se lembrou que tinha todo o dia tomado: esperava a costureira e o professor de canto. Ficou muito aborrecida. Com que severidade julgou o delicado trabalho de Mme. Durandot, a modista do *hig-life* feminino de todo o Cattete e Botafogo! Tudo lhe parecia inferior ou mal feito: os estofos, o córte, os enfeites... Nunca errara tantas notas e compassos como naquelle dia, ao ponto de não acabar a lição, pretextando estar com enxaqueca — essa providencia das mulheres feridas do mal de amor.

Estava impaciente, nervosa, quasi febril. Felizmente o marido telephonou que não viria jantar, retido na cidade por negocio urgente.

Quando elle entrou, ás 10 horas, já ella dormia profundamente, calma e risonha como um anjo.

VIII

« SANTINHA »

Eram apenas 11 horas da manhã quando Corina se apeiou do bonde á porta da casa de *Santinha*, na rua do Cattete: uma bonita casinha assobradada, com duas janellas de frente sobre um minusculo jardim bem tratado. Foi encontrar a amiga no seu gabinete de *toilette*, a arranjar-se para sahir.

— Estou quasi núa, filha. Mas entra, para não teres de esperar-me; gritou-lhe a mulher de Viriato.

Corina entrou, fechando sobre si a porta de vidros foscos, e quasi a suffocou o cheiro forte e complexo de agua de Lubin e sabão de

amendoas — esse cheiro humido e capitoso do banho de uma mulher *chic*.

Santinha estava em camisa, que pouco abaixo lhe descia dos joelhos, mostrando as pernas nuas, grossas e muito brancas.

Sobre a pelle fina dos seios fartos, protuberantes na cambraia da camisa pintalgada de florinhas, brilhavam ainda algumas gottas tremulas de agua. Como estivesse com as mãos brancas de espuma de sabonete, de pé em frente do toucador, estendeu apenas as faces, frescas do banho, aos labios da amiga e retribuio-lhe sonoramente os beijos.

Mas não estava só; tinha comsigo a Mathilde, uma mulatinha clara, trefega, de olhos sonsos, que era sua criada de quarto.

— Vaes sahir?

— Vou, mas emquanto me visto podemos conversar.

— Sim; mas não tem pressa o que tenho a dizer-te; respondeu Corina com um olhar obliquo para o lado da Mathilde, que ia arrumando sobre a cama as roupas que a ama devia vestir. Tendo passado uma saia, *Santinha*, envolveu as espaduas em uma toalha e sentou-se em frente

do espelho, que lhe devolveu a imagem fielmente.

Mathilde penteou-a com admiravel presteza e habilidade; calçou-lhe as meias pretas de seda e os sapatinhos de pellica, e quando acabou de atacar-lhe o collete, *Santinha* despedio-a dizendo-lhe que acabaria a *toilette* sósinha.

Mathilde sahio com um «sim, senhora» humilde, mas não sem um olhar de soslaio para as duas, cheio de malicia e curiosidade.

— Que apuro! exclamou Corina. Isto cheira-me a entrevista.

— Acertaste. Vou encontrar-me com o meu poeta. Não podes calcular como estou impaciente!

— Está se vendo. Se eu pudesse, dava-lhe os parabens: estás realmente appetitosa.

— Lisongeira! Estou, mas é envelhecendo; por isso é que vou aproveitando o que posso. Mas, dize-me: o que ha de novo? Tu por aqui, a esta hora, de sopetão, hum! é novidade... Conta lá.

Corina narrou-lhe a scena da vespera e a partida imprevista de Paulino e, por fim, pedio-lhe conselho sobre o que devia fazer.

— E' evidente que te ama. Eu já o sabia desde a noite da chegada d'elle;— e, emquanto falava, ia perfumando com o pulverisador os seios, o pescoço, as axillas. Não te deixava com os olhos; perturbava-se todo quando lhe falavas... Aquella timidez é um indicio infallivel de amor. Agora esta verdadeira fuga não deixa duvida possivel. Eu, no teu caso, adoptaria o seguinte plano de campanha: Quando elle voltasse, retrahia-me, evitava-o, mostrava não me lembrar da scena do *Belvedère* — faria emfim tudo para não assustal-o, para que elle se fosse deixando ficar perto do fogo sem lhe sentir o calor. Mas, ao mesmo tempo, augmentaria o meu poder de seducção, disfarçadamente: hoje um vestido leve e justo, amanhã um decote mais fundo e os braços nús, depois um descuido que mostrasse o começo da perna, ou uma attitude mais languida. D'esse modo, nada vendo de positivamente ameaçador e preso por outro lado, quasi sem o saber, por todas essas seducções, elle se deixaria ir ficando. E assim até que chegasse, finalmente, o dia da batalha campal, decisiva; nesse dia—o grande golpe.

— E qual seria esse grande golpe?

— Elle é medico. Uma noite em que estivesses sósinha, em perfeita segurança, sentirias um incommodo, tonturas, falta de ar... A criada te affrouxaria as roupas e correria a chamal-o... O resto... ao acaso, e não falha; asseguro-te. O acaso é um bom amigo dos amantes.

Corina tinha as faces afogueadas e os olhos ardentes. Levantou-se para disfarçar a commoção. A amiga estava prompta. No momento em que iam sahir do quarto, *Santinha* deteve-a por um braço, como tocada por uma idéia subita:

— Uma idéia! Queres tu vir commigo, para conhecer o meu *buen-retiro*?

— Estás doida? E o teu poeta?

— Elle chega sómente á hora e meia. Temos tempo.

— Mas para que hei de eu conhecer o teu *buen-retiro?*

— Oh! filha, não desdenhes! Quero apresentar-te a Dona Miquelina. E' uma mulher segurissima, de uma discreção de poço entupido. Póde ser-te util um dia.

Corina corou levemente e recusou; a amiga não insistio.

Sahiram e tomaram juntas o bonde. Desceram no largo da Carioca, e, na occasião de se separarem, *Santinha* insinuou com muito geito:

— E' aqui pertinho. E' um momento; vem...

Corina acompanhou-a sem dizer nada. Era na rua de Santo Antonio, proximo da da Ajuda.

Casa de rotula e janella verdes, aspecto pobre. *Santinha* bateu com o cabo da sombrinha, de vagar. A porta abrio-se mansamente, engolindo-as logo.

Uma mulher de quarenta e tantos annos, magra, cara de soffrimento, apesar do sorriso forçado com que procurava alegral-a constantemente, as recebia correndo o ferrolho á rotula:

— Sentem-se, minhas senhoras. Esta choupana é sua; e para *Santinha*: Como tem passado, Dona Carlótinha?

Corina olhou com espanto para a amiga, que lhe fez um signal significativo, respondendo logo á velhota:

— Muito bem, Dona Miquelina, sem novidade. E a senhora?

— Eu, como pobre... rolando, enchendo os meus tristes dias. E' muito bonita esta sua amiga, benza-a Deus! Como se chama?

— Emilia Passos; acudio logo *Santinha*, lançando a Corina um olhar de intelligencia. Trouxe-a para lh'a apresentar, entendeu?

— Pois não, minha senhora; tenho muito gosto em conhecel-a. Esta casa é sua; e accentuou as ultimas palavras.

Corina respondeu apenas com um gesto de cabeça. Cinco minutos depois sahia apressada, com o ar ligeiro e receioso de quem sae de um logar escuso, onde foi peccar.

Meia hora depois batiam discretamente á porta da casinha. *Santinha*, que estava só, tendo a dona da casa ido dar umas voltas, foi quem abrio. Era o poeta.

Entrou com o chapéu numa das mãos, e a bengala e as luvas na outra, muito timido, e ficou tão atrapalhado quando deu de face com aquella mulher tentadora que o esperava, que deixou cahir a cartola. Tinha-se vestido a capricho e rescendia a *new mown hay*.

— Entre, meu senhor, no tugurio humilde onde a sua escrava o espera impaciente;

exclamou *Santinha*, com proposital affectação comica, para pol-o á vontade; e tomou-lhe os objectos que tanto o embaraçavam.

— Demorei-me? perguntou elle, para dizer alguma cousa.

— Não, foi pontual como um inglez.

O poeta enxugava a fronte com fervor, emquanto pensava: — « Sou uma besta. Já devia ter-lhe dado um beijo, ao entrar. Mas agora é ridiculo. D'aqui a pouco. »

Aquelle acanhamento encantava a experimentada senhora: gostava de iniciar neophytos nos mysterios venusinos.

— Então, não me dá um beijo? E' preciso que eu lhe peça?

O pobre rapaz, que se sentara, decidio-se então. Tomou-a sobre os joelhos e beijou-a longamente, demoradamente, nos olhos, nos cabellos, na boca, na parte núa do collo. *Santinha* fechava os olhos, quebrada, rendida, murmurando:

— Como eu te amo! Tu me matas, Ferry, tu me matas! Não imaginas, não podes imaginar como te quero, como te amo! E's o meu primeiro amor, juro-te. Oh! eu sou uma desgraçada!

Fiz um casamento desastrado. Meu marido é um burguez grosseiro, materialão, que não comprehende, que nunca suspeitou sequer as riquezas occultas em meu coração. Tanto peior para elle! E' a ti, meu adorado poeta, a ti sómente que eu as desvendarei... Sou tua amante, tua escrava, uma cousa tua! Mas dize-me: amas-me tambem um pouco? dize!

— Adoro-te, *Santinha*. E's a minha luz, o meu sol, o fanal que me illumina a vida. Queres uma prova? Ouve estes versos.

E sacou do bolso uma folha de papel côr de rosa com um friso dourado, dobrada ao meio. Desdobrou-a e começou a lêr, com as pernas um pouco dormentes do peso do corpo amado:

« Flôr que te abriste, perfumosa e bella,
« No areal adusto do meu peito enfermo,
« Do meu céu negro radiosa estrella,
« Que vens lenir o meu soffrer sem termo...

Cada estrophe era pontuada a beijos, a cada verso correspondia uma exclamativa de admiração de *Santinha*.

Fazia um calor de forno na salinha de Dona Miquelina. E o trovador sem decidir-se... Por fim, *Santinha* observou-lhe :

— Como transpiras ! Porque não tiras o paletó? Estamos completamente sós. Temos duas horas para estarmos juntos—as primeiras, meu amor !

Foi então que o poeta deu com a alcova aberta sobre a sala, mostrando uma velha marqueza, commum, sem docel, com a sua colcha de chita verde e vermelha e as grandes almofadas brancas. Ergueu-se, erguendo a amante, e foi-a levando docemente, tremulo, com as pernas quasi esquecidas, suando em bagas.

IX

ESTRATEGIA AMOROSA

A estada de Paulino em Nova Friburgo foi curta. Desceu no fim de cinco dias, chamado por telegramma do pae de uma de suas clientes, cujo estado se aggravara.

Chegou á cidade ao anoitecer, mas só tarde subio para a Tijuca, de modo a não ser presentida a sua entrada em casa.

Passara pessimamente aquelles dias de ausencia, apesar da amenidade da temperatura e da escolhida roda em que conviveu, toda de veranistas da nossa primeira sociedade. O moral trabalhava-o continuamente, como uma broca a perfurar um tronco, e a ponto de fazel-o perder o appetite e o somno.

O incidente d'aquella aziaga noite de quinta-feira não lhe desertava o pensamento um instante e produzia-lhe uma impressão de terror continua e progressiva, que se ia tornando obsessão.

Estava consummado o seu crime: revelara a *Dona Sinhá* o seu amor inconfessavel; e revelara-o melhor que com palavras — com um beijo, um beijo ardente, em plena boca!

Como pudera commetter essa baixeza, esse crime? Commettera-o sómente porque, num instante rapido de excitação nervosa, os seus sentidos o dominaram completamente, obcecando-lhe a razão.

Este desastrado incidente foi para elle um poderoso raio de luz introspectiva; revelou-o a si proprio, mostrando-lhe os perigosos meandros do seu temperamento, o que nelle havia de impulsivo, de arrebatado, de imperioso. Possuidor de uma razão clara e robusta e de um senso moral perfeito, — tanto, pelo menos, quanto o permitte a vida social hodierna, — vio-se repentinamente capaz de praticar actos condemnados pela sua razão como erros e pelo seu senso moral como *faltas*, desde que o seu temperamento

encontrasse ensejo de exercer a sua acção livremente, a toda a força. Era, pois, um impulsivo, por uma fatalidade organica, constitucional, atavica sem duvida, e, por isso, um homem perigoso, capaz dos excessos mais condemnaveis.

Havendo reconhecido e confessado a si proprio a sua paixão extraordinaria pela esposa do seu amigo e protector, horrorisado ante essa enfermidade da sua alma, resolvera, antes que se tornasse incuravel, fugir d'aquella casa e d'aquella mulher, resistir heroicamente ao seu mal, e conservar-se digno da propria estima ; e resolvera-o firmemente, com toda a energia de sua forte vontade educada. Pois bem, horas apenas decorridas, um acaso estupido reune-os na obscuridade, atira os dois corpos um para o outro; ella suspira-lhe o nome com expressão amorosa e elle agarra-a e beija-a com arrebatamento, partindo os labios ardentes sobre os seus labios finos, perfumosos, não menos ardentes ! Razão, senso moral, resolução clara, ponderada, firme —tudo desapparecera e tudo o abandonara aos seus instinctos, á sua paixão maldita num momento propicio, que se diria preparado por uma divindade infernal !

Havia, porventura, absurdo mais revoltante, fraqueza mais deploravel e mais vergonhosa? E esta certeza indignava-o, enfurecia-o intimamente, surdamente.

Aquelles cinco dias em que não a vio, passou-os Paulino a debater-se nesse inferno de sentimentos e idéias, á procura de uma resolução que fosse uma solução para o seu caso, um golpe unico e seguro naquelle nó moral da sua existencia. Deixar a casa de Fernando não bastava: teria de frequental-a, e o escarninho acaso prepararia novos encontros, alguma armadilha inevitavel. . .

Era preciso deixar o Rio de Janeiro. Era uma pena, um verdadeiro desastre, nas optimas condições em que já estava a sua clinica de consultorio, promettedora de tão largo e brilhante futuro.

E o seu sonho de residir na Europa, após alguns annos de trabalho? E a sua independencia pecuniaria, que elle almejava com impaciencia, sonhando-se em condições de poder dividir a sua existencia entre a Sciencia e o Prazer, sem preoccupações nem temores ?

Tudo perdido ! Mas que importava isso — reflectia com tristeza — se cumpria o seu dever,

se se conservava um homem de bem ! Sim, partiria, deixaria o Rio de Janeiro, iria clinicar em qualquer estado, no de S. Paulo por exemplo. E nesta decisão se firmou.

Reconheceu, todavia, que para executal-a precisava de algum tempo, o necessario para preparar Fernando e a mulher.

Como poderia justificar, sem levantar suspeitas e desconfianças vehementes, essa partida brusca, abandonando uma clinica de dia a dia mais prospera ? Era-lhe necessario pelo menos um mez para esse effeito. Nesse mez raras vezes jantaria em casa, e nenhuma d'ellas em quinta-feira ; trataria Corina com a mais fechada reserva, e, para afastal-a e desilludil-a sobre os seus sentimentos para com ella, lembrou-se de um recurso, que lhe pareceu excellente — tomar uma amante, escolhida no *demi-monde* fluminense e não occultar essas relações nem os vestigios d'ella — cartas, flores, photographias...

Talvez até que esse expediente pudesse justificar a mudança para S. Paulo.

Sim, era isso ; fal-a-ia partir para lá e, depois, partiria tambem elle, apparentemente attrahido e enfeitiçado pelos seus encantos viciosos...

Quando chegou a este resultado das suas angustiosas reflexões sentio-se alliviado e contente e voltou para a capital, ruminando lentamente o seu plano de salvação.

Nem mesmo a hetaïra, necessaria para a sua execução, lhe faltava : lembrara-se de *Madelon*, a parisiense encantadora com quem fizera relações em Paris num *cabaret* artistico, amasiada nessa occasião com um barão russo, e que viera para o Brasil tentar fortuna, *déplumer des richards* — como ella dizia — enthusiasmada pelas informações do seu *petit brésilien*. Uma *mignonnette* de vinte e um annos de edade e trinta e nove kilos de peso, com uma cintura inverosimil e uma dentadura ideal.

Madelon estava a calhar — parecia até feita de encommenda ! Prestar-se-ia sem nenhuma difficuldade ao seu plano, tanto mais que tinha por elle uma certa estima, quasi uma *amourette*. Iria vel-a no dia seguinte e desde logo começaria o escandalo.

A volta de Paulino foi uma grande alegria para Fernando, embora tão curta houvesse sido a ausencia ; é que já se havia habituado á sua companhia, ás partidas de bilhar depois do jantar, ao solo á noite com a mulher, que era forte nesse jogo, e ás longas palestras pela manhã, depois da ducha, no *Belvedère*, fumando cigarros, ouvindo casos e anecdotas da *haute-noce* de Paris.

— Decididamente, não posso mais passar sem o Paulino ; dissera elle á mulher no dia anterior, e accrescentara :

— Se não chegar amanhã, vou buscal-o.

Mas Paulino chegou nessa noite.

— *Monsieur le docteur est arrivé ce soir ;* disse-lhe Alfredo, na manhã seguinte, indo á cosinha buscar o café.

Fernando galgou presto as escadas e foi encontral-o em *robe de chambre*, já de volta do banheiro. Abraçou-o com uma effusão tal como se a ausencia houvera sido de cinco mezes e não de cinco dias. E communicou-lhe que havia organisado uma grande companhia sob a fórma de sociedade anonyma, cuja presidencia lhe destinava.

Paulino recusou com energia, allegando não querer occupar-se senão de sua clinica.

— E' tarde, meu caro. Já foste eleito na assembléa de installação. E possues tres mil acções, que já podes vender com um agio de vinte e cinco mil réis em cada uma, o que significa que podes metter no bolso d'aqui a algumas horas setenta e cinco contos de réis.

Paulino ficou enfiado, *ahuri*, sem saber que dizer nem fazer.

A' mesa do almoço foi que vio Corina — fresca, risonha, com uma *toilette* de primavera, que lhe dava um ar de menina de collegio. Comprimentou-a sem expansão, com reserva bem dosada, esperando encontrar no seu acolhimento algo que lembrasse a famosa scena do *Belvedère*; mas ficou surprehendido com o contrario: Corina apertou-lhe a mão simplesmente, com um sorriso desintencional e palavras banaes e conservou durante toda a refeição esse ar despreoccupado, sem um olhar ou uma phrase de significação especial. « Naturalmente dissimula por causa do marido »; pensou Paulino. E, havendo o banqueiro notado que Paulino estava um pouco abatido, o que elle

explicou dizendo haver-se resfriado em Friburgo, Corina não concordou: «achava-o até mais bem disposto». Ora a verdade é que elle estava visivelmente mais pallido, com um aspecto de fadiga.

E a luta de dissimulação travou-se entre os dois, renhida, constante, sem tregoas. Na primeira quinta-feira, como Paulino se preparasse ao almoço para avisal-os de que não poderia vir jantar, e antes que o fizesse, ouvio, com grande surpresa, *Dona Sinhá* dizer-lhe:

— Sabe que hoje tem de jantar sósinho? Prometti ir passar a tarde com mamãe e o Fernando irá buscar-me á noite.

— Oh! filha, isso não é possivel. Saio muito tarde da casa do Paranhos. Mas o Paulino podia fazer-nos o favor de ...

— Não, deixa; acudio Corina. Eu durmo lá. E' mesmo melhor, porque farei mamãe dar um bom passeio amanhã, pela manhã, no *landau*.

Paulino pedio licença para não vir jantar tampouco:

— E' que tenho tambem a minha tarde presa e provavelmente tambem a noite; e lançou um olhar expressivo a Fernando.

— Vaes fazer a tua *noce*, ein, maroto? exclamou este rindo, com o ar de quem havia entendido.

Corina nada d'esse jogo parecia ter percebido: despolpava attentamente uma pera.

O plano estrategico aconselhado por *Santinha* ia produzindo resultados maravilhosos. Paulino de dia em dia mais se apaixonava, mais se prendia insensivelmente, acreditando, entretanto, que a reserva de Corina e a sua apparente tranquillidade e despreoccupação eram resultado do plano d'elle, todo de afastamento lento e bem calculado. Mas a sua inquietação e o seu vago mal-estar augmentavam sempre inexplicavelmente.

Agora, quando estavam sós, o que era bem raro, riam, conversavam, entretinham-se como d'antes, mas sem o mais ligeiro contacto, sem uma allusão, sem um signal qualquer de intelligencia amorosa. Era, entretanto, nessas occasiões que a inquietação e o mal-estar do medico mais se accentuavam. Propositalmente, nesses dias a *toilette* de *Dona Sinhá* era menos cuidada, mais summaria, mais simples: um ligeiro vestido claro, de

mangas curtas, deixando ver os formosos braços e o começo do collo, que um esquecimento libertara do *fichu*; e havia mais languidez, mais *nonchalance* nas suas attitudes.

Longe de tranquillisar-se e satisfazer-se com a despreoccupada indifferença de Corina,— tão completa que a levou ao ponto de lhe dizer sem um tremor na voz, com a maior calma, que havia visto *Madelon*, a amante *affichée* do medico, e que a achara encantadora,— Paulino inquietava-se e soffria com essa indifferença.

Estava a findar o mez de prazo que se havia marcado para mudar-se para S. Paulo, e ainda não tinha participado tal resolução aos seus amados hospedes. Ia protelando... Para que communicar-lh'a se não havia perigo, se nada occorria que tornasse urgente a execução do seu plano?

Corina nenhum signal manifestava de amal-o, ou desejal-o, ao menos. Affeição ou capricho, o que fôra, passara; era evidente. Porque, pois, abandonar tudo, a sua clinica, a sua posição de presidente da Companhia « Melhoramentos da Tijuca », em que Fernando já o fizera ganhar

cerca de oitenta contos de réis, e a propria casa e convivencia d'este... ? Não seria uma feia ingratidão ? De certo que sim.

E' verdade que, ficando, soffria horrivelmente, porque o seu amor desgraçado augmentava sempre, com uma intensidade assustadora. Mas que lhe importava soffrer? Ninguem lhe ouviria um gemido ; a causadora d'aquelle tormento occulto nunca o adivinharia sequer; na sua face, cada dia mais pallida, nenhum reflexo se estampava das dores que lhe devoravam o intimo.

Era em vão que se esforçava por apaixonar-se por *Madelon*, que com ella passava a maior parte do tempo que o trabalho lhe deixava ocioso. Ultimamente, dormia frequentes vezes em casa d'ella; as suas relações eram conhecidas de toda a cidade; e mais de uma vez Fernando jantou com ella e elle em *partie fine* no « Restaurant Campesino », do Jardim Botanico, ou no Hotel das Paineiras. Nem os encantos da gentil parisiense, sabedora insigne dos mais delicados requintes da sua arte, nem a fadiga d'aquella vida de trabalho e de vicio o distrahiam do seu amor peccaminoso e secreto. E Corina sabia-o

e via-o claramente, com uma dissimulação perfeita, e presentia proximo, bem proximo, o desenlace almejado

As tranquillas noitadas familiares tinham acabado.

Raramente se encontravam agora os tres, á noite principalmente. Paulino vivia mais em casa de *Madelon*; Fernando, allucinado no turbilhão dos negocios e dos prazeres, recolhia-se sempre tarde e Corina sahia constantemente, de *coupé*, com *Santinha*, com a madrinha ou com alguma de suas novas amigas, que as tinha muitas.

Até que um dia o inferno moral em que vivia Paulino accresceu de uma nova tortura — o ciume.

Corina empregara o grande recurso, a arma de golpe infallivel. Paulino surprehendera-a em colloquio intimo com o barão de Santa Lucia em uma *soirée* na casa do conselheiro Prestes. Depois, apesar seu, não os perdeu mais de vista, descendo á baixeza de espial-a, de

acompanhal-a, de seguir-lhe todos os passos, movimentos estes que Corina conhecia perfeitamente, por intermedio de Mauricia e de Alfredo, bastante *rusé* para se deixar vender, conhecendo toda aquella intriga em seus minimos detalhes.

A existencia de Paulino tornou-se então insupportavel. O ciume enlouquecia-o de dor e de raiva nas longas noites de vigilia no seu leito do *Belvedère* ou no de *Madelon*, cuja nudez olympica de dryada infante não lhe excitava já os sentidos.

Até que, sentindo a necessidade inadiavel de desabafar o seu incomportavel soffrimento, disse a *Santinha* que prevenisse a amiga de que os seus amores com o barão estavam-se tornando escandalosos e que Fernando acabaria por ver tambem. *Santinha* teve um sorriso diabolico e limitou-se a dizer-lhe:

— Olhe, doutor Paulino, se eu devesse prevenir a minha amiga a respeito de alguem, não seria do barão, mas sim do senhor mesmo.

— De mim? perguntou Paulino, com um espanto enorme na pallidez da face.

— Sim, do senhor, que ama Corina como um louco !

Paulino deixou-a atterrado, sem mais uma palavra ; e, horas mais tarde, estava no *boudoir* da franceza, cujos amores viciosos foi procurar, como, em busca do esquecimento, procura um ebrio a taverna e um jogador a batota.

Emquanto a franzina flôr do *boulevard*, núa, com a alvura leitosa e vellutinea do seu corpo moço e mimoso, apenas cortado pelo negrume das meias, e os seios, pequeninos e rijos, de Chloé, parecendo gottejar sangue dos bicos altos, acabava o seu toucado nocturno, deante do crystal do psyché, Paulino inerte, apathico, estendido, de olhos cerrados, na *chaise-longue*, ruminava em silencio o seu atroz soffrer, e, no momento em que a amante lhe dizia, risonha, tentadoramente lubrica, tendo vestido uma camisa de seda preta, ornada de *valenciennes* : « *Allons nous coucher, mon petit* », elle ouvia-se dizer a si proprio, no mais fundo do seu pensamento, como se o ouvisse de outrem: « Ou fujo ou mato-me. »

X

A OBRA DO CIUME

Partir, fugir ao inferno em que padecia como um scelerado punido atrozmente, era a solução mais simples e mais racional que tinha o medico deante de si.

Matar-se, por que?

Era moço, forte, quasi rico, ambicioso de fortuna, sedento de gosos, sem dependencias nem compromissos. Tinha o mundo e o futuro largamente abertos, propiciamente francos á sua intelligencia, á sua actividade e aos seus appetites. Matar-se porque amava a unica mulher que lhe era vedado desejar no mundo fôra insania imperdoavel em cerebro tão lucido.

Estava certo que a ausencia, prolongada, longe, o havia de curar radicalmente. Era mister partir. Iria primeiro para S. Paulo, para experimentar, e tambem porque lhe pareciam escassos ainda os seus recursos pecuniarios para effectuar uma viagem e estada longa na Europa.

Assim raciocinava e resolvia Paulino, e, no emtanto, ia ficando, ia transferindo indefinidamente o dia da partida. Não tinha coragem para sacudir dos hombros o peso ferreo do seu martyrio.

Como o procedimento de Corina, todo de reserva e indifferente affabilidade, nada tinha de alarmante, não denunciava um perigo proximo, não via o medico necessidade de precipitar a execução de seu plano, o qual, se o salvava moralmente, podia trazer-lhe immensos prejuizos materiaes.

E, depois, elle achava nobre aquella luta, dignificante aquelle soffrer. Fugir fôra covardia. Ficar, resistir ao seu temperamento e vencel-o, era o dever. Cumpril-o-ia até ao fim, serenamente, embora com o coração despedaçado pelo seu amor maldito, como o infante espartano fizera com a raposa furtada: sem um gemido, sem

uma contracção da face. O temperamento deve ser um escravo do homem e não o seu senhor; do contrario seria a civilisação uma palavra vã e a sociedade um parque de feras hypocritas.

E com tal philosophar illudia-se Paulino, mascarando a propria alma, cobrindo de areia fria e branca as ulceras do coração. A verdade era que a tactica de Corina, habilmente dirigida por *Santinha*, dia a dia o punha mais apaixonado e perdido de amor e lhe tirava a força de fugir-lhe.

Se ella tivesse um brusco movimento de paixão para elle, em vez da esquivança e indifferença que affectava, tel-o-ia assustado, abrir-lhe-ia os olhos sobre o abysmo que o esperava, e elle fugiria espavorido, para salvar-se e salval-a. Mas, assim, elle podia illudir-se, tomar a sua situação pelo lado que lhe agradava e convinha — como um crysol, penoso embora, da tempera do seu caracter, como uma luta heroica e nobilitante.

Mais de uma vez teve occasião, não buscada, de surprehendel-a em *deshabillé* matutino, jardinando, voltando do banho frio, com os cabellos desnastrados e humidos, ou á noite, já em roupão de dormir, espumante de rendilhas

e fitas, como forçosamente acontece na vida commum dos que cohabitam o mesmo tecto ou mantêm relações de convivencia estreita e constante.

Nesses dias Paulino soffria como um réprobo. O seu sangue impetuoso rugia-lhe nas veias, cachoava-lhe no estuario do coração, afogueava-lhe a cabeça, enfebrecia-o como se um veneno ardente se houvesse insinuado nelle.

Tinha impetos doidos de apossar-se d'aquelle corpo capitoso e excitante e de gosal-o longamente, allucinadamente, até morrer estreitando-o no derradeiro abraço, expirando a alma e a vida no derradeiro beijo.

Esse combate intimo e tremendo minava-lhe a saúde. Andava pallido e emmagrecia evidentemente--o que Fernando explicava pela vida de *noceur* do amigo e *Dona Benga* pelo excesso de trabalho do irmão. Corina, essa, não perdendo o minimo indicio dos resultados d'aquella luta, parecia, no emtanto, nada perceber, e dava-se, toda em apparencia, á vida de luxo, ostentação e prazeres em que vivia desde algum tempo.

Para Paulino essa indifferença e despreoccupação da moça pela pessoa d'elle explicavam-se

do modo mais simples. Corina estava apaixonada, ou, pelo menos, entretida, por outro, e esse outro devia ser o barão de Santa Lucia,— esse nullo, correcto e grave possuidor do prestigio commum do dinheiro, da *toilette* e de um titulo barato. Adquirio essa certeza, já preparada pela descoberta que havia feito na *soirée* da Chiquita Prestes, quando Alfredo lhe revelou que *Dona Sinhá* frequentava uma casinha suspeita na rua de Santo Antonio, ou melhor, quando verificou pelos seus proprios olhos que essa revelação exprimia a verdade.

Montou ronda nas visinhanças. Uma tarde vio sahir da casa de Dona Miquelina um homem, que não poude reconhecer, por ter elle sahido dando as costas para a esquina da rua da Ajuda, em que estava Paulino, e ter caminhado rapidamente para o lado do Largo da Carioca; oito ou dez minutos depois d'elle haver desapparecido, vio vir, pelo mesmo lado, um vulto esbelto de mulher com um véu preto no rosto: era ella; chegou á porta da casinha, bateu, abriram-na, entrou.

Mas como explicar que ella chegasse após ter sahido o homem? Naturalmente ella demorou e

elle, cançado de esperar, foi-se embora; era isso. Paulino veio até á frente da rotula verde e, parando, teve um desejo furioso de bater e entrar. Chegou a dobrar os dedos e estender o braço...

Mas suspendeu o gesto e caminhou, tremulo e tropego como um ataxico.

Chegado ao canto, parou, e poz-se de observação. Esperou um quarto de hora, vinte minutos, vinte e cinco. Corina sahio, então, e á rotula appareceu a cabeça de D. Miquelina, com o seu sorriso mecanico, e nos gestos trocados por um momento entre as duas mulheres julgou ver Paulino signaes de concerto de um plano ou projecto. Quando a moça se afastou alguns passos da casa, elle passou-se para a mesma calçada e veio-lhe ao encontro, com o passo natural, como trazido pelo acaso.

Fervia dentro d'elle uma onda de indignação e revólta contra aquella infamia. Corina enganava vilmente, miseravelmente o marido, que a estremecia, que lhe satisfazia todos os caprichos, todas as velleidades e a todo preço! Enganava-o, sim: tinha a certeza d'isso.

O seu dever qual era, nesse caso: amigo de Fernando, seu mais antigo e dedicado amigo? Prevenil-o.

Mas isso fôra matal-o, ou, pelo menos, á sua felicidade! Não, o seu dever era prevenir Corina, fazel-a ver para que abysmo caminhava.

E o melhor era aproveitar aquelle ensejo; não havia tempo a perder. Isso pensava Paulino no tempo que gastou até encontrar-se com a moça. Esta vira-o momentos antes e ficou profundamente perturbada, por não esperar aquelle encontro.

Havia ido á casa de Dona Miquelina, não para encontrar-se com o barão ou com outro amante, mas com *Santinha*, que devia lá ir naquelle dia e não foi, faltando ao *rendez-vous* marcado ao poeta, e, como era extraordinario isso, esperou pela amiga alguns minutos. Agora, voltava a tomar o *coupé*, que havia mandado esperal-a em frente ao Theatro Lyrico.

Estavam ambos tão emocionados que pararam um em face do outro, sem uma palavra, sem um gesto. Por fim, Paulino disse, com um estranho tom de voz, que Corina lhe não conhecia:

— A senhora, aqui? a esta hora e nesta rua?

— Que tem isso de admiravel? Vim procurar uma criada, que annunciou hoje no *Jornal*. Mas tambem lhe pergunto porque acaso o encontro aqui. Ah! já sei o que me vae responder... Uma visita medica.

Mas, apesar do seu tom *degagé*, a voz tremia-lhe, commovida. Paulino, após um esforço que se lhe traduzio numa contracção dos supercilios, respondeu com voz firme:

— Não, *Dona Sinhá*, não vim visitar nenhum doente a esta rua. Vim ver a senhora.

— Veio espiar-me, diga antes. E, por conta de quem desempenha esse bonito papel? Por conta propria ou alheia?

Paulino, que não esperava semelhante replica nem semelhante tom, empallideceu e tartamudeou, o que permittio á mulher de Fernando assenhorear-se da situação, tomando um partido.

— Ouça-me, *Dona Sinhá*. Não póde duvidar do meu affecto... fraternal e sabe quanto sou dedicado a seu marido. Permitta-me, pois, em nome d'esse affecto e d'essa dedicação, dar-lhe um conselho.

— Pois não, fale ; reservo-me apenas o direito de dispensar o conselho, agradecendo-o ao conselheiro, se aquelle me desagradar...

— Fará o que entender, Corina. Eu cumpro o meu dever.

— Mas venha o conselho ; volveu Corina, impaciente.

— E' simples : olhe para o abysmo que se lhe abre aos pés. Salve a sua honra e a de seu marido, se ainda é tempo.

Corina, cujas faces ficaram côr de lacre, fixou sobre elle um olhar de fogo, em que ardia toda a indignação de um amor proprio brutalmente offendido, e respondeu secca e pausadamente:

— Não lhe reconheço autoridade para semelhante recommendação, que é um insulto. A acção que acaba de praticar só um sentimento a poderia justificar — o ciume ; mas eu ainda o não autorisei a mostrar ciumes de mim. Adeus.

E caminhou, firme, ligeira, altiva, deixando o medico na calçada, enfiado, corrido, immovel.

Só passados alguns momentos, foi que elle comprehendeu a grande asneira que havia feito.

« Sou um idiota. Um cretino não teria agido mais desastradamente. Como foi que não vi o ridiculo a que ia expor-me, mostrando a Corina que a espionava e, sobretudo, dando-lhe um conselho d'aquella ordem, sem nenhum titulo que me autorisasse a tanto? Mas o que acabo de fazer é positivamente uma declaração de amor! Só o ciume justificaria semelhante brutalidade, como ella bem disse. »

Assim pensava Paulino.

Assim pensava tambem Corina, tomando o *coupé* e mandando tocar para a casa de *Santinha*. Aquillo fôra uma declaração de amor e a mais eloquente que elle podia fazer-lhe. E, passado o sentimento espontaneo e natural de indignação que lhe produziram as palavras desastradas de Paulino, Corina sorria, contente, satisfeitissima. Ia triumphar, ia, finalmente, vencer aquella resistencia tenaz e satisfazer o seu ardente capricho, que ella chamava «amor», acreditando-se profundamente apaixonada por elle.

Com que açodamento feliz foi contar á sua preciosa amiga o incidente! Foi encontral-a de

cama, prostrada por uma enxaqueca furiosa, felizmente acalmada um pouco quando chegou Corina, e contrariadissima por ter feito esperar em vão por ella o seu *Zanetto* querido — chamava-lhe *Zanetto* romanticamente: era uma reminiscencia da leitura de *Le Passant*, de Coppée.

— Attenção! A hora do grande golpe approxima-se. Preparar armas! exclamou a experimentada mulher do Viriato, com um lampejo de orgulho nos olhos, como o de um grande cabo de guerra ante a victoria proxima.

Entretanto, Paulino caminhava ao acaso, apatetado, ainda corrido de vergonha do papel que fizera. Ao cabo de meia hora, regressando ao consultorio, cheio de enfermos que o esperavam impacientes, tinha a sua resolução tomada, e inabalavelmente, segundo pensava: partir. Não lhe restava outro recurso, depois d'aquella scena; ella equivalera a uma confissão amorosa, e, depois d'isso, ficar valeria tanto como trahir o amigo. Mas resolveu partir sem prevenil-o, de repente. Para isso iria preparando tudo em segredo e rapidamente. O que lhe valia e o tranquillisava um pouco era que,

com a vida esparsa de diversões que levavam marido e mulher, elle pouquissimo parava na Tijuca e assim poucos encontros poderia ter com ella.

Dentro de quinze dias, o mais tardar, tudo estaria acabado. Oh ! com que alegria se veria liberto do seu inferno de amor!

XI

INCIDENTES

Passados os quinze dias improrogaveis que Paulino havia marcado a si mesmo para cortar cerce e de uma vez com aquella situação intoleravel, ancioso por terminar aquella dolorosa luta do seu caracter com o seu temperamento, residia elle ainda na mesma casa: não tinha podido partir.

Motivo imprevisto e imperioso lh'o impedira. Fôra esse motivo o estado de saúde de Fernando.

Havia cerca de um anno que elle vivia extraordinariamente pelos nervos, fazendo um dispendio excessivo de actividade mental e physica.

A sua vida tornara-se uma agitação constante, um continuo agir, devido á multiplicidade e á complexidade de negocios em que se envolvera, allucinado, como quasi todos naquella epoca, pela febre do jogo da Bolsa, pela sêde de enriquecer rapido e muito, mal tremendo, que, manifestado nos ultimos mezes de vida da Monarchia, se desenvolvera espantosamente nos primeiros da Republica, sob o Governo Provisorio.

Não descansava quasi, quasi não dormia. Vivia agora mui pouco em casa, raramente voltando para jantar e entrando muitas vezes de madrugada.

Não eram de certo só os negocios que o prendiam até tão tarde na cidade, como procurava fazer crer á esposa—aliás inutilmente—mas sim a existencia dissipada e deleitosa que contrahira e em que tinha por habitual companheiro o seu amigo Viriato, agora seu intimo.

Eram jantares caros nos melhores restaurantes, ceias ruidosas, regadas fartamente a champanhe em gabinetes particulares, em Botafogo, no Jardim Botanico, no Daury, com Vanderbilts feitos *à la minute* e Coras Pearl de arribação,

vindas do Rio da Prata e algumas dos bordéis de Marselha e Bordeaux com rotulos de Paris, attrahidas pelo cheiro da carniça fresca e abundante.

Nesses jantares e nessas ceias, babujadas de beijos e de vinhos caros, tratavam-se, é verdade, grossos negocios, esboçavam-se planos de emprezas maravilhosas ou fechavam-se transacções commerciaes avultadas ; mas, em compensação, malbaratava-se tambem o dinheiro ganho a golpes de audacia e de sorte, espalhando-o em presentes pomposos ás *cocottes* — carros, parelhas de bellos urcos, adereços do Rezende, do Farani ou do Augusto Reis, palacetes, *toilettes* de um luxo insolente; em acquisições ruinosas e mesmo em novos negocios absolutamente insensatos.

Era uma vida atordoadora e falsa. Sem saber de que modo, deixara-se apanhar Fernando na sua entrosagem terrivel e affizera-se ao jogo, á dissipação, á desordem. Jogava a roleta, o dado, o *baccarat*, em que perdia sem pestanejar gordas quantias, e tinha amantes que lhe custavam alguns contos de réis por mez, sem que possuissem outros encantos além dos proprios da sua corrupção e dos seus vicios refinados.

Corina não se queixava muito d'essa vida nova do marido porque ella lhe deixava uma liberdade quasi completa de acção, da qual se aproveitava o mais e o melhor que podia. Tambem ella tinha o seu turbilhão: passeios, convescótes, *five d'clocks*, bailes, concertos, *flirts* sem consequencia, nos quaes tinha por inseparavel companheira a sua amiga *Santinha*.

Eram os maridos por um lado e as esposas pelo outro — numa festa incessante.

Paulino algumas vezes, não muitas, foi companheiro ora dos dois maridos, ora das duas mulheres: era inevitavel.

Uma noite, ao recolher, a deshoras, sentio-se Fernando muito indisposto: faltava-lhe o ar e uma pontada violenta o alanceava na região precordial. Julgou que era chegada a sua hora e um terror immenso apoderou-se d'elle, inundando-o de suores frios. Foi um alvoroto na casa. Os criados corriam em todas as direcções. Um d'elles foi logo chamar o Dr. Paulino ao *Belvedère*...

Não se imagina a angustia indisivel do enfermo e o susto de Corina quando o famulo, de

volta, informou que o medico não dormira em casa naquella noite.

Acudio logo a idéia de chamar outro, o mais proximo, e despachou-se um proprio para esse fim. Mas um carro leve sobe a collina... Correm a ver...

— E' ó Dr. Paulino! gritam.

Foi como se um anjo descesse do céu á alcova do casal, trazendo-lhe a felicidade nas mãos diaphanas... Momentos depois entrava o medico, com um ar espantado por encontrar a casa áquella hora em tal alvoroto.

— Venha, Dr. Paulino, venha depressa! exclamava afflictissima a mulher de Fernando, despenteada, em *toilette* de dormir, com os braços nús nas largas mangas abertas do roupão de cambraia, com o collo mal velado por uma mantilha de rendas, apanhada ás pressas.

Paulino examinou logo o amigo, rapidamente, e preparou uma forte poção calmante, que o fez beber, acompanhando-lhe o pulso com attenção. Quinze minutos depois o doente respirava melhor e a dor abrandara.

Quando chegou o outro medico, um velho clinico pachorrento, mal desperto ainda do

profundo somno a que o foram arrancar, Fernando estava completamente calmo e começava de toscanejar, vencido por uma somnolencia pesada e lenta.

O velho medico approvou a medicação do collega, despedio-se e foi reatar o seu bello somno, voltando para casa no tilbury de Paulino, que gentilmente lh'o offerecera, dando, afinal, por bem empregado o incommodo, pensando em que havia de fazer pagal-o a bom preço.

Pouco depois Fernando dormia tranquillamente e Paulino recolhia-se ao seu aposento, assegurando a Corina que nenhum incidente havia de sobrevir. Sómente de madrugada poude o medico conciliar o somno: na escuridão, viam seus olhos ardentes a visão branca e rosea da sua amada entremostrando as fórmas peregrinas na transparencia das roupagens de fino linho; e nas narinas palpitantes sentia, estonteador, o cheiro da sua carne moça e bem tratada...

No dia seguinte exigio Fernando que o amigo o examinasse attentamente. Paulino fel-o e vio confirmadas pelo exame as suspeitas da

vespera. Fernando soffria de uma insufficiencia aortica. Não lh'o revelou, mas recommendou algum repouso e vida regular, além de um regimen brando e do uso moderado de uma poção calmante que receitou.

O accesso não se repetio nos dias subsequentes; mas o temor do enfermo era tanto e tal a confiança que ganhara no medico que o salvara, que exigira d'elle não dormir mais na cidade; queria-o alli á noite, perto de si, e quasi lhe supplicava que não o abandonasse.

— Olha, Paulino, o que me está dando saúde é a certeza de que estás perto de mim... Tenho a convicção de que morreria nas mãos de outro medico. Não me abandones!

Paulino teve, pois, de adiar mais uma vez, e d'esta sem prazo marcado, a execução de seu plano de salvação. A vida calma de outr'ora recomeçou, com as noites monotonas, preenchidas pelos tres com partidas de solo e *poker*, o novo jogo americano que estava fazendo furor. E o banqueiro foi melhorando, a dyspnéa desappareceu, e as pancadas do coração foram-se tornando menos tumultuarias, mais

rhythmicas, e foi-lhe voltando tambem a despreoccupação, a alegria.

Um mez depois, reentrava na vida agitada de negocios e prazeres, porém mais moderadamente, com uma certa cautela, devida ás incessantes recommendações do medico. Fernando só o que exigia era encontral-o em casa quando voltasse ás onze horas ou meia noite, no receio obsedante da repetição do accesso e de encontrar-se novamente ao desamparo, naquella solidão. Essa quasi mania de ter o amigo á mão, todas as noites, era, de certo, um resultado do seu estado morbido, da depressão do seu systema nervoso e, portanto, um symptoma de enfermidade latente.

Para satisfazer-lhe o pedido jantava o medico mais frequentemente em casa e dentro em pouco estava restabelecida, e mais intimamente ainda, a sua convivencia com *Dona Sinhá*. As noites eram longas ; Fernando, tendo a certeza de que o amigo o esperava em casa e fazia companhia á mulher, demorava-se na cidade, « nos seus malditos negocios » ; não tinha pressa de voltar.

Era de uma alegria communicativa á mesa do chá, de volta da agitação rumorosa da

noce, reentrando na honesta e reconfortante tranquillidade do lar, vendo-se esperado pela esposa e pelo amigo, que considerava um filho adoptivo, entretidos, quasi infantilmente, a jogar as damas e o xadrez ou a ler romances.

Uma manhã em que os dois amigos desceram cedo, sem almoço, para a cidade, o que da parte de Fernando era raro, disse este ao medico, no *coupé*, tomando um ar grave:

— Sabes, Paulino, tenho que falar-te de um assumpto delicado e que considero de uma certa gravidade.

O moço sentio um ligeiro choque nervoso em todo o corpo, mas nada disse, receiando que lhe tremesse a voz, e esperou. Fernando continuou:

— Teu amigo, como sou e sabes, considerei que era um dever da minha parte contar-te o que vaes ouvir. Trata-se da *Madelon*...

Paulino encarou-o, surprehendidissimo, e foi com difficuldade que reteve uma risada, tão imprevista e tão comica lhe pareceu a revelação de que o tal assumpto delicado e grave era a *petite Madelon*.

Mas limitou-se a responder:

— Ah! trata se da *Madelonette*? Então que é?

— Essa mulher engana-te, Paulino; não te é nada fiel.

— Porém... E Paulino ia dizer que estava farto de sabel-o e pouco se importava com isso, não se considerando seu amante unico, não tendo *ménage* com ella; mas o amigo, suppondo talvez que elle ia repellir aquella idéia e defender a amante, apressou-se em pingar os ii.

— Sim, engana-te. Tenho provas. Tenho visto entrar-lhe em casa mais de um sujeito bem conhecido e a mim mesmo escreveu-me ella uma carta...

— Pedindo dinheiro?

— Como sabes?

— Isso adivinha-se logo. Essas mulheres só escrevem para pedir dinheiro e sempre com uma fome na rasão inversa da orthographia.

— Na verdade, ella não pede dinheiro, claramente. Mas pede-me que vá visital-a para conversar sobre um negocio...

— E você que fez? perguntou Paulino. Cahio com o cobre?

— Nada respondi. Ella é tua amante...

— Minha e do Senhor Todo o Mundo...

— Não; é tua amante, pouco importa que infiel. Sei que gostas d'ella. E eu seria incapaz de semelhante deslealdade. Essa mulher para mim não existe.

Paulino, que, ao ouvir estas palavras, ditas em tom quasi solemne, tornara-se extremamente serio, perguntou-lhe:

— Mas você gosta d'ella?

— Confesso-te que lhe acho uma certa graça, um certo *cachet*. Tem um *chic*, um ar vicioso de *boulevard* que me tenta. Ah! se ella não estivesse comtigo, eu já teria mordido nesse fructo do peccado, isso confesso-o. Adoro essa especie de belleza — *la beauté du diable*. Mas eu respeito muito essas cousas. Não enganaria nunca um amigo, mesmo com a sua amante, embora tendo a certeza de que ella o enganava com meio mundo. Não faltam mulheres por ahi, que diabo! Não achas?

— Sim, são escrupulos nobres, que eu talvez não tivesse nas condições que você figurou, mas que sou o primeiro a respeitar. Entretanto, no caso da *Madelon*, devo dizer-lhe que os seus escrupulos são perfeitamente descabidos. *Madelon*

não é mais minha amante. Passam-se agora seis e oito dias que a não vejo nem sei noticias d'ella. As nossas relações constam quasi exclusivamente d'estes dois actos: ella a pedir-me dinheiro e eu a mandar-lh'o, por uma condescendencia perfeitamente estupida em relação a essa especie de gente. Por isso, meu caro Fernando, não faça você cerimonia. Se a *Madelon* lhe agrada, atire-se, que nós: *Monsieur Tout le Monde et moi,* lhe concedemos ampla licença.

— Surprehende-me o que acabas de me dizer: surprehende-me sem que deixe de agradar-me. Suppunha eu que o *collage* continuasse...

— Nunca houve *collage*. Era um conhecimento de Paris, feito num *cabaret* artistico, sem compromissos nem promessas: mera distracção, simples passatempo. E como tal continuou aqui. Emfim, se alguma cousa houve, acabou-se. *Entrée libre* — repito.

— Ah! muito bem; nesse caso irei saber de que negocio se trata. Desde que não tens mais nada com ella...

— Está claro, fôra tolice ter ainda escrupulos.

Aquella conversa estragou completamente o dia de Paulino; passou-o tristonho, apprehensivo, aborrecido; não subio para jantar e recolheu-se a hora em que todos dormiam.

Meia hora depois, estavam os dois homens deitados, mas nenhum dormia. Fernando pensava em *Madelon*, cujo conhecimento intimo fizera naquelle dia mesmo e que o enfeitiçara com as suas *cajoleries* e as suas graças felinas de viciosa parisiense, sabedora de todo o esoterismo *fin de siècle* do amor carnal; e Paulino, resupino, com as mãos enlaçadas sob a nuca, pensava dolorosamente na mulher do seu amigo, com um sentimento mixto e inexplicavel, em que entravam: desgosto de si proprio, raiva surda e indefinida, sem objecto determinado, e uma covardia molle, inerte, consternada, como a que sentem os fatalistas deante de uma catastrophe que presentem proxima. E, por mais que procurasse desviar para alhures o pensamento, revia com clareza a figura séria e aberta de Fernando, avisando-o gravemente de que *Madelon* o enganava e, desejoso d'ella, fugindo-a em respeito ao amigo.

Não poude mais. Voltou-se de borco, abraçou-se á almofada, em cuja fronha bordara Corina o seu monogramma, e, mordendo-a, chorou raivosamente, fraco, pusilanime, infeliz, como uma criança contrariada num capricho.

XII

A MORTE E O AMOR

O passamento do conselheiro Prestes sobreveio algumas semanas depois, podendo-se affirmar que agonisou quinze dias.

Aquella debilidade crescente e aquelle definhar sem causa, a que se referira Corina na noite da chegada de Paulino, cerca de um anno antes, explicaram-se subitamente com a explosão, por assim dizer, de todos os symptomas de uma nephrite, complicada com lesão cardiaca muito antiga.

A revolução de 15 de novembro entrara por muito para a aggravação d'esse estado morbido. O velho ex-valido imperial, sinceramente

affeiçoado ao seu monarcha, sentindo-se sem forças e sem valor moral para defendel-o no momento da sua queda inopinada, vendo-o partir com a familia para um exilio irrevogavel, e intimamente magoado e revoltado pelo *adhesismo* impudente de quasi todos os amigos do ex-imperante ás novas instituições, cahio numa apathia moral e physica absoluta; o estado anemico accentuou-se, as forças foram decrescendo até que as lesões fataes que lhe minavam o organismo revelaram-se com todo o cortejo de seus temiveis symptomas.

Foi Paulino o medico assistente. Dedicou-se ao enfermo como se dedicaria ao proprio pae, e taes foram os seus esforços e cuidados e o acerto do seu tratamento, que conseguio prolongar-lhe a vida por alguns mezes. Mas o desenlace era fatal e proximo. Bem o sabia o medico e teve de confessal-o a Corina, a quem a doença do padrinho sinceramente consternava.

Ultimamente já ella dormia em casa d'elle para constantemente velal-o e auxiliar a madrinha no seu penoso tratamento. Paulino fazia-lhe duas visitas por dia. Nas duas ultimas semanas, além da visita da manhã, demorada,

passava uma parte da noite á cabeceira do enfermo, desvelando-se carinhosamente, sem fadiga, para descançar um pouco as duas mulheres, commovidas por aquella dedicação.

Mas o pobre homem peiorava sempre; a infiltração zombava dos mais energicos medicamentos, que lhe aggravavam ainda a fraqueza; o edema subira das pernas ás mãos; a dyspnéa augmentava; nenhum appetite. As poucas vezes em que deixava o leito para andar um pouco e vir respirar na varanda, estendido na *chaise-longue*, era com immensa difficuldade, apoiado a duas pessoas.

A casa foi tomando esse aspecto e esse cheiro terriveis de casa onde uma vida vasqueja, proxima a extinguir-se, em uma decomposição organica progressiva; em todos os rostos a pallidez e a fadiga; em todos os olhos e em todos os gestos a desesperança, a resignação dolorosa e um inexprimivel desejo physico de *que aquillo acabe*, para descanço e allivio *dos que ficam*.

Já era preciso fazer quarto. Havia sempre, a qualquer hora da noite, alguem acordado, immovel numa poltrona, junto da cama, ou caminhando a passadas surdas, em pontas de pés,

ministrando os remedios á luz mortuaria do gaz em lamparina, ao monotono *tic-tac* da pendula.

Paulino passou algumas noites nesse piedoso encargo. Corina, quando dormia algumas horas, era sempre vestida, no proprio quarto do doente, estendida num canapé ou recostada numa poltrona; e o medico contemplava-a a dormir tranquillamente, respirando leve, com os braços frouxos, rendidos de fadiga, e, para que melhor dormisse, aconchegava-lhe a almofada, velava a claridade com algum objecto, abafava todos os rumores.

Uma vez, estando elle a arranjar-lhe a almofada, prestes a deslisar-lhe de sob a cabeça, ella despertou num sobresalto nervoso, com os olhos dilatados, e vendo em sua frente Paulino, que não tivera tempo de escapar-se, sorrio-lhe ternamente e apertando-lhe as mãos com força, exclamou com voz abafada e uma expressão ineffavel:

— « Obrigada! »

Conversavam longamente, em voz baixa, interrompendo-se com frequencia para acudir ao enfermo, que respirava com difficuldade, o busto alto, amparado por uma pilha de travesseiros.

Sentavam-se no canapé, muito aconchegados os corpos, para se poderem ouvir naquelle segredar cauteloso, e os seus halitos confundiam-se, e as mãos tocavam-se. Nenhuma referencia directa aos sentimentos que os occupavam, um a respeito do outro; mas no muito que se diziam acerca de terceiros, algo havia sempre, indirecto e velado, de allusivo a esses sentimentos. A paixão, como planta doentia e funesta, medrava naquelle ambiente de morte, sinistro e mudo.

Quando Corina dormia, Paulino com os olhos espalhados amorosamente sobre o seu rosto pallido e bonito, sobre o seu corpo sadio e esbelto, perdia-se em scismas absurdas, em devaneios loucos... Inquiria do acaso ou da Providencia porque motivo devia haver entre elle e aquella mulher,—justamente a unica que amara e amava,— um muro de ferro insuperavel; porque lhe era vedado ser feliz no mundo — ignorante do crime que podia ter produzido aquella condemnação... E, na immobilidade em que se conservava, sentia impulsos violentos na vontade para arrebatar nos braços aquella bella creatura dormente e ir gosal-a muito longe,

num recanto obscuro e não sabido, saciando assim a sua fome instante de felicidade. Mas... Fernando? Que louco, e que miseravel era!

Desejar a mulher do seu melhor amigo, de quem lhe fôra como pae! Não; não devia cobiçal-a... mas que importava cobiçal-a, uma vez que lh'o não dissesse, que resistisse sempre, estoicamente, com o coração estraçalhado, a esse desejo inconfessavel?

Que martyrio o seu! Quantas vezes resolvera e tentara inutilmente fugir-lhe! Como que havia um secreto espirito maligno, dir-se-ia um demonio escarninho e implacavel, a frustrar todos os seus planos de salvação, a destruir-lhe todas as armas de defesa, a preparar-lhe lentamente a queda inevitavel!

E emquanto o Amor lhe trabalhava o espirito, a Morte trabalhava o corpo do Conselheiro, entorpecido de coma, com a triste cabeça hirsuta e pallida de asceta apagando-se nas sombras do quarto.

Uma noite, Paulino e Corina velavam no canapé, um ao lado do outro, conversando baixo. Mas o cansaço foi vencendo a moça; o corpo decahio-lhe para o lado do medico, a

cabeça apoiou-se-lhe ao hombro, as mãos tombaram no regaço ; adormeceu. Paulino sentio um frémito profundo de volupia correr-lhe todo o corpo, nervo a nervo ; mas o busto de Corina, mal apoiado, inclinou-se, deslisou para os seus joelhos ; cingio-o nos braços, acommodou no collo, com uma almofadinha, a cabeça adorada e, tremulo, ardente, a boca secca, allucinado de desejos lubricos, ficou-se immovel, contemplando-lhe o somno, devorando-lhe com os olhos anciosos a boca entre-aberta e a curva de um dos seios brancos e redondos, que o roupão, desabotoado em uma casa, deixava entrever.

Se alguem os visse, se alguem os surprehendesse ?... Mas não...

A mulher do Conselheiro dormia ruidosamente no gabinete de *toilette*, ao lado, prostrada de fadiga. Um momento houve em que Paulino não se poude conter ; levou delicadamente a mão tremula ao roupão branco, soltou outro botão, e afastou o estofo. O seio, entrevisto antes, appareceu todo nú e uma parte do outro... dois globos claros, pequenos, firmes... quasi virginaes ! E d'elles subia, como

um incenso, um cheiro suavissimo de carne amorosa.

Paulino tinha a cabeça baixa e as mãos abertas no ar, num desejo febril de beijar, de apalpar, de sentir nos labios e nas mãos o calor e a maciez d'aquelles seios lindos, d'aquella pelle moça, cheirosa e branca... Por fim não poude conter-se, afastou as mãos com esforço, como se lhe custasse a dominal-as, e, abaixando a cabeça sobre o rosto da moça, beijou-a na boca.

Ella estremeceu, despertou sobresaltada e, vendo fitos sobre seus olhos e entre-abertos sobre seus labios os olhos e os labios de Paulino, cingio-lhe o pescoço com os braços, attrahio-lhe a cabeça, e estreitando-se toda ao busto d'elle, collou-lhe a boca á boca num beijo quente, fundo, demorado, num beijo de perdição.

Mas o Conselheiro gemeu e remexeu-se na cama ; parecia pedir alguma cousa. Paulino e Corina ergueram-se immediatamente e correram a acudir-lhe.

Dia a dia os soffrimentos do infeliz tornaram-se mais atrozes. A agonia foi interminavel, consternadora ; a circulação foi se embaraçando e entorpecendo hora a hora, lentamente o sangue

ia se coagulando nas veias á proporção que a força valvular do coração ia diminuindo, e a dyspnéa e a suffocação cresciam horrivelmente.

Era um morrer gradual. O quarto, apesar de todos os cuidados de asseio, exhalava um fétido estranho e forte, vindo da cama em que aquelle organismo se decompunha progressivamente, em vida, deixando nas roupas do leito e passando ao ar secreções e exhalações acres. Por fim o periodo do estertor começou; mas foi longo, pungentissimo. Aquelle som cavo, aspero, entrecortado como o de um machinismo ferrugento, funccionando á força de pulso, e que interrompiam gorgollejos e engulhos, enchia o quarto, os corredores, as salas, toda a casa, ouvia-se de qualquer ponto d'ella. Era um rumor sinistro, impertinente, horrivel!

Nos ultimos dias, e sobretudo no derradeiro, as portas e janellas estavam abertas de par em par; as visitas entravam e saíam francamente, sem serem mais recebidas ou acompanhadas por alguem da casa. Muitas chegavam, viam o moribundo e saíam sem que fossem percebidas. Esperava-se o desenlace a todo momento; e esse momento não chegava.

O Dr. Paulino, interrogado, não poude determinar com precisão a hora do passamento. Julgava que seria á meia-noite, e amanhecia mais um dia sem que o desgraçado se houvesse libertado d'aquelle resto miseravel de vida.

Tratou-se do enterro, do funeral e dos convites com tempo, demoradamente. Chiquita, que a principio chorava bastante, parecia agora resignada ao seu infortunio e tratava, com tristeza mas sem confusão, dos apprestos funebres.

As pessoas occupadas a encher os convites, interrompiam o trabalho, noite a dentro, para tomar café, e, mais de uma vez, para correr ao quarto, suppondo que o Conselheiro já houvesse expirado.

Quando elle, finalmente, extinguio-se, ás cinco e meia da madrugada, sem uma contracção da face, na qual duas grossas e longas lagrimas escorriam dos olhos vidrados, murchos no fundo das orbitas osseas, tudo estava prompto, — enterro encommendado, convites sobrescriptados, annuncios redigidos.

Um portador foi logo levar a noticia aos jornaes, para ser affixada em boletins á porta;

outro foi enviado á Santa Casa para pedir o enterro para as quatro horas da tarde, levando o attestado de obito, passado pelo Dr. Paulino José de Castro; um terceiro ainda, para avisar Fernando, que se havia retirado ás onze horas da noite, receioso de deixar a casa entregue só aos criados.

Chiquita Prestes teve um violento ataque de nervos, comquanto preparada de ha muito para aquelle transe medonho. Mas, passada a crise, volveu á anterior serenidade; e era com um sorriso contrafeito e doloroso que respondia ás condolencias banaes das amigas e ás consolações estupidas que lhe dirigiam.

—E' o caminho de nós todos; suspirava uma velha. Que se lhe ha de fazer? Todos nós temos de passar por isto, mais dia menos dia. O senhor Conselheiro era um santo homem e vae fazer muita falta, de certo; mas não podemos resuscital-o com as nossas lagrimas. Não se adeanta nada em chorar, minha senhora. Resigne-se com a vontade de Deus.

Um dos amigos fumava no quarto mortuario, para evitar qualquer infecção. Outro aspergia tudo de agua phenicada, depois de bem

molhadas com essa solução antiseptica as roupas do cadaver e as da cama. Paulino fechou-lhe os olhos e a boca, unindo os maxilares com uma fita preta e larga, que atou sobre o alto da cabeça. Corina, de joelhos, com a cabeça encostada ao leito sobre um braço dobrado, chorava ininterrompidamente, apertando uma das mãos do morto. As flammas altas dos cirios amarellejavam na claridade branca e radiante do dia recemnado.

Fóra, na rua, ouvia-se a actividade da população mourejante: sonidos de campainhas de bondes, prégões de quitandeiros, rolar de carros, gritos indistinctos. Num piano da vizinhança rompeu, estrepitosamente, a polka da moda.

Na sala de jantar tomavam café com biscoutos. A viuva, já vestida de preto, com os peitos copiosos colhidos no espartilho, sem mais vestigios do desalinho descurado de ha pouco, prompta para receber com decencia e gravidade os pezames de pessoas de importancia, mostrando na pallidez das faces molles e nas olheiras pisadas a fadiga e o pezar, tomava melancolicamente uma chavena de leite, ouvindo com um ar distrahido as mesmas banalidades

de uma das taes amigas velhas. Era uma parda esqueletica, de cabellos ralos e grisalhos, de mãos nodosas e longas, com poucos mas vorazes dentes. Emquanto abeberava no café com leite um pedaço de pão e acabava de mastigar o bocado anterior, dizia com voz plangente, arrastada, insupportavel de falsidade:

— Coitado do Conselheiro! Tão bom homem!... Sinto tanto a morte d'elle como se fosse sua irmã... Mas a gente que é que adeanta em se desesperar? A vida é assim mesmo. E' a gente se resignar com a vontade de Deus!

E atafulhava o pedaço de pão inchado e escorrente de café com leite nas profundezas negras da grande boca, escancarada com avidez.

XIII

O CRIME

Havia tres dias que Fernando partira para o Rio da Prata com o fim de fazer contractos com os principaes criadores para os fornecimentos necessarios á sua grande empreza de introducção e córte de gado platino no Rio de Janeiro e de collocar nas praças de Montevidéu e Buenos Ayres a parte a ellas reservada do capital da companhia. Era um negocio gigantesco, no qual esperava o arrojado industrial ganhar rios de ouro.

Dona Sinhá — a quem aliás aquella viagem tentava, segundo dizia — não acompanhou o marido, aterrorisada com a passagem do mar,

certa de que enjoaria atrozmente. Fernando não insistio no convite. Ia a negocios e não a passeio e por isso talvez não pudesse proporcionar á esposa todas as diversões e recreios das duas capitaes sul-americanas, explicava. A verdade é que desejava viajar escoteiro, sem os grandes embaraços que traz a companhia de uma senhora; d'essa forma estaria mais livre para o trabalho como para o prazer.

Partia tranquillo, porque Paulino promettera olhar-lhe pela casa e pela familia durante a ausencia, que não devia passar de trinta dias.

O medico, quando o amigo, á mesa do jantar, lhe communicou a noticia da viagem e lhe fez aquelle pedido, recebeu um choque tão forte que o garfo lhe cahio dos dedos sobre a borda do prato. E pensou logo, frio de medo, no tal demonio escarninho que ás occultas se divertia em preparar e conduzir tranquillamente a obra da sua perdição.

Esteve para escusar-se, para allegar impossibilidade, para inventar uma viagem subita, qualquer cousa... Mas comprehendeu logo que seria inutil, porque Fernando havia de insistir até conseguir resolvel-o a ficar em casa até

ao seu regresso. Calou-se, portanto, resignado, invadido de um terror indisivel, acabrunhante.

Corina, em cujos olhos passara um fugaz lampejo de jubilo, disse apenas ao marido, com um sorriso :

— Estava eu bem servida se contasse com a companhia d'elle ; bem sabes que pouco pára em casa : a sua clinica não lhe dá tempo para isso, sobretudo a do bello sexo. Mas conto com a companhia de mamãe, que não me deixará emquanto durar a tua viagem.

E voltando-se para a viuva :

— Não é verdade, mamãe ?

— Talvez... — respondeu a viuva, limpando com cuidado os labios vermelhos ao guarda-napo — se essa viagem não fôr muito longa, porque eu, afinal, preciso voltar para a minha casa.

Desde a missa de setimo dia que a viuva do conselheiro Prestes estava em casa da afilhada para fugir á funebre solidão da sua, povoada pelas lembranças dolorosas do marido ; ia isso já em dez dias. No seu rosto gorducho nenhum vestigio mais da grande dôr recente, e o preto ia-lhe bem.

A idéia de que Corina não ficava sósinha tranquillisou bastante a Paulino, sem deixar, todavia, e sem que elle soubesse porque, de contrarial-o um pouco.

Encantadores aquelles tres primeiros dias da ausencia de Fernando. *Chiquita* era uma *prósa* admiravel; tinha uma grande *vèrve*, estava constantemente alegre e sabia infinitas historias, casos, anecdotas de pessoas conhecidas e da côrte da ex-imperatriz, de quem tivera a alta honra de ser dama de honor. Conversava como um rapaz, sem *pruderies*, abordando sem temor e com rara habilidade os assumptos mais escabrosos. Lera todos os livros eroticos famosos e mesmo alguns mais que de simples amor: de pornographia galante.

Na situação de Paulino e de Corina não podia haver companhia mais perigosa e terrivel que a da *Chiquita Prestes*: era uma especie de aphrodisiaco moral, insinuante, pérfidamente suave, mesmo porque ella não conversava de outra cousa senão de amor e de amores. Devia ser de uma semsaboria mortal nas conversas e reuniões do Paço, onde não podia conversar do assumpto unico de que entendia e gostava, a

não ser que houvesse verdade nos antigos e tenazes boatos de relações da camarista com *alguem*, porque, nesse caso, encontraria ella no proprio Paço ensejo de exercer a sua eloquencia especial.

« Nesta vida só ha uma cousa boa e real, meus filhos: é o Amor »,— repetia a viuva frequentemente aos seus dois interlocutores, que a não contradiziam.

Mas as noites eram ainda mais agradaveis quando tambem estava *Santinha*. Pode-se imaginar facilmente a frescura e o picante d'essas confabulações. Eram continuamente pontuadas de gritinhos e exclamações de espanto e cortadas de risos demorados, principalmente quando o medico se afastava para qualquer cousa, porque então contavam-se episodios ou faziam-se commentarios que na sua presença o pudor obrigava a calar.

Com a sua grande pratica e a sua perspicacia em tal materia, percebera a viuva de ha muito que havia qualquer cousa entre a afilhada e o medico, e logo no primeiro dia que alli passou poude avaliar do gráu de adeantamento d'essa mutua inclinação. Nada deixou perceber

da sua descoberta, mas resolveu não atrapalhal-os. Eram moços, fortes, bonitos e amavam-se: — que se arranjassem! Não seria ella quem o impediria. Ora! não ha cousa melhor na vida! O marido? Que tinha lá isso? O que se não sabe não existe e quem não gosa é tolo. Ella gosara o quanto pudera e não se considerava ainda nenhum peixe podre. Porque havia então de impedir que os outros fizessem o mesmo? Ao contrario, havia de favorecer aquelle casal de pombos no que lhe fosse possivel.

Tal era a moral d'essa matrona e tal fôra a resolução por ella tomada em relação ao romance amoroso que a seus olhos se desenrolava.

Assim, pois, a sua presença, longe de ser um estorvo, era um estimulo — mais um meio inventado pelo famoso diabrete invisivel para perdel-o; pensaria Paulino, se já pensasse em alguma cousa que não fosse morrer de amor por aquella mulher deliciosa. Mas, como era instinctivamente honesto e leal, não procurava encontrar occasiões nem aproveitar as que a acção combinada e mysteriosa do acaso e da viuva lhe proporcionava.

A sua situação era comparavel á de um homem de sociedade que se excede a beber num dia de grande jubilo: sabe-se ebrio, não reage contra o seu estado, porém na inconsciencia dos actos que pratica não lhe escapa uma palavra inconveniente, nem um gesto obsceno. Inteiramente embriagado de amor, excitado pelas conversas da viuva, guardava Paulino, entretanto, a sua correcção de cavalheiro e não pensava em aproveitar-se da situação propicia em que se encontrava: o demoninho que o perseguia ainda tinha que suar um pouco mais os chavelhos para cantar victoria.

Quanto a Corina, o seu trabalho estava concluido: *Santinha* e *Chiquita* haviam tudo preparado; aquella, de longe data, com instigações directas e conselhos provectos; esta com a educação que dera á filha adoptiva e agora com a sua condescendente cumplicidade indirecta.

Da ultima vez que a mulher do Viriato lá estivera, tinha-lhe dito:

— E' agora, menina. Atira-lhe o grande golpe: é infallivel, has de ver.

Uma tarde, ao sentar-se á mesa para jantar, notou o medico a ausencia da viuva, e como visse Corina servir a sopa, perguntou por ella.

Fora á casa para arejal-a e reunir uns papeis do marido.

— E demora-se ?

— Tres ou quatro dias apenas; respondeu Corina, com um sorriso e um olhar em que louquejava uma alegria irreprimivel. O jantar correu frio ; pouco falaram, constrangidos.

— Que falta nos faz mamãe, não é ?

— Realmente, se ella é tão alegre, tão communicativa !

— Uma verdadeira criança. Sempre a conheci assim.

Depois do jantar entretiveram-se, como de costume, em passear longamente na chacara, mas não de braço, d'esta vez, por conservar-se Paulino sempre um pouco afastado. A' noite fizeram musica; cantaram um duetto do *Fausto*, conversaram banalidades...

Paulino estava visivelmente agitado, trabalhado pelos seus nervos. Sentia-se febril, tinha arrepios estranhos e uma especie de languidez invencivel nos braços, uma vontade de

espreguiçar-se, como em geral succede quando a gente sente approximar-se um grande acontecimento desejado, mas que se ignora como ha de vir, que forma ha de ter. Sentia-se mal.

A's nove horas Corina, que, na volta da chacara, se havia queixado de um começo de enxaqueca, disse-lhe que se sentia indisposta, com dôr de cabeça. Paulino aconselhou-lhe que tomasse um pouco de chá de folhas de larangeira com umas gottas de agua de melissa e se recolhesse, e despedio-se, indo para o *Belvedère*. Mas não se despio nem pensou em deitar-se, dispensando os serviços do Alfredo.

Passeou pela sala, fumou, folheou revistas, livros, albuns. Pensou em descer para a cidade, á tôa. Mas lembrou-se de que Corina estava adoentada: era imprudente deixal-a só. E se fosse saber se estava melhor? Que idéia! Mas não socegava.

Veio para a janella, buscando ver se havia luz no quarto da moça; mas o arvoredo encobria aquella parte da casa. Deixou-se estar debruçado, respirando o ar fresco da noite, muito sombria. O pequeno relogio despertador bateu onze pancadas no quarto de dormir.

— Tão cedo ainda! exclamou o medico, com desgosto.

Mas pareceu-lhe que uma luz vinha subindo do chalé para o *Belvedère*; e não se enganava. Um vulto, com uma lanterna, chegava á porta.

— Quem é? perguntou de cima, debruçando-se todo.

— Sou eu, *seu* doutor; respondeu a voz de Mauricia. Vim chamar vosmecê, porque sinházinha está muito incommodada.

— Já vou.

E Paulino desceu logo, apanhando um boné e esquecendo-se de fechar o bico ardente do gaz. Mauricia precedia-o, allumiando. «Meu Deus, que será? » perguntava-se Paulino, muito angustiado, temendo alguma cousa grave. Entraram pela cosinha, sem ruido. A porta do quarto estava entre-aberta, vendo-se dentro uma luz branda e dormente. Paulino parou á porta... hesitante; mas Mauricia dizia:

— Está ahi *seu* doutor, *sinhá*; e elle entrou.

Corina estava deitada sobre a cama intacta, mas já em *toilette* de dormir — um roupão de cambraia branca, guarnecido de rendas, meio decote, mangas soltas e abertas, descobrindo os

braços. Tinha sobre as pernas uma colcha de lã, desdobrada a meio. Estava com o tronco apoiado ás almofadas, e o rosto voltado para a porta, numa attitude de espera. Junto da mesa de cabeceira havia uma cadeirinha baixa e dourada. Paulino deixou-se cahir sentado sobre ella, com um quebranto nas pernas.

— Então, que sente ? que tem ?

— E' a minha enxaqueca, penso eu. Estala-me a cabeça. Vomitei o jantar. Não posso dormir, estou nervosa...

Aos dedos enfebrecidos do medico o braço da moça pareceu gélido e o pulso quasi apagado, a testa egualmente fria. Acreditou que era de facto uma nevralgia violenta do cerebro, com depressão da temperatura.

— Vae melhorar já; não é nada. Tem ahi antipyrina ingleza? Se não tem, vou buscar lá acima.

— Tenho sim, mas espere um pouco. Talvez eu melhore sem isso. Não me faria bem uma chicara de café bem forte e bem quente?

— Sim, talvez.

Corina mandou a criada fazer o café. Mauricia sahio encostando a porta.

Estavam sós; elle, sentado na cadeira baixa, com a cabeça proxima da da moça, que o olhava, sorrindo, com seus grandes olhos humidos; tinha entre as suas mãos uma das d'ella e não dizia uma palavra, receioso de que a primeira que lhe sahisse dos labios fosse a unica que não devia nem queria dizer.

— Não se tinha deitado ainda quando a rapariga foi chamal-o, de certo, visto que veio tão depressa; murmurou ella.

— Não; estava á janella, tal como d'aqui sahira.

— E em que pensava?

— Eu? em nada.

— Mentiroso! Pensava em mim, não negue: pensava em mim.

— Pois bem... pensava... em ti! murmurou elle com voz sumida.

Corina com o braço livre tomou-lhe a cabeça, achegou-a ao seio offegante e beijou-a nos cabellos, sem dizer nada, conservando-a assim alguns momentos. Todo o cheiro delicioso d'aquelle seio mal velado, estuante de desejo, subio á cabeça do medico, enchendo-a de uma luz suave, gradualmente mais clara, mais

allucinante de alegria, como a alvorada de um dia primaveral invadindo um moital espesso e acordando a passarada garrula. Era a loucura da felicidade... Quantos beijos se deram, ardentes, soltos, nos olhos, nos labios, nas faces, nas mãos, nos cabellos !

— Espera ! disse de repente Corina ; é a rapariga.

Mauricia entrava com uma chavena de café fumegante numa bandeja.

— Olha, Mauricia, podes deixar isso ahi e vae descançar. Chamar-te-ei quando *seu* doutor tiver de sahir.

A criada retirou-se, dizendo que se *Sinhá* precisasse era só chamar, porque ella ia cochilar um bocado na sala de jantar, numa cadeira.

Quando a vio sahir, Corina sentou-se na ottomana de damasco que estava á direita do leito, atirando para as costas com um gesto da cabeça os cabellos soltos, apenas presos por uma fita, ao meio. Paulino ajoelhara-se, como impellido por uma força estranha, e, passando os braços na cintura da moça, com o peito unido aos seus joelhos, ergueu para ella a

cabeça e entrou a murmurar, como em uma oração, tres, dez, vinte, cem vezes :

— Amo-te! amo-te! amo-te! amo-te!

A porta bateu de leve, impellida pela aragem, vinda de fóra. Corina correu a fechal-a pisando com os pés núa o tapete persa do soalho, alto e macio como um taboleiro de relva.

Quando voltava da porta vio sobre o marmore da mesinha da cabeceira a pequena bandeja de xarão com a chicara de café.

— Olha o meu remedio! exclamou, rindo. Vamos tomal-o de sociedade?

E os dois tomaram o café, aos goles, ora um, ora outro; e ella, quando bebeu o ultimo trago, limpou os labios humidos ao lenço do amante, tirando-lh'o do bolso externo do paletó.

Corina estava de pé, com os cabellos meio soltos, corada, risonha, resplandecente nas suas vestes brancas, banhadas em cheio pela luz do gaz, na nitidez dos seus dentes, no viço triumpha! da sua mocidade... Paulino, fremente, a garganta e a boca resequidas, os olhos dilatados, ardentes de um fogo sombrio, abraçou-a a plenos braços, perdidamente, num impecto

de mólas de aço, e, tendo-a unida ao peito, quasi suspensa do chão, tentava leval-a para a ottomana; mas a moça, presentindo-lhe a intenção, e, tremendo áquella idéia, de uma repugnancia instinctiva, de um como terror subitaneo, enteiriçou-se num violento esforço de todos os musculos e, partindo a cadeia formada pelos braços do medico, soltou-se, fugio-lhe, foi refugiar-se num canto do aposento, cahindo sobre um *pouf* de seda. E murmurava, cobrindo o rosto com as mãos:

— Não, não, isso não, Paulino... Não posso, não quero...

Mas Paulino estava de tal modo excitado, louco de paixão e desejos, que naquella occasião não recuaria nem mesmo deante da sua propria consciencia corporificada num anjo vingador, empunhando uma espada de chammas.

Elle foi ajoelhar-se-lhe aos pés, cobrio-os de beijos, prostrado como um mahometano que oscula o liminar da mesquita. Depois, debruçou-se-lhe ao regaço, com a cabeça erguida para o seu rosto, que empallidecia, prendendo-lhe as mãos, falando-lhe baixinho, longamente, ardentemente.

Corina, que havia preparado com calma a occasião e o scenario da propria queda, sem uma revolta de pudor, numa absorpção de toda a sua intelligencia e de toda a sua vontade no desejo apaixonado de entregar-se áquelle homem, de cujo amor sentia o calor e o perfume capitoso... chegado o momento desejado, previsto, sonhado... sentia acordar violentamente em todo o seu ser, no fundo de si mesma, uma força não sabida, que a requeimava intimamente, e lhe dava o desejo imperioso de fugir ao contacto d'aquelle homem, como se fora um monstro. Era o pudor, era o respeito de si propria, que despertava imperioso, forte, intacto, numa revolta soberba. Todas as ousadias e petulancias da *coquette* desappareciam ao primeiro contacto brutal do homem que não era o companheiro que a lei lhe dera, e a cujo corpo a convivencia longa a habituara; e uma vergonha immensa, amargurada de arrependimento, invadia-a, aniquillava-a, enchia-a de pejo, de raiva, de lastima...

Mas Paulino sentara-se na ottomana, ao seu lado; tomou-lhe a formosa cabeça, pousou-a sobre a sua larga espadua e pegou de beijar-lhe

levemente, docemente, os olhos cerrados, as faces pallidas, os labios frios e tremulos. Não sei que phrase feliz, de fino espirito, murmurou Paulino, que a moça sorrio-se e volveu para elle os olhos, exclamando um *oh!* meio de censura, meio de approvação.

Paulino, então, aproveitando o ensejo, ergueu-lhe o corpo macio, docemente callido, sob as cambraias finas, e sentou-a sobre os joelhos; estreitou-lhe o busto, em que fremiam os ultimos gestos de resistencia, e collou-lhe a boca á boca.

Depois as mãos de Paulino, impacientes, férvidas, encontraram os seios tepidos e turgidos da moça e enlouqueceram. Ella fez um movimento brusco para fugir-lhe...

Com esse movimento, o corpo de Corina deslisou dos joelhos de Paulino; este, para amparal-o, teve de acompanhal-o, enlaçando-o fortemente, e rolaram para o tapete, abraçados, unidos, fundindo almas e corpos num só beijo, num só gemido, num só deliquio.

XIV

O DESPERTAR

No dia seguinte, ás nove horas, Paulino, tendo-se recolhido ás quatro da madrugada, foi saber, como era natural em um medico solicito, como a doente passara a noite.

Estava deitada, com os olhos cerrados; mas o cheiro de aguas de toucador que enchia o quarto, já bastante claro, indicava que Corina já havia feito a sua primeira *toilette*, o que tambem se reconhecia no alinho dos cabellos e na frescura da pelle: preparara-se para recebel-o.

Mauricia, que introduzira o medico, ainda se conservava no aposento. Com a onda mais

forte de luz que saltou de uma janella descerrada pela criada, Corina abrio os olhos e mostrou uma ligeira surpresa vendo o medico; mas o que nelles havia realmente não era surpresa: era alegria, alegria! uma alegria infinita, ineffavel, completa, capaz de todas as loucuras.

— Como passou a noite a minha gentil doente? e estendeu-lhe a mão.

— Melhor, doutor, muito melhor; respondeu ella com uma voz propositalmente enfraquecida, mas que lhe sahia de um sorriso delicioso, todo perolas e rosas; e, dissimuladamente, para que Mauricia não visse, estreitou e cobrio de beijos a mão do medico. D'ahi a momentos a criada sahia para ir buscar o primeiro almoço.

Paulino sentou-se no leito e houve, logo, para abrir o dia, um renhido tiroteio de beijos.

— Sabes? eu tenho um plano soberbo para hoje; disse Corina. Ouve. Continúo doente e por isso não saio do quarto; e tu ficas para tratar-me. Almoçaremos e jantaremos aqui, em *tête-à-tête*... Sim? Sim? E, segurando-o pelas espaduas, beijava-lhe em cheio, a plenos labios, os olhos e a boca, inebriando-o, seduzindo-o.

— Mas, meu amor, todo o dia não posso... E os meus clientes? E o consultorio?

— E se tu estivesses doente? ein? não os deixavas do mesmo modo?

— Mas não estou; e o meu dever é...

— O teu dever é amar-me; entendeste? e beijava-o sempre, soffregamente.

Mas Paulino defendia-se; apesar da sua profunda e irremediavel ebriez, não podia conformar-se á idéia de faltar aos seus deveres.

— Olha, meu amor, não vês que daria muito na vista passar o dia inteiro no teu quarto?

Corina reflectio um momento, e volveu:

— Tens razão; precisamos ter toda a cautela. Modifico o meu plano. Almoçamos juntos; depois desces, corres os teus doentes e voltas. Jantamos; ás nove horas sahes para o *Belvedère* e voltas ás onze, sem que te vejam, para os meus braços. D'esta fórma ficarão salvas as apparencias.

Paulino acceitou, sem nada objectar. Era singular a facilidade com que começava a sua nova existencia de embustes e dissimulações, sem experimentar repugnancia pelo papel que

lhe cabia desempenhar, por seu turno, na velha comedia do adulterio.

Estava alegre, expansivo, leve; sentia-se um homem novo, forte, são, avido de vida. Tinha a sensação geral de uma estréia.

Como que nascia moralmente, quasi que physicamente tambem. Dir-se-ia que com a posse da mulher amada o seu corpo adquirira a parte que lhe faltava para completar-se, e a sua alma a faculdade unica que ainda não tinha. Aquelle amor era uma integração. Começava a sentir a sua razão de ser na existencia do Universo; a sua presença sobre a terra e a sua funcção na humanidade explicavam-se. Amava e era amado! Esse facto definia o indefinivel, positivava o incognoscivel; explicava tudo — elle, o mundo, a vida...

As emoções moraes e o dispendio nervoso da noite anterior, longe de fatigal-o, haviam-n'o tonificado, communicando-lhe ao sangue uma frescura, aos musculos um vigor e aos nervos uma paz que não conhecera nunca. Sentia-se viver e sentia-o com um prazer ineffavel.

O almoço em *tête-à-tête*, servido sobre uma pequena mesa, alli mesmo, no aposento, foi uma delicia.

As poucas horas que passou na cidade pareceram-lhe interminaveis. Voltou ancioso, trazendo á sua amada as mais bellas violetas que poude encontrar. Para não despertar suspeitas, jantaram na sala, mas ainda assim em perfeita intimidade. Tocavam-se com os pés, sob a mesa, quando havia algum criado, e beijavam-se mutuamente nas mãos, quando estavam sós. Tinham necessidade de tocar-se, de sentir-se unidos physicamente, a todo instante.

Paulino não tinha outro pensamento senão aquella mulher; mas tinha-o exclusivo e absorvente, não lhe deixando tempo para nenhuma outra idéia. Era uma perfeita obsessão. Quando a não via, desejava-a com impaciencia inilludivel, em uma ancia insupportavel; e quando lhe estava junto precisava dizer-lhe, a todos os instantes e por todos os modos, que a amava, que a amava desde o primeiro dia em que a vira. E repetia-lhe a miudo, seriamente, com voz grave:

— Olha, Corina, cedendo a este amor culpado, a primeira cousa que fiz foi renunciar á vida. Ella pertence-te; dei-t'a com o meu primeiro beijo. No dia em que o teu amor e a minha vida tiverem de separar-se — mato-me,

porque o teu amor e a minha vida formam um ser unico... Ouviste bem?

Corina, porém, acolhia essas palavras sérias, quasi tristes, com o seu ar inquieto de borboleta, sem lhes ponderar o sentido, toda entregue á sua felicidade physica, sentindo o seu temperamento callido e sensual satisfeito amplamente.

Com o fim de afastar suspeitas, encontravam-se fóra de casa, para se possuirem em liberdade. A bôa Dona Miquelina foi aproveitada. Era na sua alcova pobre, na sua velha cama polluida por amores de occasião e pelo dinheiro do aluguel, que se amavam mais vezes. Mas, por fim, á alma caprichosa e á fantasia trefega de Corina aquella pobreza torpe repugnou; pedio ao amante cousa melhor, mais digna d'elles. Paulino, que só queria a ella, ao seu corpo olympico, pouco lhe importando a moldura, e a quem aquelle retiro calmo e seguro encantava, não cedeu sem pezar á vontade de Corina.

Propoz-lhe passarem uma noite no Jardim Botanico, num dos pavilhões do *Campesino*, o famoso *restaurant* dos encontros galantes.

Ella diria em casa que ia dormir com a madrinha; elle avisaria o Alfredo que passaria a noite *chez Madelon* e, assim, teriam toda a tarde e toda a noite para se amarem livremente, em socego, em pleno campo. Corina acceitou a idéia com palmas e gritinhos de alegria e pagou-lh'a com beijos sem conta.

Ás cinco horas da tarde Paulino entrava no largo do Machado em um *coupé* de *stores* baixados, no qual o esperava Corina; entrou rapidamente, batendo com a portinhola, com cuidado. E o *coupé* mysterioso rodou velozmente para o Jardim. A' porta d'este apeiaram-se; e Paulino despedio o carro, dizendo ao cocheiro que voltasse a buscal-os no dia seguinte ás oito horas da manhã, devendo esperal-os no mesmo ponto.

Entraram; passearam longamente, ella apoiada com languidez ao braço d'elle, amollentados ambos pela tristeza da hora; e os seus vultos unidos perdiam-se longe, pequeninos e nitidos, no fim da rua admiravel de palmeiras, inteiramente deserta. Mas anoitecia e o appetite apertava. Retrocederam, entraram no jardinete do *Campesino* e, tendo Paulino mandado servir

o jantar, foram esperal-o no pequeno pavilhão alugado para aquelle dia.

Corina, com os seus habitos de *coquettismo* e de asseio, havia arrumado e levado numa malinha de couro da Russia e fechos de nikel um necessario de *toilette* e alguns arranjos para a noite. Entrando no quarto, cujas quatro janellas estavam abertas, depoz a maleta, o leque e a sombrinha sobre a commoda, em frente á cama larga, feita de fresco, com o seu cortinado de filó, muito encardido das dejecções das moscas, enfeitado com uns laços de fita desbotados.

A mesa para o jantar estava prompta; sobre a toalha branca dois talheres, duas baterias de copos de varias côres, e os *hors d'œuvre*— azeitonas brancas enormes, manteiga fresca, *anchois*, rabanetes.

— Ah! como se está bem aqui! Como é *chic!* Isto sim; não é como aquella possilga da Miquelina.

D'ahi a pouco entrava um *garçon* correctamente encasacado. Foi uma lembrança feliz de Paulino a casaca e a gravata branca do *garçon*, porque Corina ficou encantada com esse detalhe *chic*, pensando logo em Paris.

O jantar, cujo *menu* Paulino escolhera com arte, foi um encanto. Corina estava radiante, e nos seus labios roseos sumia-se facilmente, entre risos, o ambar liquido do champanhe, que os labios de Paulino vinham ás vezes disputar-lhe, sorvendo-o avidamente.

Findo o jantar e para que o criado retirasse o serviço de mesa e arrumasse o quarto, foram dar um passeio pela rua deserta, elle com o charuto acceso, ella, meio aturdida pelos vinhos, com um quebranto languido no corpo e uma alegria excessiva na alma, rindo a proposito de tudo e obrigando Paulino a parar, para beijal-o alli, ao fresco da noite silenciosa, á luz amortecida dos astros. Ao fim de meia hora voltaram.

O quarto estava em ordem, apresentando um aspecto de limpeza na banalidade dos seus velhos trastes de mogno. No chão, ao lado do jarro e do balde de folha, que completavam o serviço de porcellana do toucador, havia um bidé de folha pintada; muitas toalhas, num cabide, já puidas do uso, cheirando a sabão ordinario. Sobre o tapete esfarripado uma escarradeira de louça partida. Um bafio de mofo; o gaz ardia

com uma chamma amarellada e piscante nos dois globos poentos das arandelas.

— Que luz forte! dissera Corina, ao entrar.

Paulino fechou um dos bicos, deu volta á chave da porta, encostou as venezianas e, voltando-se para Corina, que se havia sentado, fatigada, numa cadeira, exclamou:

— Prompto. Podemos deitar-nos.

— Tão cedo! exclamou Corina, relanceando o olhar pelo quarto, e accrescentou:

— Tenho vergonha de me despir á tua vista... Tenho os meus arranjos a fazer antes de deitar-me e falta-me tanta cousa! Felizmente eu trouxe algumas.

Tirou da maleta o necessario de *toilette* e d'este — escovas, sabonete, um espelho, pó de arroz um vidro de saes, alfinetes, grampos; tirou depois uma camisa de seda côr de rosa, de cabeção e hombreiras de renda, um par de meias pretas e outros objectos miudos.

Paulino offereceu-se para *femme de chambre*; ella acceitou, com a condição de que elle sahiria por alguns minutos quando a tivesse despido. E elle, com carinho e sem geito, foi despojando-a aos poucos das roupas, desacolchetando,

desabotoando, desamarrando; depois ajoelhou-se para tirar-lhe as meias e cobrio-lhe de beijos os pés. Mas a ultima saia cahira e Corina fel-o sahir á força.

Quando elle poude voltar, ao fim de dez minutos, encontrou-a saltando para cima da cama, com a camisa rosea de seda apenas sobre o corpo, dando um gritinho de pudor faceiro. O ar estava impregnado de cheiros finos e capitosos, o chão molhado, uma toalha cahida.

Paulino atirou-se para a moça, e, tomando-a nos braços, fel-a descer da cama. Estava louco de paixão; as mãos ardiam-lhe em febre; os labios estavam entre-abertos, seccos; os olhos, humidos de desejos, pareciam maiores... Passou as mãos rapidamente nas hombreiras de renda da camisa e, puxando-a para baixo, desnudou as formas admiraveis da amante. Corina deu um grito, e, interdicta, ia a saltar novamente para a cama, para occultar a nudez nos lençóes, quando vio Paulino ajoelhar-se deante d'ella, supplicando-lhe piedade com as mãos postas. Ficou, sorrio-se, desvanecida por aquella adoração, e, endireitando o corpo, empinando os seios pequenos e firmes, victoriosa

na sua nudez de nympha em meio de um bosque nemoroso, exclamou para o amante, cerrando os olhos languidamente :

— Sou tua, tua! Aqui me tens !

E esses dias de ebriez e essas noites de loucura succediam-se com uma rapidez extraordinaria, como simples minutos, assignalados de episodios novos, de incidentes encantadores.

Uma noite Corina exigio de Paulino recebel-a no *Belvedère*. O medico mandou o criado fazer uma commissão qualquer fóra da cidade. Ás onze horas, Corina chegava, envolvida numa mantilha preta e subia as escadas, encantada com aquelle scenario romanesco. Foi uma das noites mais agradaveis dos seus amores occultos.

Passaram-se nesse embevecimento uma semana, duas, tres... Fernando não escrevia ; telegraphava, apenas, de vez em quando, annunciando á esposa estar de saúde. Corina,

por uma intuição subtil, aliás commum nas mulheres, não falava d'esses telegrammas ao amante e respondia logo ao marido para tranquillisal-o, assegurando-lhe não haver novidade em casa.

Nenhuma referencia directa faziam a Fernando nas suas conversas, como se a sua ausencia fosse definitiva. Uma vez, apenas, em que o seu nome escapou aos labios d'ella, Paulino disse com voz um pouco tremula :

— Não deve estar longe o dia da volta...

Corina disse que não, que elle se demoraria ainda. Mas o medico recebeu d'elle tambem um telegramma annunciando o vapor em que embarcaria e soube, assim, do dia em que o amigo devia chegar.

Um phrenesi apoderou-se d'elle, então. Aproveitou avidamente os ultimos dias, procurando não perder uma hora da companhia da amante, devorando-a de caricias delirantes, quasi brutaes, como esses infelizes que, sabendo-se destinados a um fim proximo, aproveitam os ultimos dias de vida para gosar soffregamente.

Na penultima noite — Fernando devia chegar d'alli a dois dias — Paulino, tendo a amante

semi-núa sobre os joelhos, disse-lhe, com voz firme porém melancolica e uma sombra pesando-lhe sobre a fronte :

— Fernando chega depois d'amanhã. Precisamos assentar em uma decisão sobre o que tenhamos de fazer. Que resolveste ?

— A respeito de que ? inquirio Corina com ar admirado.

— A respeito da nossa situação.

— Nada ; espero que elle chegue.

— Ah ! fez Paulino ; e um ligeiro sorriso amargo acompanhou essa exclamativa secca. Pois, minha querida, é preciso tomar um partido qualquer. Eu não posso apertar nunca mais a mão d'esse homem ; creio que nem mesmo poderia encaral-o. Elle é senhor da minha vida e receio muito dizer-lh'o e entregar-lh'a, logo que elle chegue. Parece que só ha uma cousa a fazer antes d'esse dia.

— Qual ? perguntou Corina, com um receio palpitante nos olhos.

— Partirmos para muito longe, para a Europa, deixando-lhe numa carta a confissão do nosso crime.

— Isso não ! acudiu Corina.

— Porque?

— Porque eu ficaria deshonrada; porque seria um escandalo medonho! porque as nossas relações ficariam publicas e meu nome coberto de lama. E fugir para que? Se tivermos cautela bastante, Fernando, com a confiança absoluta que deposita em ti, não suspeitará nunca dos nossos amores. E, mais tarde, faremos todos tres uma viagem á Europa. Ah! como seria bom! Como nos divertiriamos!

Paulino ouvia-a pensativo e em silencio. Por fim, perguntou-lhe ainda:

— E' então essa a tua resposta? Não queres fugir commigo amanhã?

— Oh! filho, para que? Estás louco? respondeu ella com um sincero espanto na voz e no rosto. E accrescentou:

— Esse golpe mataria Fernando. Tu mesmo me disseste que qualquer emoção forte póde acabar com elle. Seria mais um crime, e inutil.

Paulino, que empallidecêra ouvindo essas palavras, fechou a conversa a tal respeito com estas poucas phrases, ditas num tom de quem

acaba de tomar uma decisão inabalavel, que não confessa :

— Tens razão. O que eu te propuz era insensato : perdôa-me.

Toda a manhã e parte da tarde do dia seguinte passou-as Paulino arrumando as malas, auxiliado por Alfredo, a quem communicou, obrigando-o a jurar segredo, que iam partir para a Europa, por Santos, mas depois de alguns dias de estada em S. Paulo.

Alfredo recebeu a noticia com uma satisfação vivissima : ia pisar de novo o asphalto do seu querido *boulevard !* ia rever o Sena, o arco de triumpho da Estrella, a columna Vendôme, o *Pont Neuf!* Ia beijar de novo a sua querida *Ninette*, que deixara *femme de chambre* de uma actriz do *Vaudeville* !

— *Saperlipopette ! que je suis content* ! exclamava elle, arrumando com arte e cuidado extremo as roupas do amo.

Paulino, ponderando as difficuldades de occultar a Corina e aos famulos a sua partida por causa da sahida das malas, avisou áquella que ia passar uns dias em S. Paulo, para ir se affazendo aos poucos á idéia de ver Fernando e de continuar a morar alli. Depois de quinze ou vinte dias voltaria, e os seus amores continuariam, occultos e felizes, como desejava e propunha a amante — prometteu-lhe. Ella acreditou-o.

Para que Fernando não estranhasse aquella partida subita, exactamente no dia da sua chegada, deixou Paulino a Corina a seguinte carta:

« *Dona Sinhá*. Um chamado urgente e a que não posso esquivar-me obriga-me a partir amanhã para S. Paulo, onde pouco me demorarei. Peço desculpar-me junto de Fernando, a quem abraço cordialmente em espirito. Faço-lhe esta communicação por este meio e não verbalmente visto o adeantado da hora em que recebi o chamado e não querer incommodal-a tão tarde. *Paulino*. »

A ultima noite passou-a o medico com a amante no quarto d'esta; ás tres horas da madrugada voltou para o *Belvedère*, onde, com

grande surpresa, encontrou já desperto o criado, que não poude reprimir um sorriso malicioso vendo o amo recolher-se áquelle hora.

Tres horas depois, emquanto Corina dormia profundamente, prostrada de fadiga, sonhando sonhos côr de rosa, Paulino, encolhido a um canto de wagon, com os braços cruzados e sombrio o aspeito, seguia para a capital paulista.

XV

PARA A MORTE

Paulino tinha resolvido matar-se.

Quando o resolveu ? em que momento se lhe formou no cerebro essa idéia ? quando se transformou ella em volição, e esta em intenção deliberada ? Não poderia dizel-o, não o sabia. A idéia do suicidio surgio-lhe no pensamento e d'elle assenhoreou-se, como um hospede esperado, com o qual se conta, que entra e occupa o aposento que se lhe havia preparado. Elle *vira-a* quando Corina recusou fugir com elle para a Europa, antes que Fernando chegasse.

A fuga era uma infamia que decorria naturalmente, logicamente da primeira, do proprio

adulterio, e que encontraria attenuantes na presumpção do muito amor, da paixão vehemente que os unia no crime, de modo irresistivel, e na estrepitosa publicidade, na escandalosa audacia com que, fugindo juntos, a confessavam e assumiam a responsabilidade do acto illicito e das suas consequencias.

Aquella recusa foi um jacto subito e copioso de luz no cerebro do medico e que o fez ver claramente cousas tremendas, occultas na sombra até então. D'essas cousas, destacadas fortemente em arestas e contornos duros, na luz crua d'aquella revelação, as capitaes eram — que Corina não o amava, que se lhe entregara como se entregaria a outro qualquer nas suas condições, como se havia de entregar, depois d'elle, a outros mais, por volubilidade de caracter e perversão moral, por um *coquettismo* pernicioso, producto da educação e do meio, a que o seu temperamento se adaptara perfeitamente; que elle, Paulino, era um homem deshonrado, um infame vulgar, que, por lascivia grosseira, seduz e gosa a mulher do amigo, aproveitando bem a sua ausencia; e, por ultimo, que *devia matar-se.*

E de todas essas cousas e outras que então descobrio foi esta ultima a que ficou, a que permaneceu, nitida, simples, assente. Não precisou discutil-a. Era evidente, irrecusavel, boa, necessaria como o sol.

Se Corina o amasse e o seguisse com cega obediencia, elle a arrebataria ao marido á vista de toda a sociedade, francamente, audazmente, arrostando todas as consequencias do seu acto, cuja infamia o amor explicaria, se não justificasse.

Mas havia-se enganado : aquella mulher não o amava, não o preferia ao marido, não queria o amante senão na commodidade vil do adulterio, na tepidez viciosa do *ménage à trois*. E esse erro d'elle era irreparavel.

No abysmo a que se havia precipitado, cego de paixão carnal, esperara sempre, embora vagamente, encontrar um arbusto resistente, uma ossatura de raiz descoberta, uma saliencia de sólo a que pudesse agarrar-se, em que pudesse salvar a honra e, portanto, a vida. Mas nada encontrara. Corina era uma adultera vulgar, que, sensual e medrosa, preferindo tudo ao escandalo e aos incommodos da fuga, convidava-o

covardemente ás baixezas vilissimas da traição quotidiana, de todos os instantes, sob o tecto conjugal, medrando tranquilla á sombra da confiança do marido enganado. Que surpresa e que nojo! Só lhe restava um partido —matar-se.

Isso elle sentio, isso *vio* repentinamente, de golpe, sem raciocinar, por uma especie de instincto moral. Dir-se-ia que aquella resolução tremenda já a havia elle de ha muito tomado e que ella apenas aguardava, completa e prompta, o momento de passar ao estado de facto.

Agora, encostado a um recanto do wagon, braços cruzados, olhos cerrados, aspecto calmo de viajante despreoccupado, que a trepidação do trem adormece; agora, que segue rapidamente para a morte, como para uma estação terminal a que um dever urgente e inilludivel o impellisse, é que elle reconhece, com espanto, que não amava aquella mulher encantadora senão com a carne, sensualmente, physicamente apenas. E a prova mais convincente é que, depois de desenganado acerca dos sentimentos d'ella por elle, depois mesmo de haver resolvido matar-se, ainda a beijou, ainda lhe pedio e passou

com ella uma noite de amor, a derradeira, que não foi das menos ardentes.

Não, se a amasse com a alma, com o coração, espiritualmente, não teria forças nem desejos de gosar-lhe o corpo, de cevar os seus sentidos insaciaveis nas suas carnes deliciosas de calor, de perfume e de maciez; porque não se vê partir-se um ideal, não se póde vel-o desfazer-se em pó sem um arrancamento doloroso de toda a alma, sem se sentir que esta se partio egualmente, que abrio agua e vae afundar-se em breve no pelago sombrio do desespero, no silencio do desamparo.

Amor deve ser algo de mais sublime, de mais casto e de mais doloroso.

O que fôra então aquillo? Paixão, embriaguez dos sentidos, loucura erotica, amor carnal... tudo menos esse sentimento mixto, espiritual e corporal, a um tempo ideal e sensual, voluptuoso e casto, todo de alma e de beijos, em que dois seres de sexos differentes se encontram, se fundem, se completam e se unificam; esse sentimento que elle não experimentara ainda, mas que comprehendia perfeitamente e sabia existir tão real e verdadeiro como nas ficções e

nas tradições classicas e romanticas de Romeu e Julieta, de Leandro e Hero, de Heloisa e Abellardo, de Paulo e Virginia, de Werther e Carlota, de Laura e Petrarcha, de Paolo e Francesca...

A imaginação alindava, embrincava, de certo, essas ligações, tocando-as delicadamente de sonho ; mas não lhes alterava a natureza, não lhes augmentava a intensidade affectiva. Elle sentia-se capaz de eguaes extremos, de emparelhar com esses amantes celebres na pujança e na dedicação do amor, de amar com sublimidade egual.

Mas o acaso fel-o perder-se por um desvio, afastou-o da estrada real da Felicidade para leval-o a colher num moital de atalho uma bella flôr venenosa, a cujo perfume anesthesiante adormeceu embriagado, crendo-se feliz.

E então uma idéia amarga lhe veio, que lhe debuchou nos labios a sombra de um sorriso dolorido : « Ia matar-se por uma mulher que não amava!...» Mas logo reflectio melhor e rectificou o pensamento molesto : não era por ella que se matava; mas por elle proprio, porque se havia deshonrado fazendo a deshonra do seu melhor amigo, do seu protector, do homem

que tinha por elle o amor e a confiança de um pae, e porque não queria sobreviver a essas duas deshonras.

E quão melhor não era isso não o amando Corina que se ella o amasse? Ah! se ella o amasse, e se elle a amasse, como lhe seria penoso, difficil, torturante ter de matar-se! Que idéia medonha, sobrehumana de horridez, a da morte em pleno e perfeito amor! Mas, felizmente, não se amavam; desejaram-se, desejavam-se talvez ainda, na attracção mutua dos seus temperamentos tropicaes, e era tudo...

Elle podia morrer sem magua, sem pena, sem desespero; triste, de certo, da tristeza insondavel e lugubre dos grandes desilludidos, mas sereno e até, relativamente, satisfeito,—satisfeito por cumprir o dever e não prejudicar a ninguem, cumprindo-o.

Caminhava para o suicidio serenamente, com a resignação corajosa do soldado que, prisioneiro do inimigo implacavel, vae ser passado pelas armas e se adeanta para o logar da execução sem um gesto de supplica, sem um olhar de pavor.

No fim de algum tempo as idéias baralharam-se, o cerebro conturbou-se suavemente, as palpebras, fechadas mas leves até então, collaram-se pesadas de somno... Adormeceu.

Como lhe pareceu longa e fastidiosa essa viagem! A longura natural do trajecto era augmentada pelas demoras, interrupções e desarranjos causados pelo pessimo serviço da estrada.

Paulino, acostumado a viajar com todo o conforto e todas as commodidades, soffreu horrivelmente nas treze horas interminaveis que durou a viagem. Tudo o irritava, tudo lhe bolia com os nervos. Se deixava as janellas abertas, suffocavam-o a fumaça e a poeira de carvão da machina; se as fechava, abafava de calor. A trepidação era insupportavel; ás vezes o carro solavancava como uma caleça nas nossas esburacadas ruas; o trem ia atopetado, não havia um logar em nenhum dos carros.

No banco em que se sentara Paulino e no que lhe era fronteiro aboletara-se parte de uma

familia paulista, de regresso para Pindamonhangaba: — o marido, a mulher e uma filha, mocinha; o resto da ninhada e os criados iam em bancos proximos.

Que companheiros! Não estavam quietos um instante. O chefe da familia era um velhote vermelhaço e grisalho, de máus dentes, sempre exhibidos por largos risos apalermados, chapéu do Chile, roupa de brim pardo, guarda-pó, fumando constantemente cigarros de palha e cuspinhando a miudo para todos os lados.

A mulher uma boa senhora, copiosa de carnes, amollentada e aluida numa flacidez bamba de tecidos e enxundias, falando muito arrastado e reprehendendo de quando em quando algum dos filhos: —«Tá quieto, Zidoro! Sucega, Minervina! Que modos são esses, Zezé?»

A mocinha, que devia ter seus dezoito annos, e não era feia, tinha uns ares muito affectados; gestos, olhares, sorrisos, tudo era estudado e intencional, e, reparando-se um pouco, verificava-se que, além do pó de arroz, tambem empregava o carmim para realce dos seus encantos. Ia lendo as *Symphonias* de Raymundo Corrêa — o que a Paulino foi facil reconhecer,

porque ella abria e fechava o livro de modo a mostrar-lhe o que era. E que olhadellas languidas lhe atirava!

O pae puxou logo conversa com elle e, por mais que o medico se mostrasse rebarbativo á palestra, obrigou-o a responder a perguntas e a fazer observações em complemento ou replica ás d'elle. Era um typo de homem simplorio, ignorante mas sensato, bonacheirão, inculto, mas fino e manhoso sob todas as apparencias de palerma. Perguntou ao medico quem era, para onde ia, que ia fazer; e isso era natural, porque antes lhe disse como se chamava, onde tinha fazenda, quantos filhos tinha, etc.

Pouco depois discursava sobre politica. Confessava que fôra a abolição que o fizera republicano; mas que o era sincero e de coração, que pegaria em armas para combater a restauração, etc.

Paulino, a principio, teve vontade de fugir d'aquelle carro e procurar em outro um cantinho mais socegado; mas depois foi se interessando por aquelle sujeito e aquella familia e distrahio-se observando-os.

Não poudè descer para almoçar no hotel da Barra do Pirahy porque o coronel Firmino

Vereza — tal era o nome do fazendeiro — não o deixou, obrigando-o a partilhar da matalotagem que levava e continha um almoço lauto — mortadella, fiambre, gallinha assada, *croquettes*, ovos duros, queijo, fructas, doces e optimo vinho. No fim de um quarto de hora os bancos e o chão estavam que era um lastima: — tudo sujo.

Mas a verdade é que Paulino, enfraquecido pela sua ultima noite de amor, comeu com appetite e distrahio-se insensivelmente das idéias sombrias que lhe pesavam no cerebro. A viagem para lá de Cachoeira, comquanto ainda mais incommoda, pareceu-lhe mais divertida, mais interessante, pelo menos, por causa das varias cidades em que o trem vae fazendo escalas e cujo aspecto e costumes procurava observar nos poucos minutos de parada.

Chegou á capital paulista já noite fechada e foi com um grande suspiro de allivio que, meia hora depois, desceu do carro á porta do Grande Hotel. A's sete horas e meia sahia para a rua, lavado, correctamente vestido, sentindo apenas algum peso na cabeça.

Estava perfeitamente calmo. Foi a uma botica proxima ao hotel, mandou preparar uma

poção calmante, que deviam enviar-lhe para o hotel, quarto n. 35 e sahio em procura de uma papelaria. Encontrou uma na rua Quinze de Novembro, entrou, comprou papel almaço, alguns cadernos de papel de carta, enveloppes, um botesinho de tinta, uma caneta, algumas pennas, um páu de lacre e, tendo enviado isso para o hotel pelo Alfredo, que o acompanhara e a quem dispensou nessa occasião os serviços até o dia seguinte, tomou um bonde da Ponte Grande e foi até ao fim da linha, gosando o esplendido passeio, pensando, scismando, suavemente melancolisado, com um vago desejo morbido de chorar muito, muito, até desafogar todos os pesadumes, até lavar a alma num baptismo lustral de lagrimas. E fumava, fumava...

Na Ponte Grande um grupo de estudantes e raparigas patuscava ruidosamente; trocavam-se abraços, estalavam beijos, diziam-se obscenidades. Paulino voltou no mesmo bonde, mais entristecido ainda por aquelle espectaculo.

Eram dez horas da noite quando entrou no quarto. Sobre a mesa estavam o vidro da poção e os objectos que comprara. O aposento, que era no segundo andar, estava regularmente

mobilado e offerecia razoavel conforto. Paulino abrio a janella, contemplou por alguns minutos o panorama nocturno da cidade; depois fez a sua *toilette* para dormir e sentou-se á mesa.

Preparou tudo para escrever; mas ergueu-se e entrou a passear no quarto, acabando o quinto charuto, coordenando idéias, preparando um plano. Queria deixar tudo previsto, disposto, ordenado. Tinha que fazer testamento, que deixar instrucções para a distribuição de seus bens como tambem para seu enterro e funeral.

E Fernando? Não lhe devia escrever? Mas para dizer-lhe o que? a verdadeira causa do suicidio? De repente, apenas repellira tal idéia, por insensata, vio claramente que ella era, ao contrario, mais que razoavel—necessaria, indispensavel.

«Devo dizer-lhe, sim, a razão porque me mato, porque sem isso a minha morte seria um sacrificio inutil. Porque me mato eu? por tédio e cansaço da vida? não; por desgostos pessoaes? não. Mato-me sómente porque, tendo commettido um crime irreparavel, que só é punivel e resgatavel com a morte, e, sendo um homem de honra e verdade, devo punir o

criminoso e resgatar o delicto. Mas ambos esses actos perderiam completamente o seu valor moral, ficariam incompletos, seriam quasi inuteis se Fernando os ignorasse, porque ficaria acreditando na minha estima, na minha lealdade, na minha honradez; e, por isso, dedicaria á minha memoria um culto de veneração e saudade que ella não merece. Para que a minha morte seja o que eu quero e é necessario que seja, Fernando deve conhecer-lhe as causas. Eu seria um desleal occultando-lh'as, porque lhe usurparia posthumamente sentimentos de que me tornei indigno. Forçoso é, pois, que lhe eu deixe uma carta revelando tudo. E' esta a primeira cousa que tenho a fazer. Não percamos tempo. Mãos á obra! »

Sentou-se á mesa, preparou tudo e quando pegou da penna exclamou, como que insensivelmente: — « Pobre Fernando! » Ouvindo estas palavras, como se viessem de outro, encolheu o braço que se estendia para mergulhar a penna no tinteiro, e fixou absortamente os olhos na parede. Aquellas palavras « Pobre Fernando! » lembravam-lhe de subito que a sua carta terrivel ia matar a felicidade do amigo, afogar-lhe

a vida calma e contente na vergonha, na dôr e no desengano mortal.

Fernando, que amava a mulher a seu modo, mas que a amava devéras, que acreditava cegamente na sua fidelidade, como todos os maridos simples e confiantes que amam as mulheres, sabendo-se enganado, sabendo-a adultera, perfida, polluida, soffreria a maior dôr humana e, com o seu genio violento e o seu temperamento impulsivo, mataria a mulher ou suicidar-se-ia, ou talvez ambas as cousas. «Não; se o meu dever é matar-me, tambem é meu dever respeitar a felicidade de Fernando e poupar-lhe a vida. Como então confessar-lhe que... »

Ergueu-se, passeiou agitadamente pelo quarto, volvendo e revolvendo aquelle tremendo caso moral por todos os seus lados, examinando-o em todos os aspectos. Finalmente, após longas e dolorosas meditações, achou a solução que conciliava ambos os deveres.

Em varios sinos soavam espaçada e melancolicamente as doze badaladas da meia noite. Sentou-se de novo á mesa, mas d'esta vez com resolução, obedecendo com firmeza a um plano bem determinado. Escreveu febrilmente, sem

outras interrupções que as necessarias para reaccender o cigarro ou o charuto, insensivel á brisa fresca da madrugada que invadia o quarto, agitando brandamente a chamma da véla; ás quatro e meia extinguia-se esta lentamente, em vascas bruscas, de lampejos tristes.

Paulino tomou uma colher da poção, soprou o ultimo alento luminoso da véla, e enfiou-se nas roupas da cama. O effeito do narcotico foi prompto.

XVI

O IMPREVISTO

Paulino despertou, emfim, passando gradativamente do somno á vigilia, de modo que o acordar era para o seu espirito adormentado uma consequencia natural de actos ideiados em sonho. Sonhara muito, mas cousas incoherentes e confusas. Com algum esforço lembrou-se que sonhara o seguinte:

Os seus amores com *Dona Sinhá* haviam sido descobertos por denuncia de uma noticia da *Gazeta da Tarde*, facto que o indignou tanto que elle passou a chamar áquella folha *Corsario da Tarde*; e o contentamento de haver engenhado esta phrase era tão vivo que o compensava de

todos os desgostos produzidos pela noticia terrivel. Fernando, tendo-a lido, longe de enfurecer-se, veio logo agradecer-lhe os cuidados e os carinhos dispensados á sua mulher durante a sua ausencia, e Paulino, vendo-o sahir d'essa visita de cortezia, de casaca e gravata branca, notou que elle levava o chapéu suspenso, como num cabide, em uma das pontas de um par de galhos, que lhe subiam, retorcidos, da fronte; e o chapéu dansava, lá em cima, com os movimentos do corpo. Depois foi levado ao jury, que era presidido pelo *Alfréd*, de tóga, com cabelleira branca de cachos. Lembrava-lhe d'esse episodio apenas isto: que, como Hyperides a Phrynéa, no Areopago, havia arrancado as vestes á amante, dizendo aos jurados: « Vejam que perfeição! Examinem. Apalpem. E digam se eu podia resistir! » Mas nesse momento reparava que a mulher não era Corina, mas *Madelon*, que fazia um *pied de nez* aos juizes, gritando: « *Tas d'imbéciles! Tas d'imbéciles*! » Então o *Alfréd* levantou-se e bradou: « O réu foi condemnado á morte. » Nesse momento tudo desappareceu; elle ficou sósinho em meio de uma solidão immensa e muito negra e ouvia mil vozes ciciar

com um sopro gélido, que o tranzia: « Vaes morrer! Vaes morrer! Vaes morrer! » Nesse momento um vulto surgio a seu lado, que lhe murmurou ao ouvido: « Não acredites. Isto é sonho; tu estás dormindo e sonhando. Não vaes morrer nada. Então morre-se assim com duas razões, só porque se aproveitam e se gosam as mulheres que se offerecem á gente? » Mas então appareceu no ar um corvo de azas immensas, com a cabeça de Fernando, que gritava com uma voz tão cavernosa e tão extensa que enchia todo o espaço, repercutindo muito longe: « Vaes morrer, sim, trahidor, infame, ingrato! »

Não se lembrava da continuação d'esse sonho terrivel. Mas de todo elle uma idéia lhe ficara, nitida e forte, acudindo-lhe, apenas desperto: —morrer.

Lembrou-se então que, de facto, elle tinha de morrer, que viera áquelle logar para isso. Mas, no cerebro, atordoado pelo narcotico e enfumado ainda pelos nimbos revoltos dos sonhos, não surgio logo, inteira, a realidade da sua situação; não sabia como ia morrer, se o iam matar...

Fez um esforço de memoria, esfregou os olhos, olhou com fixidez para os moveis do quarto e foi só vendo as folhas de papel escriptas sobre a mesa que se recordou que devia morrer nas suas proprias mãos. Seu cerebro não se havia ainda habituado áquella idéia, que, por isso, lhe fugia á retentiva.

Um relogio, afastado, tinio horas. Contou-as: nove. Nove horas! Dormira bastante! Fôra a poção. E então lembrou-se que a morte não devia ser outra cousa mais que um grande, um invencivel narcotico.

Morrer! Extinguir-se, deixar de ser, *não ser*, o nada... E um pavor estranho invadio-lhe o cerebro, como uma lufada fria de vento hybernal.

Teve medo, teve horror... Era tão bom viver! Havia tantas terras curiosas que viajar, tantas mulheres moças, bonitas e faceis pedindo amor, pedindo homem! E elle tinha de morrer, assim: forte, bom, cheio de vida, moço, sedento de goso! Era estupido!

E se não se matasse? Para satisfazer os dictames da sua consciencia bastaria ir ter com Fernando e dizer-lhe: — « Dormi com tua

mulher, gosei-a em tua ausencia. Faze agora o que entenderes. » Talvez mesmo nem isso. Foi ella, afinal, que o seduzio, que lhe preparou habilmente a occasião, que o excitou de modo irresistivel. Elle não era de marmore. E, afinal, aquillo era cousa que se via todos os dias. Se todos os homens no caso d'elle se suicidassem, fôra uma hecatombe !...

Mas a figura sympathica e leal de Fernando surgio-lhe á mente e, nesse instante, toda a extensão do crime que commettera enganando-o, abusando miseravelmente da confiança paternal que depositara nelle, desenrolou-se-lhe aos olhos. Então, com um fremito de horror, sem mais raciocinar, sem recordar mais nada, comprehendeu que o suicidio era *inevitavel*.

Emtanto, para prevenir-se contra o medo e o horror dessa idéia, resolveu agitar-se, entreter o pensamento nos preparativos e disposições finaes até que, tudo concluido, chegasse o momento fatal. Tinha de ser; acabou-se.

Saltou da cama, premeu o botão da campainha electrica; pedio ao criado que o levasse ao banheiro.

Voltando do banho frio, tomou uma chicara de café, e estava accendendo um cigarro, em *robe de chambre*, quando bateram á porta.

— Entre quem é.

— Dás licença ?

«Eu conheço esta voz» pensava Paulino ; mas não teve tempo de lembrar-se da pessoa que tinha aquella voz, porque ella acabava de entrar.

— Oh! Julião ! Que surpresa ver-te ! Juro-te que não pensava em ti.

— Naturalmente... pensa-se lá nos amigos insignificantes como eu !

— Não é isso.

— Ora se é isso ! E a prova é que não me respondeste ainda á carta que, ha uns bons tres mezes, te escrevi, abraçando-te e pedindo-te umas informações acerca do instrumental cirurgico que eu desejava mandar vir de Paris...

— Perdôa-me, meu bom, meu excellente Julião. Tens razão de sobra. Se soubesses como tenho vivido ultimamente, o que me tem succedido... quantas contrariedades... Não te zangues commigo.

— Não, de certo ; e a prova é que te vim ver e abraçar.

— Mas, a proposito, como pudeste saber que eu estava em S. Paulo ?

— Muito simplesmente : pelos jornaes.

— Pelos jornaes? Mas se eu cheguei hontem á noite e não falei com ninguem...

— Vou explicar-te. Pouco depois da chegada do comboio, os *reporters* percorrem os hoteis e recolhem a lista dos hospedes de cada um, lista que publicam no dia seguinte.

— Comprehendo; e Paulino lembrou-se que havia assignado o nome no livro dos hospedes e dado mesmo um cartão ao criado que o trouxera ao quarto.

Julião sentou-se em uma cadeira junto á mesa. Era um rapaz de pequena estatura, compleição franzina, cabeça proporcional, membros delicados, expressão extremamente vivaz, muito insinuante. Paulino, vendo o amigo com as folhas de papel ao alcance da vista, acudio logo, juntou-as e recolheu-as disfarçadamente.

— Como não tive somno esta noite, puz-me a rabiscar babuseiras. Almoças commigo, não é assim ?

— Só se fôr já, porque tenho ainda uns tres doentes a visitar.

— Em cinco minutos isto está acabado; disse Paulino, referindo-se á *toilette*. Mas dize-me: como te corre a clinica?

— Optimamente. A principio custou a vir. Mas, graças a uns amigos influentes, chegou, e vae num progresso constante. Tenho uma clientella restricta, mas que paga sem olhar a dinheiro. E' o que convem. E a prova de que não me posso queixar da sorte é que vou casar-me dentro de poucos mezes.

— Ah! e com quem?

— Com uma filha do desembargador Rodrigues Lopes.

— Rica?

— Não, pobre como Eva, ou melhor: quasi tão pobre, porque Eva nem camisa tinha; é encantadora. Queres vêl-a? Tenho aqui o retrato.

Tirou da carteira uma photographia pequena e mostrou-a ao amigo, que, tendo-a examinado alguns momentos, lh'a restituio dizendo:

— Sim, senhor. Uma linda cabeça. E tem um ar muito intelligente. Meus parabens.

Nessa occasião entrou o Alfredo com as botinas do amo e ajudou-o a vestir-se.

— Estou prompto. Vamos almoçar.

— Não trazes o chapéu?

— Para que?

— Não tencionas sahir depois do almoço?

— Não tinha pensado nisso.

— Mas tu não conheces S. Paulo. Ou já tinhas vindo cá?

— Não, é a primeira vez.

— Pois então, has de permittir-me que te faça as honras da cidade.

Paulino, que não encontrava pretexto para excusar-se, teve de ceder ao convite do collega e amigo.

A doçura do tempo, a ordem, limpeza e boa apparencia da grande sala das refeições, em que comiam, espalhados, em pequenas mesas, muitos hospedes, conversando discretamente, e a jovialidade do companheiro dispunham favoravelmente o animo de Paulino e quando, ao fim do almoço, de que comera com appetite, sahia com o amigo, havano fumegante nos labios, respondendo a uma pilheria d'elle com outra, que os fez rir muito a ambos, a idéia da morte não lhe povoava o pensamento e ninguem poderia adivinhar, por mais perspicaz e conhecedor do coração humano, que aquelle bello e

forte mancebo, tão calmo e risonho, tinha lavrado a sua propria sentença capital e a executaria dentro de algumas horas. Como poderia alguem pensal-o, se elle proprio, naquelle momento, não o pensava? Elle fazia naturalmente, sem calculo, o mesmo que fazem muitos dos condemnados á morte — que dormem tranquillamente a sua ultima noite e comem com appetite a refeição derradeira.

Dir-se-ia que o corpo, prevendo o seu aniquillamento proximo, procura, instinctivamente, exercer pela ultima vez as suas funcções organicas em toda a sua plenitude, com fina volupia, affirmando assim em ordem, vigor e equilibrio o triumpho glorioso da Vida, mutavel mas immortal.

A' porta do hotel tomaram o carro particular de Julião, devendo Paulino acompanhal-o nas visitas aos doentes que lhe faltava ver; e depois iriam passear, afim de Paulino conhecer os pontos mais pittorescos ou mais interessantes da cidade.

Julião levou o amigo ao bairro da Luz, onde lhe mostrou o Jardim Publico, o Seminario, o Quartel, a Estação da Estrada de Ferro, os

principaes predios e palacetes indicando os proprietarios, dando-lhe detalhes; na volta fel-o admirar a varzea do Carmo, o curso do Tamanduatehy, o Braz; levou-o ao Museu Sertorio, á Academia, ao Palacio da Presidencia e aos principaes cafés. Convidou-o a jantar numa excellente *rotisserie* da rua de S. Bento e fel-o prometter-lhe que o acompanharia á noite ao theatro S. José, onde trabalhava uma boa companhia de zarzuela.

Findo o jantar, passearam ainda um pouco, num carro de praça, tendo Julião mandado embora o seu, por estarem os cavallos fatigados.

Depois, Paulino voltou ao hotel para mudar de roupa e esperar alli Julião, que fôra fazer as suas visitas clinicas da tarde.

Ao entrar, entregou-lhe o porteiro dois ou tres cartões e um telegramma.

Na sobrecarta este endereço:

« Grande Hotel ou Hotel de França »

Abrio-o tremulo, subindo as escadas. De quem seria? De Çorina? Talvez, chamando-o, dizendo-lhe que o esperava para fugir com elle, ou que ia chegar para se lhe reunir. E se fosse isso? Que faria?

O coração batia-lhe precipite; o papel tremia-lhe nas mãos. Desdobrou-o finalmente. Foi á assignatura: « Fernando ». E leu: «Cheguei bem, estou furioso tua ausencia, volta breve. Saudades. Abraços nossos.»

Sentio um abalo tão forte que teve que apoiar-se ao corrimão.

Voltar, elle? abraçar novamente aquelle amigo generoso, bonissimo, que elle enganara torpemente, estar novamente entre elle e aquella com quem o atraiçoara— não! era impossivel! Urgia que se matasse. Se demorasse a execução da sua sentença, Fernando podia vir a S. Paulo e talvez com a mulher, como surpresa. Convinha responder logo ao telegramma para impedir que tal acontecesse. Respondeu nestes termos:

« Parabens. Regresso em tres dias. Saudades.»

Deu o telegramma ao criado do hotel para que o passasse, e, emquanto mudava a roupa, ajudado por Alfredo, que se declarava encantado com a Paulicéa, determinava o dia e a hora em que devia matar-se:

« A carta para Fernando está prompta, apenas precisando de alguns retoques. Na volta do

theatro passo-a a limpo. Amanhã faço o testamento e entrego-o a um tabellião para o approvar e guardar ; compro o revólver e á noite acabo com isto. O encontro com Julião foi que me atrapalhou. Queira Deus que não voltem amanhã os outros amigos que vieram hoje visitar-me» — pensava.

Restava-lhe, pois, apenas um dia de vida. Mas, como o condemnado á morte, que até ao momento de ser executado, espera vagamente a salvação e com essa esperança se reconforta e ganha valor para o transe supremo, Paulino deixava embalar-se intimamente por uma voz acalentadora, que lhe murmurava um « talvez » suavissimo... Que podia ser esse « talvez » ? Quem saberia dizel-o ? A morte de Fernando... a fuga de Corina dos braços do marido para os do amante...

Oh ! o acaso tem ás vezes soluções tão imprevistas e tão boas ! Graças a essa abençoada e poderosa força — a esperança, que só abandona o homem no derradeiro instante de sua vida, quando elle exhala o ultimo alento, estava tranquillo o desgraçado e passou a noite divertidamente, muito mais do que esperava.

No theatro, onde fôra com Julião, segundo haviam combinado, encontrou o seu antigo companheiro de collegio e de academia, Carlos Oliva, o famoso e impagavel bohemio, que estava no terceiro anno do curso juridico, depois de haver estudado dois annos engenharia e tres annos medicina.

Filho de familia abastada e unico varão, faziam-lhe os paes todas as vontades e perdoavam todos os desregramentos. Era «um pandego», na opinião de todos. Moreno, magro, olhos fulgentes através dos discos cristallinos dos oculos de ouro, cabellos magnificos de ebano lusente, em ondas, dentes soberbos, voz clara e de sonoridade metallica, gestos exuberantes, excessivos, prompto sempre na replica mordaz, no commentario malicioso, na *piada* imprevista.

Cultivava com amor todos os vicios elegantes: as mulheres, o jogo e a mesa. Era geralmente estimado pela fidalguia suprema com que despedia as amantes decahidas da sua real graça e com que perdia sommas consideraveis ao *lansquenet* e á roleta; pelo seu inalteravel bom humor e, emfim, pela perfeita cortezia de *gentleman* com que a todos tratava.

Carlos Oliva fez uma festa espantosa a Paulino, a quem fôra sempre muito affeiçoado. Foi um espoucar de *Ohs* ! e um chover de abraços, que atordoaram o medico. No fim do espectaculo sahiram juntos os tres : Paulino, Julião e Carlos Oliva. Este convidou os amigos para ceiar ; Julião escusou-se: tinha um doente gravissimo e que precisava visitar ainda, apesar do adeantado da hora; e retirou-se de carro, combinando um encontro para o dia seguinte.

Então o bohemio perguntou ao amigo:

— E' você homem para acompanhar-me ?

— Isso depende de saber aonde.

— A um antro, á « gruta dos vicios ».

— Isso deve ser ignobil; ponderou Paulino.

— Ignobil ? E' féerico, walkiriano, uma especie de gruta azul do rei Luiz da Baviera.

— Imagino ; mas recuso : vou deitar-me, descançar.

— Burguez infecto ! exclamou Oliva com grotesco desdem. Deitar-se na cama antes de erguer-se a aurora no horisonte ! Antes d'essa hora eu só admitto que um homem se deite no collo nú de uma mulher boa. Vem d'ahi, philisteu !

Paulino hesitava. Precisava acabar a carta para Fernando; só tinha vinte e quatro horas de vida : não podia perder tempo. Mas a idéia de voltar ao hotel e, no silencio sinistro da noite, recomeçar a escrever a historia do seu erro, do seu crime, da sua desgraça, repugnava-lhe invencivelmente. E, depois, talvez que o meio torpe, ao qual queria arrastal-o aquelle doido, lhe facilitasse o desapego da vida pelo nojo d'ella.

Accedeu ; e, de braço dado ao amigo, foi, através das ruas escuras e silenciosas da Paulicéa, em demanda da «gruta dos vicios. »

Era um sobrado grande e velho no Becco do Inferno, hoje Travessa do Commercio, mesmo na esquina. Oliva bateu com os nós dos dedos de um modo especial : quatro pancadas, intervalladas da segunda á terceira. A porta abrio-se sem ruido ; os dois homens deslisaram para dentro do corredor, illuminado por um bico de gaz sem arandela, acceso ao alto da escada. Ouviam-se ruidos confusos de vozes de homens, risadas femininas e embates de copos e pratos.

Subiram, acompanhados pelo sujeito, zambro por signal, que lhes viera abrir. Em uma sala

quadrangular, de tecto baixo, forrada a papel barato, ornada de chromos e gravuras réles, mal allumiada por alguns bicos de gaz, homens e mulheres, abancados a mesas de páu, bebiam, comiam e conversavam. Varias d'essas damas fumavam cigarros de papel em attitudes relaxadas, entre-mostrando os seios e as pernas. Algumas eram muito moças, e bonitas duas ou tres. A primeira impressão era desagradavel.

— Bem dizia eu : isto é ignobil ; parece uma taverna de marinheiros em Londres. Vamo-nos embora; disse Paulino, contrariado.

— Alto lá, *cher maitre !* exclamou o companheiro. E' sempre arriscado julgar pelas primeiras impressões. Acompanhe-me.

Foi direito a um balcão pequeno, onde thronejava uma mulher gorda, ainda frescalhona, de aspecto muito risonho, e que acolheu com um agitar de mão festivo a entrada do bohemio.

— Boa noite, minha boa senhora dona Felisberta Mercurina do Bom Conselho! e o rapaz erguendo alto o feltro com a sinistra, apertava-lhe, todo curvo, com a dextra os dedos grossos e humidos. Eu e este meu precioso amigo, mais viajado que o cholera-morbus,

queremos passar agradavelmente este resto da noite no seu hospitaleiro tugurio.

— A's ordens dos meus doutores, inteiramente ás suas ordens. Que hão de querer? perguntou a hoteleira com pronunciado accento piemontez.

— Ceia fina e mulheres frescas, o mais virgens que fôr possivel.

— Vão ser immediatamente servidos.

— Olhe lá, tia Felisberta, que as damas sejam de fóra... sabe?...

— Socegue, doutor Oliva; o senhor é o freguez a quem sirvo com mais cuidado e boa vontade. Não é? E deitou-lhe um olhar carregado de volupia.

— Tem um *rabicho-onça* por mim esta sapaentanha; segredou Oliva ao ouvido do amigo.

— Acompanhem-me; disse a mulher, tomando de um prego um mólho de chaves.

Levou-os por um corredor sombrio, cheirando a mofo e urina, até uma porta que abrio, e onde introduzio os dois moços.

Acceso o gaz, vio-se um quarto espaçoso com uma cama larga, feita, e uma mesa redonda ao centro.

— Este é um dos quartos; o outro é aqui ao lado e communica com este por aquella portinha.

— Eu conheço a topographia, tia Mercurina; disse Oliva. Mas diga-me: que donzellas nos vae servir?

— Olhe, seu doutor, como eu, além de ter todo o gosto em servir ao senhor, desejo obter a protecção do seu companheiro, vou buscar, eu mesma, as duas joias melhores do meu cofre: para o senhor a sua predilecta, a *Chinóca*, e para o seu amigo uma rapariga que sahio hontem mesmo da companhia do marido, que a espancava; tem dezesete annos e só esteve com o marido onze mezes. E' uma tetéia. Eu estava guardando ella para o commendador, sabe? mas não importa; tenho muito gosto em cedel-a ao seu amigo.

— Muito bem, protectora dos famintos de toda especie, vá lá buscar-nos essas *houris* ... e mande-nos trazer alguma cousa que se rôa e que se ingurgite, o que tiver de melhor. Olhe, diga-me cá, a *lambe-me tudo* está trabalhando? e esboçou sobre a mesa, com o dedo indicador, um gesto de rotação.

— Sim, senhor; e é o *Teixeirão* que está dando á bola.

— Vamos nós até lá? perguntou Oliva a Paulino.

Este respondeu-lhe encolhendo os hombros.

— Emquanto não chegam as deidades, vamos nos entretendo em largar a pelle na roleta. E' uma idéia genial. Vamos lá. Mas que isso não impeça, mamãe Venus, que vossa mercê mande trazer-nos frios e champanhe e vá buscar as nossas amadas.

— *Sicuro, sicuro*! retorquio, rindo, a mulheraça, sahindo com açodamento.

Os dois amigos entravam pouco depois na sala da roleta, no segundo andar.

XVII

FLOR DO LODO

Eram nove horas da manhã quando Paulino se recolheu ao hotel. Dormira apenas tres horas, de um somno de esgotamento, pesado como chumbo, de que foi despertado, entretanto, em sobresalto, como se alguem o houvesse sacudido com rudeza.

Ao seu lado dormia tranquillamente a infeliz creatura que a dona do hotel lhe havia mandado para o quarto e que elle já encontrara adormecida, quando desceu da sala da roleta, e que adormecida deixou, sem lhe tocar. Contemplou-a alguns minutos com um olhar de compaixão profunda e um sorriso de amarga ironia.

Era uma mulher franzina, morena, de dezesete a dezoito annos; um typo de anemica-nervosa, membros delicados, cabellos negros, rosto miudo, de traços finos e graciosos; nos seios descobertos não havia ainda vestigios de cansaço: conservavam, só elles, um resto da virgindade polluida e morta não havia muito.

Era, evidentemente, uma estreiante, uma novata da escola do vicio. Estaria totalmente perdida? E Paulino, que apenas despira o paletó, revestia-o lentamente, contemplando sempre a infeliz e scismando, commovido, na sua sorte. De repente sentio incommodal-o no lado esquerdo do peito um volume grosso, que estava no bolso interno do frak. Levou a mão ao bolso e subitamente, — por uma singular associação instantanea de uma recordação e de uma idéia — lembrou-se do dinheiro que ganhara, horas antes, á roleta e pensou em salvar com elle aquella rapariga.

Estivera de uma « sorte unica, de uma *chance* brutal », como dizia, maravilhado, o Oliva, que perdeu até a ultima nota de cinco tostões. Era a primeira vez que jogava a roleta, e, como sóe geralmente acontecer, por um

capricho estranho e perverso da sorte, fôra de uma felicidade assombrosa. Jogava sem calculo, sem plano, com vontade e intenção de perder... Para que diabo precisava de dinheiro, elle, um condemnado á morte? E repugnava-lhe o ganho ao jogo. Mas, apesar de tudo, ganhava sempre. Era uma perseguição da fortuna, cruelmente ironica, e que, por lhe parecer tal, irritava-o sobremaneira. A's cinco horas da manhã terminava a banca, rebentada, levada á gloria pelo jogador bisonho e calouro, com espanto e inveja dos parceiros e com sombrio e calado despeito do banqueiro, o qual, entretanto, desfez-se em amabilidades com elle, convidando-o a voltar naquella noite :

— Não falte logo, *seu* doutor. Está de sorte; deve aproveital-a. A parceirada é boa e o botequim está ás ordens. E' pedir o que quizer, até champanhe. E nos olhos piscos do *Teixeirão* ardia a febre sordida da cobiça, lia-se a ancia de apanhar novamente nas garras o jogador novel, para arrancar-lhe todo o lucro e mais o dinheiro que levasse.

Paulino nada respondeu, nauseado de tanta miseria. Mas pensava no destino que daria

áquelle dinheiro vil. Eram dez contos e quinhentos mil réis. A primeira idéia foi dal-os ao Oliva; mas repellio-a logo: voltariam para a roleta, para o banqueiro, sem beneficio de ninguem. Dou-o aos pobres; pensou. E com essa idéia metteu-o no bolso num grande rolo.

Agora, deante d'aquella pobre coitada, encontrava o destino melhor que podia dar áquelle dinheiro immundo para poder purifical-o, fazendo o bem: arrancar com elle aquella mulher do vicio, da ignominia, da miseria.

Puxou uma cadeira para junto do leito, sentou-se nella e acordou brandamente a moça, tocando-lhe repetidas vezes no hombro nú. Ella abrio os olhos, que fechou logo, encandeados pela luz forte do sol, para, reabrindo-os, fital-os no medico. Deu um gritosinho de espanto e puxou a colcha para cima, tapando a cabeça.

Paulino abaixou a colcha brandamente, descobrindo-lhe o rosto e disse-lhe:

— Então que é isso? Não se assuste; e conversemos.

Ella sorrio-se, reparando nas feições d'aquelle desconhecido que lhe falava tão docemente, bem

impressionada por ellas. E disse, com uma voz um tanto pastosa :

— Foi *vancê* que dormio commigo ?

— Fui eu, sim.

— *Uê!* Como é que eu não senti nada ?

Paulino sorrio-se, mas, em vez de explicar-lhe o facto, disse-lhe, tomando-lhe uma das mãos, que pendia da cama :

— Diga-me : póde acreditar que um homem desconhecido, que a vê pela primeira vez, possa desejar sinceramente, sem interesse, fazer-lhe um grande beneficio ? Ella arregalou os bellos olhos, grandes e negros, num espanto ; mas acudio logo :

— *Acradito,* sim ; porque não ? Ainda ha gente boa no mundo...

— Tanto melhor ; volveu Paulino. Agora, conversemos. Desejo salval-a do lameiro em que vae afogar-se. Mas conte-me antes a sua historia, sem omittir nada, sem mentir, como se eu a confessasse.

— Conto, sim ; se *seu* doutor quer saber ella, eu conto. E olhe que eu não sei mentir. Mentira é uma cousa tão feia ! O peior é que eu não sei falar *dereito.*

— Fale como puder ; que eu a ajudarei. Bastará que me responda o que eu lhe perguntar. E' casada ?

— Sim, senhor. Me casei vae fazer um anno, com um *home* muito mau, de que eu não gostava. Eu queria casar era com primo Juca, isso sim. Mas papae não quiz ; *perferio seu Zidóro*, que tinha negocio de criação no Mercado. Que *havéra* eu de fazer? Casei mesmo. Papae morreu alguns mezes depois. *Seu Zidóro* me maltratava, me obrigava a fazer serviços *supriores* ás minhas forças. Depois pegou a beber e quando estava *nellas* me espancava. Até que uma noite fugi p'ra casa de mamãe.

— E elle não foi lá buscal-a ?

— *Quaes* o que ! O que elle queria era vêr-se livre de mim. Pois se já tinha amigação tratada com a Maricota Cocada, uma mulata gorda, doceira, tambem do Mercado ! Eu fiquei morando com mamãe e ajudando ella. Mas, coitadinha, está quasi entrevada do rheumatismo; tem dias que nem póde se mexer. Eu quiz trabalhar, mas meu trabalho não chegava para tanta cousa, para cosinhar e lavar para nós e ainda coser para fóra. Eu, só com minhas tristes mãos não podia,

não é? — perguntou ella, com um tom ingenuo e sincero, como buscando justificar-se préviamente.

— De certo; fez Paulino. E, depois, que succedeu?

— Depois... esta mulher d'aqui, dona Felisberta, que me conhecia do Mercado, por ser fregueza de meu marido, tendo sabido que eu fugira, começou a frequentar nossa casa, a nos fazer presentes, a nos dar generos, muito obsequiadeira. Até que se explicou. Me convidou para ir um dia á casa d'ella: que ia lá um moço que me conhecia de vista e me estimava muito e que elle queria se amigar commigo. Eu contei a mamãe. Esta, no principio, me aconselhou que não, que não... Depois, como dona Felisberta já não dava mais nada p'ra nós e a fome ia chegando, mamãe, um dia, me disse que não era mau eu vir até cá vêr o moço. Se servisse... E eu disse, então, a dona Felisberta isso mesmo. Ella ficou muito contente e deu-nos de um tudo: farinha, carne secca, feijão... E disse p'ra mim que uma noite iria me buscar. E eu fiquei esperando ella.

Paulino lembrou-se então que a alcaiota lhe dissera que estava reservando aquella rapariga para o « Commendador ».

— E depois ? perguntou.

— *Honte*, já muito tarde, dona Felisberta foi me buscar. Eu não queria vir, tinha medo áquella hora... Mas a mulher explicava que o moço tinha chegado de uma viagem e queria por força me conhecer, que era só para elle me conhecer e eu conhecer elle ; que era só para conversar... Se me agradasse, *entonces*... E mamãe, que tem muita confiança em dona Felisberta, me mandou vir com ella, certa de que não havia de *assuceder* nada. E eu vim. Ella me trouxe para este quarto, me despio, botou cheiro na minha camisa, me disse que esperasse um bocado, que ella ia buscar o moço. Eu chorei, tive medo... Um *home* que eu não conhecia ! Mas... depois... não sei mais nada. Dormi, parece. O moço era *vancê* ?

— Era eu, sim, e dormi um pouco a seu lado, sobre as roupas da cama, mas sem tocar no seu corpo.

— Como *vancê* é bom ! E é tão bonito ! exclamou, com uma expansão de admiração

infantil. Havemos de viver muito bem, muito felizes, se *vancê* se agradar de mim. Eu sou uma pobre caipirinha... não sei nada... Mas sou muito quiéta, muito mansa, verá... Olhe, conheço *vancê* ha meia hora, e já gosto muito de *vancê*, *acradita*? Mas... porque tem esse ar tão triste? Não é feliz? Não lhe agrado? Diga! e, meigamente, tomava-lhe as mãos.

Elle teve um sorriso de tristissima ironia; mas, em vez de responder-lhe, perguntou-lhe:

— Então nunca teve relações com outro homem senão seu marido?

— Lhe juro por este breve bento que não! exclamou ella, puxando do seio um cordão de ouro fino, de que pendiam bentinhos, figas, coraes torcidos, e beijando um dos escapularios.

— Muito bem; agora responda-me: Quer viver honestamente com sua mãe, garantida de privações?

— *Uê*, gentes, pois isso é cousa que se pergunte?

— Então, ouça... Mas antes diga-me ainda: Você não tem algum parente sério, capaz de dar-lhe bons conselhos em relação a negocios, a dinheiro?

— Tenho, sim, meu padrinho, *seu* Manoel Vicente, que é typographo de um jornal. O defeito d'elle, coitado, é ser pobre; mas tem muito juizo e todos lhe querem bem.

— Tanto melhor; escute. Aqui neste embrulho estão dez contos e quinhentos mil réis. Os dez contos são para você; os quinhentos mil réis para você distribuir com os pobres, em minha intenção. Você irá procurar seu padrinho e lhe entregará este dinheiro com um cartão meu, em que vou escrever que fui eu que lh'o dei.

E Paulino poz o dinheiro sobre a beira da cama, e tirando um cartão, escreveu-lhe a lapis, no dorso: «Entrego nesta data a...

— Como se chama? perguntou elle, levantando os olhos para a rapariga.

Ella não poude responder-lhe logo: chorava, com o lençol comprimido aos olhos; mas, pouco depois, tartamudeou:

— Corina... Corina Amelia de Souza.

Se a pobre rapariga não tivesse os olhos occultos nas dobras do lençol e fitasse o seu estranho protector, teria soltado um grito de espanto e receio. Paulino estava livido, com os

labios tremulos e brancos; os olhos arregalados... A coincidencia era tão grande e tão imprevista que justificava aquelle estado de confusão e assombro.

Ergueu-se, passeiou um pouco pelo quarto. Já então Corina o fitava, acompanhando-lhe os movimentos com os olhos humidos e um sorriso delicioso de felicidade. Ao fim de cinco minutos, mais senhor de si, concluio o bilhete: «...a Corina Amelia de Souza a quantia de dez contos de réis, de que lhe faço presente, com o fim de concorrer para a sua felicidade. Este dinheiro é meu e ganhei-o ao jogo na noite de hontem...» Datou e assignou. E veio entregal-o á rapariga, sentando-se de novo. Esta, num movimento rapido, saltou da cama para os joelhos d'elle e, enlaçando-o nos braços nús, exclamava, ora rindo, ora chorando:

— Como *vancê* é bom! Como *vancê* é bom!

De repente, fitando-o com os olhos banhados de felicidade, perguntou-lhe, com um encantador accento de ingenuidade, recuperando, num momento de sublime transfiguração moral, a voz, o encanto e a graça da virgindade perdida:

— *Vancê* me dá um beijo?

Paulino segurou-lhe a cabeça, com ambas as mãos, e beijou-a na testa. Nesse momento sentio a caipirinha rolarem-lhe no seio moreno, por dentro do cabeção de crivo da camisa, duas lagrimas quentes, grossas, vagarosas, — e que não cahiram dos olhos d'ella.

XVIII

A EXECUÇÃO

Aquella scena imprevista com a pobre caipirinha, encontrada num bordel e que a sua boa fortuna lhe permittio arrancar ao vicio e á miseria, fizera ao seu espirito, profundamente agitado pelos terriveis pensamentos gerados da sua resolução suprema, um beneficio ineffavel; produzira nelle o mesmo effeito do azeite sobre as ondas enfurecidas do mar: — acalmara-o subitamente.

Assim se explicava a serenidade, apenas melancolica, do seu rosto ao penetrar no quarto do «Grande Hotel.» Num incidente fortuito, triste episodio da vida nocturna dos viciosos,

encontrara e bebera a energia e a calma de que precisava para cumprir o seu fadario negro, para executar a sentença que, como juiz, contra si proprio pronunciara...

Apenas fechada a porta á chave, uma pressa o tomou de « acabar com aquillo. »

Urgia matar-se: Fernando podia chegar naquella noite mesmo, podia sobrevir qualquer facto que o obrigasse a adiar o suicidio, quem sabe se a voltar ao Rio... Mas sentia-se fraco, fatigado, e tambem um pouco febril: era o cansanço da noitada.

Tomou uma ducha fria, que lhe ergueu as forças e fustigou os nervos; almoçou rapidamente e, depois de haver vedado a sua porta sem excepção de visitante, fechou-se no quarto a trabalhar.

Em duas horas estava copiada a carta para Fernando. Sobrescriptou-a e lacrou-a com cuidado. Escreveu outra depois e metteu-as ambas em uma só sobrecarta.

Depois do almoço, passou a fazer o seu testamento.

Constituio herdeiros de todos os seus bens a seu irmão Adolpho e a sua unica irmã, esposa

de Castrioto; deixou vinte contos de réis para o seu afilhado Dario, filho d'estes; legou todos os seus moveis, quadros e livros a Fernando Gomes, as joias e o relogio ao seu cunhado, e todas as roupas ao seu criado Alfredo.

Uma vez concluido o testamento, foi leval-o á approvação de um tabellião; terminado esse acto, dirigio-se ao Correio, onde registrou uma volumosa carta, com este endereço: « *Dr. João Itaparica — Bahia.* »

Eram cinco horas da tarde.

Que mais lhe restava fazer?

Mas, quando recapitulava o que havia feito e inquiria de si mesmo se nada mais lhe faltava senão matar-se... lembrou-lhe de repente o meio de morte. Como se esquecera de uma circumstancia tão importante, mesmo capital, até quasi á ultima hora? Matar-se parecia-lhe nada; o modo de matar-se, o instrumento de morte, é que o preoccupava, afigurando-se-lhe o principal d'aquella funebre empreza. E então esta idéia substituio-se inteiramente áquella. Já se não lembrava de que ia morrer; ou antes: a idéia da morte não o incommodava, nenhuma sensação lhe fazia, porque o seu espirito estava

inteiramente occupado e absorvido na escolha da arma, da fórma de suicidio.

Tinha a escolher entre o veneno, o revólver e o punhal.

O veneno era bom. Uma dóse violenta de arsenico, ou de strichnina, ou algumas gottas de acido prussico, ou de laudano... o laudano proporciona um passamento calmo, um somno facil e doce, provocador de sonhos paradisiacos. Um banho morno e uma dóse de laudano... era delicioso! A idéia do banho morno trouxe-lhe uma recordação historica: podia, como Seneca, cortar as veias com uma tesoura ou bisturi, e deixar-se esvair, esgotar-se, despejar a vida em jorros de sangue, que tingiriam de purpura a agua tepida e o marmore branco da banheira... Tambem seria bom... Mas o veneno tinha inconvenientes: não encontraria provavelmente boticario que lhe vendesse o toxico desejado e, se encontrasse, iria sujeitar o pobre diabo a alguma penalidade; além d'isso a morte não era segura: podiam administrar-lhe algum antidoto a tempo de salval-o...

Arredou logo o veneno...

Escolheria o revólver... oh! um bom *Smith-Wessen*, disparado sobre o coração, dá a morte prompta, certa, infallivel...

Mas o revólver lhe era antipathico — uma arma brutal, deselegante, indiscreta... A detonação seria medonha, alarmaria toda a gente do hotel e a visinhança; invadiriam o quarto, antes mesmo que elle expirasse...

E se a bala lhe não atravessasse o coração? teria uma agonia longa e horrivel... Condemnou tambem a arma de fogo. Restava-lhe escolher uma arma branca: o punhal, a navalha, ah... o bisturi! Deceparia a carotida esquerda, ou as duas, num golpe semi-circular, profundo, seguro... O bisturi, sim; delicado, discreto, silencioso e, no emtanto, implacavel, levando a morte, branca e fria, na lamina... Era ao seu bisturi, com o qual tantas dores adormecera com uma só, tantos padecimentos mitigara, tantas vidas salvara; era ao seu bisturi que pediria dentro em horas o resgate dos seus erros, a libertação do seu inferno, a suprema dadiva do eterno somno.

Escolhida a arma definitivamente, só lhe restava voltar ao hotel e executar-se.

Mas a tarde cahia; as ruas esvasiavam-se; nas portas das lojas sombrias os empregados passeiavam palitando os dentes, ou fumavam, encostados aos humbraes; algumas carruagens corriam em demanda de palacetes nos arredores; um ventosinho fresco picava a pelle; a temperatura arrefecia e uma cinza fina chovia subtilmente, do alto céu silencioso, de momento a momento mais fundo e mais sombrio, cobrindo as cousas de melancolia, enchendo as almas de uma saudade vaga, nostalgica, afflictiva como um adeus sem esperança.

E Paulino sentio de repente um aperto no coração, um nó na garganta... Uma consternação entrou com elle, devastada, solitaria, desesperante como um deserto desconhecido e intermino... Teve vontade de chorar, alli, em soluços, em gritos, correndo pelas ruas, com as mãos espalmadas para o alto, clamando a sua desgraça, a sua miseria, o fim e o nada do seu *eu*. E essa vontade foi tão imperiosa que, para não succumbir-lhe, voltou logo para o hotel.

Julião e Oliva haviam-no procurado e promettido voltar. Avisou ao porteiro que os não receberia, como a ninguem mais.

Encerrou-se no quarto, fechou a janella, embora ainda houvesse um resto de dia, e accendeu o gaz. Aquelle crepusculo fazia-lhe um mal terrivel... aquelle occaso, que era o de sua vida tambem, tornava-lhe penosissima a idéia da morte.

Mas não poude mais... Atirou-se sobre a cama de bruços e, mergulhando a cabeça nas almofadas, chorou copiosamente, com raiva, com dó, com desespero, convulsionado por um sentimento estranho, complexo, desconhecido, de incomportavel crueza. De repente ouvio bater á porta...

Ergueu-se, enxugou os olhos, compoz o semblante, e abrio. Era *Alfréd*, que vinha ás ordens. Perplexo, mal reposto do abalo nervoso d'aquella crise, não sabia o medico que lhe dissesse. Disse-lhe, por fim, que se achava indisposto, que lhe fosse buscar uma garrafa de vinho do Porto e um calice; e, cumprida aquella ordem, deu-lhe mais esta: que só lhe apparecesse na manhã seguinte ás sete horas.

Estava novamente só. Ainda bem! Bebeu de um trago um calice de vinho; accendeu um charuto e entrou a passear em toda a extensão

do quarto, esforçando-se por assenhorear-se novamente de si proprio.

Então, que covardia era aquella? Fôra a suggestão do crepusculo... Mas passara. Que horas eram? Sete horas. Matar-se-ia á meia-noite, á hora legendaria dos mysterios, dos crimes e... dos amores. Dos amores! Como foram curtos e desgraçados os seus!

Tirou do bolso uma photographia de Corina; mas, como viessem com ella alguns papeis, lembrou-se que devia fazer uma limpeza em toda a sua papellada. Metteu logo mãos á obra: rasgou rapidamente documentos extinctos e cartas sem importancia; apartou as de valor e destruio em pequeninos fragmentos as que lhe pareceram compromettedoras.

Só restava o retrato de Corina; poz-lhe as mãos para rasgal-o, mas deteve-se: queria contemplal-o até aos derradeiros instantes de sua vida. Que linda era! Como o fizera feliz aquelle corpo maravilhoso de nympha!... Mas só o corpo, que a alma era a das borboletas. Não o amara aquella mulher; não o amara. Nunca havia amado nem amaria nunca. Era uma leviana, uma frivola, uma *coquette*. Afinal, não

era d'ella a culpa. Fôra o seu temperamento e fôra a sua educação que a fizeram assim.

Ah! se ella o houvesse amado, tel-o-ia acompanhado, arrostando, com elle e como elle, bravamente, a justa colera do esposo, os ridiculos e as grosserias do escandalo, as exprobrações hypocritas da sociedade e as maldições emphaticas da moral publica... Se o amasse, não pensaria no marido, na sociedade, na moral, no escandalo, no que diria Fulano e Sicrano: só pensaria nelle, entregar-se-ia nas suas mãos, dando-lhe o seu coração e a sua vida.

E então elle não seria obrigado pelo respeito de sua propria honra a matar-se, porque poderia bradar a Fernando: « E' a mim que ella ama, e por isso te deixa para acompanhar-me. E eu adoro-a! Fere-me, mata-me, se te apraz; mas fica sabendo que não conseguirás, arrancando-me a vida, arrancar a minha imagem do seu coração! » E se elle o ferisse, como lhe seria doce e gloriosa a morte! Oh! sonho irrealisado!

De repente, como se aquella idéia o allucinasse, sacou do bolso o estojo cirurgico, escolheu d'entre os ferros um bisturi de cabo

de tartaruga, abrio-lhe a lamina espelhenta, fixou-a, puxando um pequenino botão, e examinou-a attentamente, experimentando-a na palma da mão: depois descançou-o ao lado da photographia. Metteu o estojo novamente no bolso; depoz o relogio e a corrente sobre a mesa, despio e pendurou o collete e o paletó, tirou o collarinho e os punhos, e d'estes os botões de ouro, reunio todo o dinheiro num maço, que embrulhou em uma folha de papel, sobre a qual inscreveu a quantia e, tudo isso feito, consultou o relogio: eram onze e meia. A sua calma enchia-o de espanto, assustava-o.

No quarto contiguo acabava de entrar o respectivo hospede, cantarolando alegremente a aria famosa da *Carmen*:

L'amour est enfant de bohème.
Il n'a jamais connu de loi;
Si tu ne m'aimes pas, je t'aime,
Et si je t'aime, prends garde à toi!

— Como é feliz este bruto! Não ama, de certo; ou ama e é amado; murmurou raivosamente Paulino. Estará tudo prompto? pensou, em seguida.

Lembrou-se de deixar uma declaração escripta pára arredar suspeitas e evitar accusações injustas. Tomou de uma folha de papel e escreveu em carácteres graúdos e firmes:

«Mato-me por tédio e nojo da vida, mas considerando-me perfeitamente integro do cerebro. Deixo sobre esta mesa dinheiro e joias e neste quarto malas e objectos de meu uso. A tudo isso determino destino claro e preciso no testamento que fiz hoje approvar pelo tabellião Silva Junior e está ao lado d'este papel. Meu ultimo pensamento é para minha irmã, meu irmão e meu amigo Fernando Gomes.»

Em seguida datou e assignou.

. . . . . .

Il n'a jamais connu de loi...

garganteava a meia voz o visinho, atirando os botins ao chão. Um sino bateu os tres quartos de hora. «Tenho quinze minutos de vida!» exclamou Paulino, com os olhos muito abertos para o relogio. Sentou-se á mesa, fincou sobre ella os cotovelos e entrou a contemplar o retrato de Corina. «Amo-te, amo-te, amo-te! Lembras-te, ingrata, de que foram estas as unicas palavras que pude pronunciar naquella noite

terrivel do teu triumpho de *coquette* e da minha desgraça de homem honrado? E era a verdade! Amava-te como um louco! e é como louco que te amo ainda; sabes? Como és linda! que olhos os teus, Corina! Oh! não me sorrias assim, neste momento supremo, que me fazes perder a coragem, que me tornas um miseravel! Não me tentes, Corina, com esses olhos, com esses labios, com esse seio de deusa... porque fugirei do dever para o amor e irei viver indignamente, na traição e na hypocrisia, arrastando-me a teus pés. Minha Corina! meu amor! meu amor! meu amor!» e beijava a effigie adorada soffregamente, com beijos de fogo, que não cessavam.

Mas, fóra, no silencio vasto da noite, uma pancada metallica de sino resoou sinistramente; era a primeira badalada da meia noite. Paulino ergueu-se como impellido por uma mola electrica. Meia noite!

A morte! Deu um ultimo beijo no retrato, rasgou-o em pedacinhos que atirou á rua, entreabrindo uma janella, e empunhou o bisturi.

Nesse momento o seu cerebro illuminou-se completamente e nessa immensa luz subitanea, todo o passado do infeliz foi-se desdobrando e

discorrendo rapidamente. Revio-se pequenino, na provincia, no campo, brincando com os poldros e os novilhos, e no collegio depois, e mais tarde na academia. *Duas*... A voz do pae, os sorrisos da mãe, as feições dos irmãos, um aspecto material, uma arvore, uma casa, um animal, que representaram papel importante na sua meninice, os mais remotos factos, os episodios mais insignificantes, vinham-lhe á memoria, nitidos, perfeitos, flagrantes; tudo resurgio, reviveu, passou... *Tres*...

Emquanto o cerebro trabalhava d'esse modo, devorando-se no incendio das proprias cellulas, o suicida procurava com os olhos o ponto do quarto em que devia matar-se; achou o espelho do toucador; foi a elle; mas a luz do gaz mal o alluminava; accendeu a vela, depol-a sobre o marmore, abrio a camisa: o collo não ficava bem descoberto, depoz a arma, despio rapidamente a camisa, que atirou para o meio do aposento. *Quatro*... *Cinco*... Empunhou de novo o bisturi, approximou-se do espelho, fez menção de dar o golpe para verificar se a reflexão inversa da imagem não o levaria a erral-o. E, em meio do trabalho estupendo de revivescencia do

cerebro, e dos actos materiaes que ia praticando, o infeliz ia contando tambem as badaladas do sino: *Seis*, *Sete*, *Oito*... e ouvia o visinho trautear ainda a canção da *Carmen* :

. . . . . .

Si tu ne m'aimes pas, je t'aime...

e o ruido que elle fazia vertendo agua no vaso.

As arterias batiam-lhe violentamente, produzindo-lhe uma dor surda nas temporas: o coração martellava-lhe na garganta... *Nove*, *Dez*... Fitou os olhos arregalados sobre o vidro do espelho, achou-se horrivel, desconheceu-se. Ergueu o braço direito com o bisturi prompto, com a mão esquerda apalpou e marcou a carotida para o golpe... *Onze*, o braço fez o movimento, a lamina assentou no ponto que o pollegar esquerdo marcava... *Doze!* Um jorro de sangue, em repuxo impetuoso e alto, esguichou, cobrio o espelho, salpicou tudo em volta do lavatorio; os braços do suicida ergueram-se no ar, num gesto vago de quem se afoga, o bisturi tombou sobre o marmore. O corpo, um momento vacillante, descreveu um movimento rotatorio para a esquerda, com a cabeça tombada sobre a espadua direita, meio desprendida

do tronco; depois, cahio pesadamente no chão, abafando o ruido da queda sobre o tapete que o forrava, e ficou estendido a fio comprido.

Nesse movimento o jorro de sangue, que apenas não era já tão alto, tingia em torno o papel da parede, as roupas do cabide, os moveis, tudo, e, depois de cahido o corpo, foi escorrendo pelo soalho, num fio colleante, passou para o corredor por baixo da porta, como um regato rubro, quente, fumegante.

. . . . . .

L'amour est enfant de bohème...

trauteava ainda o hospede alegre do quarto contiguo; mas já muito indistinctamente, entre bocejos. E, meio minuto depois, a cama rangeu e estalou com o peso do seu corpo accommodando-se para dormir.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

I

O BARÃO DE SANTA LUCIA

São decorridos quatro annos e meio. Nesse curto periodo, instante imperceptivel na vastidão infinita do Tempo, quantos acontecimentos, quantas mudanças, quantas alterações nos homens!

Mas para que se possam perceber e julgar não se deve olhar a collectividade, observar

a multidão, porque esta não muda: apresenta sempre o mesmo aspecto de movimento e variedade; sua vida é uniforme e, se alguma alteração se póde notar, é que a massa é ainda mais numerosa e mais activa que d'antes. Os que desappareceram — desappareceram definitivamente: nenhum vestigio, nenhum leve signal os faz lembrados.

O homem morre; a sociedade fica e vae por deante — compacta, agitada pelas paixões, tangida pelo interesse, precipitada por uma forte vontade ignota para um destino obscuro e attrahente como uma formidavel montanha de iman encoberta num véu de névoas. Mas se tomamos á parte uma familia, então, verificamos como influiram sobre ella, modificando-a, transformando-a, esses quatro ou cinco annos.

Uns morreram, nasceram outros; os rapazes fizeram-se homens; as meninas cresceram, casaram, tornaram-se mães; a uns afastou para mais longe a necessidade de ganhar o pão; a outros abasteceu o acaso ou a prevaricação; a estes a enfermidade inutilisou na ankilose ou na imbecilidade;

áquelles perdeu a ambição, a colera ou a sensualidade, levando-os ao roubo, ao adulterio, ao assassinato, ao suicidio.

Quanto vão movimento! Que agitação esteril! Nesta colossal partida de xadrez do homem com a Morte, é esta sempre quem ganha a *negra* e sem dar a desforra.

Na conta monstruosa da vida, em que os algarismos são escriptos com lagrimas, e por isso desapparecem, ou com a tinta rubra do sangue ou com a tinta negra do luto, o algarismo vencedor, que a todos devora, é o zero... Que importa isso, porém? Emquanto se vive, forçoso é... viver; e viver é essa agitação, esse tumultuar, esse soffrer, esse illudir-se, esse aspirar, esse morrer de todos os minutos...

Nos quatro annos e meio que passaram desde o suicidio de Paulino, profundamente mudou a existencia dos personagens d'esta singela historia — singela como a verdade e a desgraça.

A viuva Prestes morreu dois annos e tanto depois, em seguida a uma terrivel operação. Apurado o seu espolio, Corina, na qualidade

de sua herdeira universal, apenas recebeu as joias, que eram valiosas, e a casa em que morava a madrinha. Tudo o mais foi absorvido pelos credores. Só os tres medicos que operaram a infeliz apresentaram uma conta de doze contos de réis, que foi paga.

O inoffensivo Castrioto deperece de dia para dia, minado por uma affecção gastro-intestinal, que os medicos não podem vencer e em cujo diagnostico dois, ao menos, não conseguem combinar.

Fernando Gomes, a quem o desgosto de perder o seu amigo d'aquelle modo tragico, encannecera quasi completamente, não parece mais o mesmo homem feliz que o leitor conheceu; além dos cabellos brancos e das rugas precoces, tem um ar sombrio e dolorido, que lhe é impresso á physionomia pela tristeza do olhar e por uma prega ironica dos labios, raramente abertos em riso franco.

Um mal nunca vem só; affirma a experiente sabedoria do povo, e com razão.

A morte de Paulino fôra, por assim dizer, o signal da chegada do Infortunio para o seu amigo. Desde esse dia a roda da sua fortuna

começou de desandar rapidamente: nunca mais fez um bom negocio; as melhores combinações falhavam-lhe; teve complicações graves com alguns committentes, nas quaes a sua boa fé e a facilidade geral de então em tratar negocios o comprometteram bastante; realisou, por conta propria, operações desastradas, e, por fim, tendo jogado a ultima cartada, embarcado os ultimos capitaes num grande *report* da Companhia Geral de Estradas de Ferro — a famosa *Geral* sem mais nada — foi, como milhares de outros, victimado pelo *crak* formidando; passou de quasi millionario a quasi pobre, apenas lhe restando, de solido, algumas acções do Banco dos Estados Unidos do Brazil e a sua bella chacara da Tijuca.

Começou a *débâcle*. O que primeiro passou foram os carros e os cavallos; depois despedio-se a criadagem e empenharam-se joias; seguio-se a hypotheca da chacara e uma segunda sobre os remanescentes da primeira. Depois mudou-se Fernando para um chaló modesto, na rua do Bispo, para aproveitar-se do aluguel da chacara. Esta passou, por fim, para outras mãos, vendida em praça para

pagamento dos credores hypothecarios. E Fernando, lentamente acanalhado pelos revezes e pelas más companhias que estes geralmente trazem, pois elle não ousava mais frequentar, em condições tão inferiores ás de outr'ora, a antiga roda de magnatas da politica e das finanças, não sabendo de que modo satisfazer ás exigencias de conforto e de luxo de sua mulher, não podendo mais simular, como fizera por tanto tempo, uma certa abastança, pois estava crivado de dividas e o credito esgotara-se completamente, Fernando vivia agora principalmente do jogo. O que conseguia ganhar na praça em corretagens, arriscava-o á noite sobre o tapete verde da roleta e do dado ou á mesa do *poker*. Perdia o mais das vezes. Mas como se tornara frequentador assiduo das casas e clubs de jogo, adquirira credito entre os jogadores, e já não sentia grandes apertos de dinheiro.

Vamos encontral-o agora associado, com o seu inseparavel amigo Viriato de Andrade, em um d'esses clubs, na rua Visconde do Rio Branco.

Nesse estabelecimento, perfeitamente montado para o seu mistér, e habilmente disfarçado

em club recreativo, entra o marido de Corina ás tres ou quatro horas da tarde para sómente sahir na madrugada seguinte.

As poucas horas que passa em casa, passa-as quasi todas dormindo. Levanta-se geralmente ás dez da manhã e sae á uma da tarde. Só tem para conversar com a esposa a duração do almoço, ou pouco mais. E é a essa migalha de tempo que está ha dois annos reduzida a convivencia d'esse casal.

Corina, que podia ter-se salvado se não perdesse o filhinho, que déra á luz alguns mezes depois da morte de Paulino,— o que foi novo e durissimo golpe para Fernando, — Corina habituara-se áquella nova existencia e com ella se accommodara sem pezar nem constrangimento.

Aquillo era a liberdade quasi completa. O marido, ausente toda a noite e metade do dia, tornara-se para ella quasi um estranho, com quem apenas contava para a manutenção da casa e satisfação dos seus caprichos. Essa liberdade era-lhe garantida pelo facto de só ter como criados a velha e fidelissima Mauricia, que não trahiria sua filha de criação nem sobre uma

fogueira, e um chacareiro velho e bronco, que dormia numa casinhola ao fundo do quintal.

Após o suicidio do primeiro amante tivera mais dois, o primeiro dos quaes fôra o elegante e pertinaz barão de Santa Lucia, — esse homem excepcional que tinha e praticava a rara e preciosa virtude de « saber esperar, » e que mais uma vez vira confirmada a sabedoria da sua maxima e divisa: «Acontece sempre o que se quer com firmeza e se espera com paciencia. »

A impressão causada em Corina pela morte sinistra e consternadora do seu amante fôra profunda, extraordinaria, de modo a parecer que seria egualmente duradoura; e foi tão forte que se o marido amasse menos Paulino e pudesse distrahir a sua dor observando a alheia, teria provavelmente estranhado fosse tão violento o effeito dessa desgraça sobre Corina. Mas, passadas duas ou tres semanas, uma singular transformação se operou nas idéias e nos sentimentos d'esta a respeito do seu primeiro e infortunado amante. Entrou a convencer-se de que se elle a amasse realmente não se teria matado; que não foi ella a causadora d'aquelle infortunio, mas sim a esquisitice do genio de

Paulino, que sempre tivera idéias extravagantes, fóra do commum, absurdas mesmo. Se elle a amasse devéras, como lhe dissera e jurara tantas vezes, em vez de deixal-a e estourar os miolos, teria ficado junto d'ella, para vel-a, ouvil-a, beijal-a, tel-a sempre perto de seu coração.

Proviera-lhe essa ordem de pensamentos da observação que fez, alguns dias depois do facto, que Paulino não deixara nenhuma prova de que houvesse pensado nella nas ultimas horas de sua vida — nem uma lembrança, nem uma palavra!

Não tinha elle escripto na sua declaração derradeira, momentos antes de matar-se: « Meu ultimo pensamento é para minha irmã, meu irmão e meu amigo Fernando Gomes? » Porque não para ella tambem? Que tinha que o dissesse? Excluio-a; esquecêra-a...

E' tão complexo e tão subtil o amor proprio feminino! A mulher por quem um homem se mata sentirá a sua morte tanto mais profundamente quanto mais convencida estiver de que foi realmente por amal-a que o infeliz se matou; não por que sinta remorsos ou sinceramente lamente a perda de um coração que lhe era tão

dedicado; mas porque aquelle suicidio era a homenagem mais elevada, mais preciosa, a ultima que elle poderia prestar á sua belleza, á sua graça, aos seus encantos. E a dor que ella sente não é mais que a gratidão da sua vaidade. E essa mulher chora, consterna-se, desfallece de magua... convencida de que amava aquelle homem mais do que o julgava ou não sabendo que o amava. Passem os dias, e com elles as lagrimas e o dó... e essa mulher não se lembrará sem um intimo goso finissimo que houve um homem que se suicidou por amal-a, por não poder possuil-a, por julgar-se desprezado por ella. A uma — é verdade que actriz — já ouvi gabar-se, — oh, sim: gabar-se! — de ter sido a causa de tres suicidios!

Corina, despeitada com o morto por haver partido de junto d'ella, primeiro, e do mundo, em seguida, sem lhe deixar uma palavra escripta, uma lembrança, um adeus, uma prova de que ella occupava o seu pensamento nos ultimos momentos de sua vida, começou de descrer que houvesse sido ella a causa do suicidio até convencer-se de que a verdadeira causa fôra desarranjo mental de Paulino, que sempre

ra tido na conta de esquisitão, de typo sin-
ular. Essa opinião tambem era a do marido,
ue lh'a suggestionara em parte; o qual não
odia ter outra, não encontrando para um acto
o imprevisto e desarrazoado outra explicação
não a loucura.

Accresce que *Santinha* tambem dizia pensar
'esse modo, embora a principio mostrasse acre-
itar que fôra o amor do medico pela amiga a
ausa do suicidio. A verdade é que ella o acre-
itou sempre; mas, desejosa de distrahil-a, de
el-a novamente alegre, gosando a vida ampla-
nente, plenamente, fez sua a opinião de Fer-
ando.

Tres mezes depois do triste acontecimento,
enhum vestigio d'elle se encontrava na physio-
omia, nos gestos ou no vestuario de Corina:
estituira-se á ruidosa vida dos concertos, es-
ectaculos e bailes — aos quaes nunca mais a
companhou o esposo, completamente succum-
ido á sua irremediavel dôr.

Nos salões reencontrou Corina o seu fiel e
paciente adorador barão de Santa Lucia, que
eve a prudencia e a discreção de não se referir
os factos que se passaram no largo intervallo

havido nas suas relações mundanas, senão de um modo tão leve e tão habil, que bastasse a significar á moça que ella melhor houvera feito em acceitar a côrte constante e timida e o amor resignado que lhe elle offerecia de tão longa data, que em preferir-lhe Paulino.

Santinha, o seu anjo máu, impellia-a para os braços do barão com a mesma risonha e calma inconsciencia com que a impellira aos braços do medico. Depois Fernando, apanhado em cheio na vida infernal dos ricos que se debatem para salvar-se na corrente do *crak*, cada vez se desapegava mais d'ella, quasi não a acarinhava, mal lhe falava e raro lhe sorria... E o facto consummou-se: Corina entregou-se ao barão.

Fidalgo de maneiras como de sentimentos, dourou-lhe e enfeitou-lhe tanto quanto poude as vilezas do adulterio, evitando a frequentação da casa de Corina e as relações com o marido e dando encanto e distincção ao ninho em que occultavam os seus amores e que elle preparara em uma casinha de sua propriedade, occulta nos folhedos e ramagens de um jardim, numa rua nova de arrabalde calmo. Sómente neste retiro

perfumoso e elegante consentia o barão em estar com a amante. Recusou sempre ir vel-a em casa, á noite, embora ella lhe garantisse não correria nenhum risco por o marido só recolher sobre a madrugada todos os dias. Evitava mesmo encontral-a na sociedade.

Era um homem extremamente cauteloso e prudente, medroso mesmo, arreceiando-se de tudo, tudo previnindo, nada confiando ao acaso. O fundo de seu caracter era formado de calma e ponderação. Methodico por indole e habito, tinha a vida pautada como uma pagina de musica. Registrava os minimos actos da existencia e as mais insignificantes despezas. Era um espirito de septuagenario num corpo de trinta annos. Muito alto, muito magro, o olhar sereno, meio velado de melancolia, bigode escasso e negro, accentuando a palidez do rosto sem barba, de maçãs salientes, fronte escampa, coroada de cabellos pretos, lisos e longos, de que vinham alguns cahir sobre ella com um ar triste de ramos de salgueiro. Falava pouco, em murmurio, com uma voz melodiosa, e uma precisão notavel de locução ; cada palavra tinha um papel distincto na

phrase e era insubstituivel. Só dizia o que queria, quando queria e como queria.

Orphão, rico, independente, desambicioso, partindo em largas viagens á Europa, á Asia, á America, quando o tedio o empolgava, fôra sempre levado pelo seu egoismo, delicado na fórma e feroz no fundo, a repugnar o casamento, — esse « egoismo a dois » sem a felicidade de nenhum — e, por isso, resistindo a verdadeiros assedios de familias que sonhavam attrahil-o a seu seio e a senhoritas das mais lindas e das mais prendadas do nosso *hig-life*, conservara-se o barão obstinadamente solteiro.

Desde a primeira vez que vio Corina sentio-se vivamente impressionado ; da terceira desejava-a ardentemente. Acompanhou-a desde então atravez de todas as festas, publicas e particulares, fazendo-lhe uma côrte assidua, mas tão respeitosa que Fernando, tendo-a percebido e vigiado de perto, nada poude fazer para acabar com ella, receioso de parecer ridiculo. Desde o baile de recepção de Paulino, presentio e antevio o barão o que ia acontecer entre este e a sua amada e recolheu-se á sombra, não desejando estabelecer uma competencia

e uma luta que lhe repugnavam ao caracter; poz-se de lado, arredado mas vigilante. Acompanhou assim aquelle idyllio que tão tragicamente devia findar. Quando vio a formosa estouvada voltar á frequentação do mundo elegante, sem vestigios visiveis de commoção ou tristeza e desacompanhada do marido, julgou chegado o momento de dar a batalha decisiva e recomeçou a sua interrompida côrte com dobrado ardor, quasi certo da victoria. Não se illudia nos seus desejos e nos seus planos.

Durou anno e meio esse amor culpado, embora parecesse dever eternisar-se. Esses amores acabam sempre por não terem por base a amisade e o respeito, e acabam dissolvendo-se em odio e rancor. Os Amores, filhos do consorcio do Desejo com a Illusão, vivem, como as phalenas, a vida ephemera dos paes. O que primeiro morre é o Desejo; a Illusão pouco lhe sobrevive, e ante os dois cadaveres brancos e frios, amortalhados em rosa murchas e em lyrios fanados, os pobres Amores arrastam-se ainda algum tempo e expiram, por fim, para resuscitar e reviver na saudade.

Mas o que precipitou o desfecho d'essa ligação, já de si tão fragil, foi o genio de Lucio— era este o nome de baptismo do barão, cuja mãe era Lucia — genio que ninguem poderia suspeitar sob aquella apparencia imperturbavel de serenidade e doçura.

Lucio, como todos os egoistas do seu quilate, era excessivamente zeloso.

O ciume assumia naquella alma solitaria e sceptica o estado intoleravel de uma dor fulgurante mas não intermittente ; e o que o desgraçado soffria era horrivel. A principio contivera-se, reprimira, occultara o seu mal, o demonio que lhe roia o coração ; mas pouco a pouco elle foi surgindo aos olhos de Corina em toda a sua hediondez.

Ao fim de alguns mezes era um inferno á vida dos dois. Lucio offendia-a e conspurcava-a com as suspeitas mais torpes e mais inverosimeis. Obrigava-a a dar-lhe conta de todos os seus actos; e ella nenhum podia occultar-lhe, porque sabia que elle a seguia de longe espiando-lh'os e informando-se habilmente de todos os seus passos por meios indirectos, com os amigos d'elle e as amigas d'ella; e no mais

innocente encontrava motivo para fazer-lhe uma scena dolorosa ou violenta, em que se martyrisava martyrisando-a, scenas que estragavam todos os seus transportes de desejo, toda a sua convivencia de amantes.

A's vezes nem se beijavam. As duas ou tres horas da entrevista eram gastas em recriminações, em disputas, accusações injuriosas de um lado, defesa desesperada do outro, soluços, suspiros, risos de ironia, gritos de revolta... A's vezes elle reagia contra si mesmo, contra aquella anomalia fatal do seu espirito, e, por um esforço violento, recalcava as suspeitas, as queixas, as recriminações, e humilhava-se, rojava-se supplicante aos pés de Corina, beijava-os, lambia-os quasi, como um rafeiro batido. Nesses dias eram deliciosas aquellas horas de peccado e mysterio. Elle recuperava a sua doçura, ella a sua alegria. Mas era contar certo com um recrudescimento de ciume na proxima entrevista.

Uma vida intoleravel, para ambos. Quem primeiro cançou e começou de rebellar-se contra ella foi Corina, que não podia comprehender com que direito aquelle homem, que era

apenas seu amante, a magoava e offendia com seus ciumes injustos e brutaes, quando seu marido, que era seu marido e não um simples amante, depositava nella a maior confiança, não suspeitando d'ella em caso nenhum. Era de mais ! Quiz romper com o amante, brusca e definitivamente, mas teve medo. Sabia-o um cavalheiro, incapaz de uma villania, de uma traição. Mas a paixão céga e enlouquece os mais sensatos, torna grosseiros e máus os mais delicados e bondosos. Resolveu, ainda por conselhos de *Santinha*, ir acabando com aquillo devagar, insensivelmente, espaçando as entrevistas, faltando a algumas, deixando de defender-se das accusações e das suspeitas renascentes do barão. Este, para o fim, já se ia tornando insupportavel ; já não podia vel-o sem sentir-se irritadiça, nervosa, aggressiva. Os seus afagos deixavam-na fria, as suas habituaes ciumadas enervavam-na como picadas de alfinete continuadas, impertinentes, em varios pontos do corpo.

Depois, um novo capricho lhe nascera no espirito ocioso e doente, um novo desejo lhe perturbara o coração despudorado.

Corina conhecera, por ter-lhe sido apresentado em um saráu, um bello e guapo sujeito, portuguez de nascimento, mas ha alguns annos residente no Brasil, e que se dizia guarda-livros de uma casa commercial importante. Chamava-se Hugo da Silva Rosa. Robusto, espadaúdo, peitoraes amplos, cabeça forte, cara larga, tez morena, faces gordas e coradas, bigodes cheios, de fios pretos e crespos; um soberbo exemplar de meridional. E depois que labias, que maneiras, que tagatés e delicadezas para com as damas! Tinha fumaças litterarias e não se fazia rogar para recitar ao piano, anediando a cabelleira trovadoresca, uns horrores rimados e melluriosos, que dava por de lavra propria e que produziam um effeito seguro sobre o auditorio feminino. A voz redonda, cheia, velludosa, tinha modulações de infinita doçura, que o olhar quebrado, de ovelha morta, accentuava de modo irresistivel.

Era a coqueluche das salas o guarda-livros poeta, o bello Hugo da Rosa, — como elle assignava, — abreviando. A fama das suas aventuras amorosas tornava-o muito interessante e curioso para as senhoras de todas as edades,

mas principalmente para as solteiras jovens, as viuvas sensuaes e as casadas romanticas: as primeiras viam nelle um marido bonito, muito apresentavel; as segundas, senão um substituto valente ao seu defunto esposo, um homem capaz de consolal-as da sua perda; e as terceiras um amante ideal, formoso como Romeu, scismarento como Hamleto, heroico como Orlando.

Vestia-se a rigor, mas com um gosto commum, *rastáquouère*, — gravatas flammejantes, collarinhos inverosimeis no talho e nas dimensões, *vestons* pretenciosos, bengalas formidaveis, ramalhetes grandes como repolhos, na botoeira. Ha mulheres que morrem de amores por essa especie de homens, que para ellas reunem as qualidades mais preciosas — força, audacia e brilhantismo.

Hugo da Rosa era o typo commum e despresivel do *bellâtre*, do Adonis pelintra, todo roupas e joias, mas vasio de cerebro e de coração. Geralmente a mulher pouco se importa com os dotes relativos a esses dois principaes orgãos da vida — sobretudo ao primeiro.

Corina sentio-se influenciada tambem por elle, e, dominada pelo seu prestigio poderoso,

não teve forças para resistir á côrte que elle apressou-se em fazer-lhe, desejoso de juntal-a á sua já bem fornida collecção de amantes, classe « burguezas finas ». E o miseravel tão habilmente lhe preparou a queda, que Corina não poude evital-a antes de romper com o barão, de modo que teve dois amantes simultaneos, enganando um com o outro e o marido com ambos.

Mas Lucio soube sem demora d'essa inconcebivel baixeza da amante e devia ter soffrido horrivelmente d'esse golpe no que elle tinha de mais delicado que o seu proprio amor — no seu amor proprio, a julgar pela vingança que contra ella tomou, elle tão delicado e tão timido...

No primeiro encontro com o barão a que foi Corina depois de ser amante do guarda-livros, e a que não quiz faltar para evitar suspeitas da parte de Lucio, não foi este quem a recebeu, á porta, como costumava, mas a velha criada franceza que tomava conta do chalésinho. Perguntou por Lucio; a criada informou que o Sr. barão estava no *boudoir* e lhe pedia o favor de lá ir. Corina entrou, abrindo as cortinas de *guipure* que o separavam da sala e estacou,

apenas transpoz a porta, perplexa, immovel, reduzida a estatua.

No elegante *boudoir*, formado no quarto de dormir por um lindo biombo chinez, que occultava a cama, dividindo-o em dois, estava o barão sentado numa cadeira, a cavalleiro, com os braços cruzados sobre o espaldar, serio, pallido, vestido de preto, conversando ou fingindo-o, com uma mulher deitada, em frente d'elle, sobre uma *chaise-longue*, estofada de damasco. Era *Madelon*. Vestia apenas uma camiseta de seda côr de ouro velho, de cuja fimbria sahiam as pernas, modeladas em meias pretas, e fumava uma cigarrilha negligentemente.

A surpreza das duas mulheres, encontrando-se, foi enorme. Corina empallideceu mortalmente e cerrou as palpebras; a francezinha ergueu-se confusa, interrogando o barão com os olhos espantados. Mas o barão, sem se perturbar nem levantar-se, disse com um tom de ironica cerimonia, apresentando-as:

—*Mademoiselle Madeleine* ou *Madelon*, como é mais conhecida — estrella do nosso *demi-monde*, minha amante; *Madame* Hugo da Rosa,

estrella do nosso *grand-monde*, minha ex-amante.

Corina sentio vergarem-se-lhe as pernas ante a affronta inesperada e crudelissima; uma nuvem cobrio-lhe de sombras a vista; agarrou-se ao portal. Mas a necessidade de fugir d'aquelle recinto era tão imperiosa que conseguio, dominando a sua commoção, sahir do *boudoir*, buscando, vacillante, atordoada, a porta da rua, atravez da sala. Mas o barão estava a seu lado, acompanhando-a, e dizia-lhe com um tom de voz estranho, cavernoso, assustador:

— O doutor Paulino, o seu primeiro amante, substituio aquella *cocotte* pela senhora; eu faço o contrario: substituo-a por aquella *cocotte*. Passe bem.

E abrio a porta envidraçada que communicava a sala com o jardim. Corina sahio sem uma palavra, sem um gesto, lenta, hirta, como uma somnambula.

Tres dias depois partia o barão de Santa Lucia para a Europa, sem deixar um cartão de despedida a ninguem.

II

UM MISERAVEL

Fernando era decididamente um homem perdido para a familia e para a sociedade. Fizera do jogo profissão: d'elle, por elle e para elle vivia. Deixara inteiramente de frequentar os amigos: não fazia uma visita ; não acompanhava a esposa a um divertimento ; não lia um livro ; não sabia dos acontecimentos politicos que agitavam a opinião senão pelos boatos ou commentarios que lia ao acaso num jornal ou ouvia á mesa do jantar, no club.

Só passava em casa os domingos e dias feriados, e bem aborridamente, valha a verdade. Faltava-lhe o seu meio quotidiano, vario,

agitado, picante de vicio. A propria companhia da mulher, sempre formosa, e que elle amava como d'antes, entediava-o tambem. Enchia essas tardes mórnas e longas, dando com ella estirados passeios pelo seu arrabalde, em roupas leves, boné e bengalinha, ou charutando entre bocejos mal contidos, estendido numa espreguiçadeira de vime das Ilhas, no jardim, emquanto a mulher dedilhava melancolicamente no seu Pleyel.

Quando o casal Viriato vinha jantar, o que era frequente, passavam mais agradavelmente esses dias de inutil descanço. Os dois casaes jogavam o *poker* renhidamente antes do jantar e á noite até as onze ou doze horas.

Foi num d'esses dias que Hugo da Rosa, que já era amante de Corina desde tres mezes, visitando-a quasi todas as noites, se introduzio *officialmente* no *ménage*. Fernando já o conhecia do club, que elle frequentava ultimamente com bastante assiduidade. O Lovelace era cauteloso: antes de ir occupar o logar de Fernando no leito conjugal ia verificar se elle passaria a noite fóra de casa. Fizera-se seu intimo ao ponto de atuarem-se; levava-o a patuscadas, apresentava-o a *cocottes*.

Tivera Hugo a engenhosa idéia de fazel-o *embeiçar-se*—para falar a gyria d'esses senhores — por uma actriz de opereta, pequenina e nariguda, mas petulante, viva, bem feitinha: a Bianchini. Está claro que havia sido amante de Hugo, que o era ainda um pouco, porque esses homens não rompem nunca com as suas amantes; gosam-as, exploram-as, maltratam-as, abandonam-as: mas, se novamente se encontram, é como se nada houvesse occorrido: ellas recebem-os de novo na sua alcova, á sua mesa, senão com alegria, muitas vezes sem desagrado. A'quelle succedia isso frequentemente. Estava na rua do Ouvidor, no seu gruposinho bem conhecido, porta do Cailtau ou do *Braço de Ouro*, quando passava uma das suas antigas victimas...

— Olhem a *Rita Mineira*! Bravos! Mas está ainda bem boa!

E ia logo abordal-a; e era certo passar com ella a noite. E' que ellas sabem o que elles valem; que quando estão a *tinir* elles têm sempre um amigo apatacado para apresentar-lhes, ou um expediente seguro a aconselhar.

A actrizita, italiana de origem, apezar do muito que d'elle soffrera, durante o seu curto *collage*,

não conseguira odial-o e, quando o capricho, mordendo-o, o levava de novo para ella, não lhe vedava a porta de casa, se o amante fixo não estava, é claro, porque o Lopes, o comico mais desengraçado dos dois hemispherios, não era para graças e tinha a mão pesada.

Hugo levou uma noite Fernando aos bastidores do *Lucinda* e apresentou-o á Bianchini, a quem Fernando enviava ha uns dez dias, em todos os espectaculos, como preparativo, um bello ramo de violetas, acompanhado do seu cartão de visita—o que já havia rendido á pobre rapariga meia duzia de bofetadas do seu Lopes terrivel. Bianchini, já preparada tambem por Hugo, acolheu-o animadoramente; mas foi-lhe logo dizendo — antes que o seu homem viesse da scena, onde fazia rir a estalar a rapaziada das *torrinhas*, que não a procurasse alli, mas em casa, depois do espectaculo: á noite, sim; de dia, nunca! E' que o Lopes tinha mulher e filhos e, em meio da sua vida de desregramentos, cultivava a singular virtude de não dormir nunca fóra de casa, o que o fazia adorar da esposa e admirar dos collegas, que o proclamavam um pae de familia irreprehensivel.

Hugo ia, pois, todas as noites ao club verificar se Fernando lá estava e se passaria o resto da noite com a Bianchini; e depois tomava o bonde e vinha dormir com a mulher do amigo, calmo e despreoccupado como se fosse elle o marido. Mauricia, a confidente incorruptivel, a serva fidelissima, era quem o introduzia a deshoras e fazia sahir, pela madrugada, com mil cautelas, que a propria ama não conhecia. Mas o experimentado Hugo sentio a necessidade, imposta pela prudencia, de frequentar ostensivamente a casa; o diabo era que Fernando, deshabituado completamente de receber e fazer visitas, não se lembrava de convidal-o. Mas «soldado velho não se aperta» diz o dictado. Hugo, por uma sabia combinação de ingenuidade e desfaçatez, que lhe dava um ar encantador, disse um dia a Fernando:

— Homem, você ainda não me apresentou á sua senhora! Nem mesmo outro dia no camarote do *Lucinda*, no beneficio da Bianchini — o que me encalistrou devéras....

Fernando ficou vexado, confessou o descuido, pedio muitas desculpas e acabou por convidal-o a jantar no proximo domingo. Foi

um encanto; o rapagão encheu a tarde e a noite contando anecdotas, recitando poesias, cantando fados ao piano, fazendo sortes e passes de cartas, dizendo galanteios ás senhoras, principalmente a *Santinha*, para desorientar Fernando. Ficou desde então commensal certo aos domingos.

A fonte em que hauria recursos para manter-se e ao seu luxo de mau tom era um mysterio, mesmo para os que o conheciam de perto, porque Hugo da Rosa, confirmando o velho proloquio, era de uma infelicidade inclemente ao jogo, qualquer que elle fosse: roleta, trinta-quarenta, dados, *lasca*, *poker*... perdia sempre. Desempregado de ha muito, inteiramente *no vago*, sem fortuna pessoal e sem sorte ao jogo, tratava-se, entretanto, como um *grand seigneur*, gastando á larga, passando á tripa forra, não olhando a dinheiro.

Taes mysterios difficilmente se descobrem ou se explicam limpidamente. O que se póde affirmar é que a chave d'elles é a infamia. Esses homens, apparentemente frivolos e inoffensivos, são impenetraveis por mal dos outros: debaixo d'essa camada leve e brilhante de mundanismo

perfumado, de ociosidade egoista, de vicios elegantes, ha uma outra — dura, séria, pétrea, formada da textura compacta de mil complicados expedientes de mentira, de canalhice, de calote, de furto.

E' uma vida trabalhosa e arriscada a d'esses cavalheiros... de industria. Vivem, como aranhas douradas e peçonhentas, envolvidos em uma teia delicada e complicadissima, que tecem continuamente, em que caçam os papalvos e os confiantes, obrigados a refazer sem demora as malhas que se partem, ameaçados de afogar-se nos proprios fios. Promettem d'aqui, pedem d'alli, enganam d'acolá; a uns ameaçam, a outros supplicam; ora arrotam contos de réis, e projectam emprezas de fabulosos proventos, ora confessam uma *quebradeira* absoluta, segundo tencionam apanhar capitaes grossos ou apenas *morder* alguem em *uma de X*. Mas essa entrosagem, complexa como o machinismo de um relogio, só pode funccionar occulta, secretamente. E nisso consiste o maior trabalho e a mais séria difficuldade. E' preciso impossibilitar as victimas de gritar e denunciar; não deixar vestigios; não ter complices; não cahir, em

summa, nas garras da policia, sob a alçada da junta correccional. E para conseguil-o esses desgraçados—sim, que o crime é o maior dos infortunios!—trabalham tanto como um cavador ou como um banqueiro; e que trabalho! o da mentira, da intriga, da dissimulação, do dólo; o unico trabalho que não alegra nem robóra, o unico que não dá orgulho nem consolo.

Assombra ver como esses meliantes conseguem equilibrar-se por tão longo tempo no alto d'essa pyramide fragillima e tão perigosa de tratantadas de toda especie; mas o que mais assombra é ver um dia desmanchar-se, ruir, estender-se em pedaços no solo a pyramide, o gymnasta da velhacada cahir com ella, deante o publico e... levantar-se novamente, lépido, risonho, incolume, construir outra columna de *contos do vigario* e sobre ella novamente manter-se regalado, estimado dos homens, querido das mulheres, beijado da sorte, festejado de todos. Ah! comprehendo e justifico esses coitados que, começando honestos e bons a labuta da vida, desprotegidos da sorte, esquecidos de Deus, estafam-se na luta acerrima e, contemplando os *outros*, os taes a que me estou

referindo, descrêm da virtude, cançam da honestidade, desesperam-se da Providencia e acabam imitando-os e perdendo-se.

Salvo os casos que constituem as excepções necessarias á confirmação da regra, para vencer, para triumphar na vida, nesta asperrima vida contemporanea, é preciso, mesmo aos honestos, uma boa dóse, bem combinada, de audacia, de hypocrisia e de crueldade; nada temer, não dizer senão verdades uteis e nunca toda a verdade e não ter pena de ninguem sem proveito proprio. Se essas qualidades são bem dosadas e bem combinadas e se têm ao seu serviço uma intelligencia clara e polida por alguma cultura, o exito é seguro. O que a sociedade chama de peior a esses homens é «egoistas»; mas admira-os, inveja-os e respeita-os.

Hugo da Rosa não era, porém, d'essa classe, mas da outra, dos ingenitamente immoraes, inteiramente falhos do precioso senso do Bem abstracto, capazes de todas as acções *necessarias* á consecução do seu ideal no mundo— a fruição de todos os gosos. A alma d'esses homens, se fosse material, parece-me que devêra revestir a fórma d'esses estranhos zoophitos

chamados *medusas*, conhecidos vulgarmente por « geléas do mar » ou « aguas-vivas » — massas gelatinosas, brancas, visguentas, frias mas causticas, sem fórma definida.

Poucos mezes durava a ligação repugnante d'esse homem com a mulher de Fernando e já a pobre moça amargava e expiava, em soffrimentos jamais suspeitados sequer, essa falta e as que a precederam, todas as suas culpas de adultera.

Os seus primeiros amantes eram dois perfeitos cavalheiros e duas almas nobres — incapazes de uma villania. E' verdade que o barão de Santa Lucia se vingara d'ella cruelmente, quasi brutalmente; mas, em sua consciencia, ella reconhecia que um homem d'aquelle temperamento e amando-a de tal modo, ao saber-se trahido com um biltre do jaez do Rosa, era natural procedesse como procedeu. Quando a desgraçada vio de perto, núa, escancarada, a alma de Hugo, ficou transida de horror, como a mãe que, ao acordar, encontra enroscada junto ao seio, entorpecida no somno haurido no seu leite, uma cobra ascorosa, em vez da cabecinha do filho amado. E teve immediatamente

este presentimento: « Estou perdida ! » E ella sómente conheceu a alma do miseravel depois de dois ou tres mezes de ligação.

A principio os seus vicios requintados de alcova, a sua experiencia consummada de gosador espantou-a, repugnando-lhe ; mas a semente perniciosa encontrava terreno propicio, bem preparado a recebel-a, e plantificou virente. Ao fim de algumas sessões a discipula quasi egualava ao mestre. Corina podia ser recebida entre as mil e quatrocentas sacerdotisas de Aphrodite Astarté, no recinto sagrado do Didascalion, na cidade santa do amor physico, tão artisticamente descripta por Pierre Louys no seu famoso romance. A obra do impudor, da prostituição estava completa ; Corina era uma cortezã, tornara-se a digna amiga de *Santinha*, a quem os seus progressos enchiam de pasmo como os seus dotes physicos de inveja.

Se Fernando vivesse ainda um pouco para ella, se não fosse quasi um hospede em sua propria casa, cem claros indicios o teriam advertido do acanalhamento da mulher—nas *toilettes*; na escolha dos perfumes; nos penteadores e nas camisolas de levantar e deitar; nos livros

eroticos, ornados de estampas grosseiramente obscenas, que andavam sobre os moveis do quarto e do *boudoir*; nos gestos; nas palavras.

Mas elle proprio era outro, inteiramente diverso do que fôra, nos bons e rapidos dias em que viveu com o seu idolatrado amigo morto. Tornara-se um vicioso, um *viveur* sem distincção, um epicurista vulgar, com o senso moral quasi embotado: nada via, nada comprehendia, nada encontrava de terrivelmente denunciador em todos aquelles habitos novos, nas mudanças operadas na mulher a partir de algum tempo.

Corina só vio, e sem véus, em todo o seu horrivel cynismo, a alma do amante, quando se convenceu que este procurava explora-l-a na bolsa, extorquir-lhe dinheiro, viver á sua custa, como os *souteneurs* descriptos nos livros immundos da Paris impura, da Paris-Cythéra, que havia lido com asco. Sim; aquelle conquistador era um *souteneur*; se ella se não acautelasse, seria capaz de fazer d'ella a sua *marmite*.

Começou elle pedindo-lhe, com simulado acanhamento, que lhe arranjasse cem mil réis, de que precisava com a maior urgencia, para um « aperto damnado ».

Corina, surprehendida, mas sem desconfiança do que aquillo realmente significava, pedio no dia seguinte o dinheiro ao marido, « para comprar umas coisas », e elle promptamente lh'o deu, tendo por costume satisfazer todos os pedidos e caprichos da mulher.

Hugo recebeu o dinheiro, murmurou um « obrigado » entre dois beijos grossos e não falou mais em tal. No espirito de Corina ficou um amarujo de desgosto, um resabio, a um tempo nauseante e amargo, como o que deixa a poaia na boca.

Poucas semanas depois, Hugo pedio-lhe mais duzentos mil réis. Ella teve um calefrio. Calou-se, a principio; como elle, porém, a inquerisse em silencio, com o senho carregado, o olhar sombrio, deitado de bruços sobre o colchão, ao seu lado, balbuciou alguns monosyllabos confusos... Elle carregou ainda mais a catadura e limitou-se a perguntar-lhe, com impassivel desfaçatez :

— Pensarás tu, por acaso, que eu não tenciono pagar esse dinheiro ? Julgas-me capaz de viver á custa das minhas amantes ? Responde.

E fuzilavam-lhe malvadamente os olhos.

Ella desculpou-se, negando com calor; e prometteu-lhe o dinheiro. D'esta vez o marido perguntou-lhe para que precisava de duzentos mil réis, se ainda na vespera havia elle pago contas de chapéus e vestidos que sommavam em quasi um conto de réis. Ella sentio-se enleiada; abaixou a cabeça para occultar o rubor das faces e disse, por fim, que era para uma joia, um bracelete que vira, muito bonito, na vitrine do Luiz de Rezende. E Fernando deu-lhe o dinheiro.

No seguinte domingo, falando-se em joias, em meio de conversação geral, Fernando, voltando-se para a mulher:

— E a proposito—perguntou-lhe: compraste o bracelete para que me pediste aquelles duzentos mil réis?

Corina, apanhada de improviso, corou, tartamudeou:

— Ainda não, porque... o Luiz de Rezende já o tinha vendido e não achei outro que me agradasse tanto.

— Ah! limitou-se a responder Fernando, immediatamente distrahido por uma exclamação

jovial do seu amigo Hugo da Rosa a proposito de qualquer coisa. As faces de *Dona Sinhá* chammejavam; a cara sadia e risonha do amante respirava uma tranquillidade absoluta de consciencia.

Era o inferno que principiava para a pobre moça. As exigencias do infame foram sempre crescendo. Por ultimo...batia-lhe! Sim, quando ella não podia arranjar o dinheiro que lhe exigia, brutalisava-a, magoava-lhe os pulsos delicados nos seus dedos grossos, ou fustigava-lhe com elles as faces, guardando ainda a bofetada, em cheio, de palma aberta, para mais tarde, como argumento supremo.

Corina emmmagrecia; empallidecera, tinha olheiras violaceas, respirava soffrimento e oppressão. Fernando alarmou-se com o estado da mulher; fel-a examinar por um medico dos mais notaveis, o Dr. Castro, que receitou tonicos, banhos de mar, distracções. Corina não melhorava, porém. Se a sua enfermidade era da alma! Tentou reagir; como, porém, reagir contra aquelle sujeito, capaz de tudo? Teve medo. Elle tinha cartas d'ella, além de mimos e lembranças, conhecidas do marido. Elle podia perdel-a e

fugir, ou provar a sua culpa, d'ella, sem se comprometter, pois as cartas não tinham o nome d'elle nem o d'ella; mas a lettra era authentica, nem mesmo estava disfarçada...

Negou-se a recebel-o como a ir encontrar-se com elle em outra parte. Elle respondeu friamente que, se dentro de tres dias o não recebesse á noite, como costumava, elle escreveria uma carta anonyma ao marido «contando-lhe as passadas façanhas da sua virtuosa esposa com certo doutor fallecido e certo barão ausente.» E a existencia torpissima dos dois recontinuava, ainda mais torpe e mais torturante.

Nos domingos, entre risos e phrases alegres, a infeliz, com a pallidez mal disfarçada pelo pó de arroz cor de rosa, tossindo de quando em quando, acompanhava ao piano as cançonetas picarescas do bello e triumphante Hugo da Rosa, ostentando a indefectivel flor do seu appellido na botoeira, e a face bem escanhoada, radiante de bem estar, sobre a alvura luzente do collarinho e a fulguração multicor da gravata.

Quem poderia suspeitar o drama pungentissimo que se occultava naquelle quadro burguez

de felicidade? Quem suspeitaria as torturas indisiveis que alanceavam o coração d'aquella mulher calma, séria, simples, sentada ao lado do esposo, no remanso domingueiro do lar? Quem adivinharia que aquelle sympathico e bonito moço, que era a alegria dos seres d'aquella casa aos domingos, era apenas um bandido, que vivia do dinheiro que obrigava a amante a pedir ou a tirar do marido? Oh! ninguem suspeita, nem póde, sequer, dispor-se a acceitar a existencia de tão grandes infamias!

Santinha, sómente ella, conhecia o inferno em que se debatia *Dona Sinhá*; e, sua amiga sincera e dotada de uma alma boa e sensivel, fez quanto poude para defendel-a, amparal-a, consolal-a, chegando mesmo a vender parte de suas joias para arranjar dinheiro com que lhe valesse. Tentou intimidar o bandido: elle ameaçou-a de contar a Viriato a historia de «uma certa Messalina, casada com o melhor amigo do marido d'ella»; procurou commovel-o: elle rio-lhe na cara. Tudo foi baldado.

Desesperada, Corina pensou um momento em prostrar-se aos pés do marido e contar-lhe tudo; mas durou só um rapido instante essa

idéia: Fernando esmagal-a-ia e com o desprezo com que se esmaga um verme sob a sola da bota. Pensou depois em fugir... Mas para onde? Não tinha um parente, nem uma relação fóra da capital, nem meios pecuniarios para ir para muito longe...

E se se matasse? Era a solução unica, a unica taboa de salvamento. Oh! a morte ser-lhe-ia doce! Se era a libertação! Mas não tinha ainda coragem para matar-se. Era preciso soffrer mais... muito ou pouco? não o sabia. Sabia só que o soffrimento atroz em que se debatia havia mezes não lhe havia dado ainda á alma debil e covarde a validez, o animo, ou o desespero necessario para abandonar voluntariamente, pela violencia, o miseravel envolucro terreno.

— Que desgraçada, que miseravel creatura sou eu! Já não tenho pudor, nem dignidade, nem sequer o brio necessario para deixar de soffrer, para libertar-me dos meus grilhões de lama! exclamava soluçante, mordendo os punhos numa convulsão de raiva, miseravel de impotencia.

III

A DENUNCIA

Naquella noite era grande a concorrencia nas salas do Club Brasileiro, de que eram associados Viriato e Fernando, e corria o jogo animadissimo em ambos os tapetes da roleta.

Era o Conselheiro que dava á bola. Merece algumas linhas de descripção esta figura.

O Conselheiro Gomes Lobato é um dos homens mais conhecidos, mais celebres mesmo, do antigo regimen, pela sua notavel intelligencia, não vulgar illustração e inquebrantavel firmeza politica. Militou com fulgor na imprensa conservadora, distinguio-se na campanha abolicionista, prestou longos e bons

serviços no funccionalismo. Com a queda do regimen monarchico retirou-se, porém, completamente da vida politica. Nunca mais disse nem escreveu uma palavra em publico. Tivera sempre duas paixões — a astronomia e o jogo. A segunda venceu a primeira, como venceu nelle todas as curiosidades scientificas e litterarias. Atolou-se no jogo até ao pescoço.

Dentro em pouco encheu a cidade a fama das suas incriveis audacias á roleta e ao dado, arriscando dezenas de contos, perdendo hoje uma fortuna, para readquiril-a amanhã e tornar a perdel-a no dia seguinte, sem trepidações nem queixumes. Era digna de vêr-se a sua figura magestosa de primeiro ministro, a barba cerrada e grisalha, a fronte escampa e vincada, os olhos calmos e graves, os gestos pausados, a phrase comedida, manejando os cartões dos cheques de cincoenta e cem mil réis, perseguindo uma *martingalle*, empilhando e desempilhando os cartões, espalhando-os sobre os numeros: *em pleno*, no *esguicho*, na *rua*, *a cavallo*, e no *manque* ou no *passe*, sem açodamento, com precisão, tendo ainda tempo de accender e sugar o cigarro, dar balanço á conta de lucros

e perdas, trocar phrases com os parceiros, fazer alguma observação secca mas cortez ao *croupier*.

Parecia o proprio genio do Jogo e o deus Hermes em pessoa. Tinha theorias muito originaes, muito suas, acerca do jogo. Como não jogava para perder, arriscava dez contos para recuperar dez tostões perdidos : e uma vez recuperados, parava, não jogava mais nessa noite. Jogava com o calculo das probabilidades, variando de numeros e de processo, graduando mathematicamente as *mises*, limitando com prudencia os prejuizos, como o proprio ganho. Não acceitava nem permittia conselhos de ninguem e só os dava a quem lh'os pedia ou provocava e emittia-os com voz grave, sonóra, empregando as expressões mais attenciosas, numa dicção cuidadosamente correcta.

Era um mestre da lingua, e mal disfarçava a consciencia e o garbo que d'isso tinha. A clientela da casa, composta na maioria de ignorantaços e frivolos, ouvia-o com religiosa attenção e profundo respeito, como a um oraculo, embora entendendo bem pouco o que elle dizia, com ares pontificios. Todos lhe davam excellencia,

desde os socios do estabelecimento, dos quaes o principal era um conde russo, até aos ultimos ficheiros. A' mesa do jantar, numa das cabeceiras, emquanto serviam e passavam os saborosos acepipes, regados por vinhos excellentes, senão na qualidade, ao menos no gosto e no *bouquet*, o Conselheiro discreteava com ironia, mordaz porém cortez, acerca dos ultimos acontecimentos politicos, revivendo casos e anecdotas dos passados tempos. Era um encanto impagavel vel-o contar a um *decavé* de ar espesso e olhos suinos, incapaz de comprehendel-o, um d'esses episodios politico-historicos, com uma *vèrve* encantadora e uma correcção puritana de linguagem, rarissimas de encontrar juntas:

— Vou contar-lhe, senhor Burlamaqui, um dos mais curiosos episodios do segundo reinado. O imperador, que, como o senhor bem sabe, alliava á virtude de Marco Aurelio a sagacidade de Luiz XI, tinha por inveterado costume mostrar-se não sabedor d'aquillo que melhor sabia, para sondar os conhecimentos e as intenções dos seus ministros e conselheiros. Pratica excellente, meu caro senhor Burlamaqui; pratica

excellente! Ora aconteceu de uma feita que, sendo presidente do Conselho, o Visconde do Rio Branco, esse vulto venerando da politica do imperio, primaz entre os primazes, maior entre os maiores, se avisasse o Imperador de consultal-o sobre...

E nesse tom magistral continuava, disserto, conceituoso, grave e gracioso a um tempo... Raros, emtanto, lhe aproveitavam as perolas.

Nunca houve entre elle e qualquer *ponteiro*, mesmo dos que a sorte mais maltratava ou dos que se exaltavam com algum excesso de alcool, o minimo desaguisado, a mais leve altercação. Todos o respeitavam, todos lhe reconheciam a incontestavel seriedade. Punha nos incidentes mais ingratos do jogo — a rectificação de uma somma de fichas ganhas numa parada, a contagem do dinheiro, a reclamação de um pagamento esquecido, um ar tão austero, uma tal gravidade, que aquillo nem parecia jogo — parecia missa! Dava á bola como se consagrasse a hostia e o vinho; cantava o numero como se regougasse o *Dominus vobiscum*. Jamais convidava alguem a jogar e aos novatos pintava o jogo com suas verdadeiras cores.

Em meio d'aquella sisudez e amabilidade inalteraveis, desenvolvia uma prodigiosa perspicacia e um maravilhoso poder de observação. Os seus olhinhos escuros e lusidios tinham uma penetração de verrumas de aço e furavam um craneo á procura do pensamento que lá se escondia em dois lampejos rapidos.

Um homem superior innegavelmente; e que o era provava-o o conseguir dominar com tal destaque o meio em que vivia. A verdade é que elle se distinguia d'aquella gente, como o azeite da agua — por cima.

Não se confundia com elles, e percebia-se no apuro de polidez com que os tratava a preoccupação de conserval-os á distancia e no tom com que se lhes dirigia um leve matiz de altivo desdem.

Em volta dos dois tapetes, á direita e á esquerda do banqueiro, sentados uns, outros de pé, jogavam individuos de todas as classes—um senador, dois deputados, um dos quaes o Gama, de bigode branco, que falava pouco e desabridamente; um coronel do exercito, magro, muito vermelho, praguejando como um... militar, berrando a cada bola perdida : «Ora p...! Ora m...!»

com voz de commando; tres ou quatro funccionarios da policia em exercicio; um velhote de soiças, macambusio, a quem uns chamavam almirante e outros «chefe»; um advogado famoso; um leiloeiro; um jornalista muito estimado, pontuando de excellentes pilherias cada bola falha; dois ou tres corretores; um famoso banqueiro bohemio, já velho, parando ás duas ou tres fichinhas de quinhentos réis num só numero e a quem o jornalista chamava *Tio Orô*; e um ex-ministro da Republica a que chamavam o porta-pastas por ter occupado tres a um tempo; um padre, á secular, fazendo um jogo diabolico; um barão assignalado... por bons serviços á patria e a quem o demonio do jogo jurou limpar eternamente os bolsos.

O resto — uns suspeitos e uns desgraçados, lividos, despenteados, suarentos, vesgos de ambição, offegantes de impaciencia, reincidentes do vicio, arriscando sem calculo e sem calma os ultimos mil réis; alguns *limpos* já, olhando melancolicamente e jogando de cabeça para verificar se ganhariam se acaso jogassem devéras; outros que vão ao club só para jantar e limitam-se a *sapejar* durante meia hora pela razão

de que « quem não bebe na taberna folga nella. »

De vez em quando soava uma campainha electrica e ouviam-se vozes pedindo em diversos tons: « Um copo com agua. » « Um conhaque. » « Um copo de cerveja. » « Um charuto. » « Phosphoros. » « Um *chartreuse*. » Criados apressavam-se, servindo. E ouvia-se o ruido dos ancinhos de madeira arrecadando as fichas de varias cores, aos montões, e que os ficheiros iam rapidamente separando pelas cores e accumulando em columnas de vinte.

— *Trinta e cinco*. *Sete*. *Quatorze*, ia dizendo a voz sonora e grave do Conselheiro.

— Com mil bombas! *Quatorze*, o dobro de sete, e eu, que joguei no sete, não joguei no quatorze! Ora m...! estourava o coronel.

— *Duplo zero*. *Trinta e seis*.

— Jogo do inferno! Dá o Alpha e logo depois o Omega. O diabo que o entenda!— commentava o jornalista.

— Eu tenho duas em pleno e uma na *rua*— reclamava o banqueiro.

— Oitenta e uma amarellas; acudia o *croupier*, passando-lhe as fichas. O banqueiro

recolheu-as, juntou-as ás que tinha deante de si, contou-as e depois disse ao banqueiro:

— Fichas a troco.

— Quantas?

— Duzentas e quinze.

— Cento e sete mil e quinhentos réis; volveu o banqueiro, passando-lhe cento e oito mil réis, por ser praxe generosa da casa arredondar toda fracção de mil réis. O *tio Orô* metteu o dinheiro no bolso e ia sahindo quando um magricella o segurou pelo paletó:

— O' *tio Orô*, empresta-me dez mil réis.

— Você pensa que eu ganhei? Perdi cincoenta mil réis. Não posso ser *mordido*. Adeus.

Fernando estava na *pontaria*, provavelmente *feito* com a banca para animar a parceirada ou para diminuir os prejuizos da banca, que na segunda hora estava perdendo. Acabava de ser cantado o numero treze, em que elle havia parado justamente treze fichas, quando o porteiro veio entregar-lhe uma carta.

— Quem trouxe isto?

— Foi um moleque que já se foi embora, dizendo não ter resposta.

— Está bem.

— Quatrocentas e cincoenta e cinco *perolas!* gritou o *croupier*, passando a Fernando quatro cartões e tres pilhas de discos de madreperola.

Elle examinou a lettra do sobrescripto: não a conhecia, tendo-lhe parecido feminina pelo caracter do talho. Metteu-a no bolso externo do paletó, para não interromper o jogo a lel-a, e fez nova parada.

De todos os *ponteiros* apenas dois ou tres estavam ganhando e d'esses o de mais sorte era o Paes, um homem baixo, gorducho, de bigode preto, ar sympathico, major da guarda nacional, roleteiro por gosto, habito e profissão, que estava perdendo havia sete ou oito semanas sommas consideraveis, que não se sabia onde achava para poder perdel-as. Naquella noite parecia querer voltar-lhe a *chance;* parava nos numeros da primeira duzia, cercando-os e carregando-os de todos os modos e em cada tres golpes um era de numero inferior a treze, o que fazia irem se avolumando os maços de chéques de cincoenta mil réis deante d'elle. O seu lucro era calculado já em cinco contos e tanto.

O barão assignalado, tendo perdido a ultima nota, sahio do seu logar e veio falar baixo ao

ouvido do major Paes. Este, sem interromper o trabalho de distribuir fichas e cartões, respondeu-lhe, em voz alta, sem voltar-se para elle:

— Ora, *seu* barão! pelo amor de Deus! Sempre o suppuz menos *cara-dura*! Pois o senhor tem mesmo o topéte de vir pedir-me cem mil réis emprestados, o senhor que, não ha ainda um mez, negou-me cincoenta mil réis em noite em que estava de sorte, esquecido de que me devia, como deve ainda, mais de tresentos, ha dois annos! Já é coragem!

O barão curvou o busto erecto e elegante para falar de novo ao ouvido do major. Poucas pessoas mostravam-se impressionadas por aquella scena, trivial, ao que parecia.

— O senhor pensava que eu tinha esquecido... ou que, por ser o senhor barão e alta patente militar e não sei mais o que, eu me calava, fingia ter-me esquecido da sua ingratidão e do seu desaforo? Pois enganou-se. Não preciso nem tenho medo do senhor, como de ninguem; fique sabendo.

— *Onze*! gritou a voz pausada e grossa do Conselheiro.

O major Paes ganhava, só nesse golpe, mil, cento e setenta fichas. O barão, imperturbado, falava-lhe novamente ao ouvido, com animação. De repente, o Paes tirou dois cartões de cincoenta mil réis de um dos maços e deu-os ao barão, dizendo-lhe, com um tom duro e desdenhoso :

— Tome lá ; leve. E' para que fique sabendo que sou mais generoso e mais delicado que o senhor. Não faço caso de dinheiro ; o que não admitto é que me maltrate quem me deve favores...

O barão voltou logo ao seu logar, sem agradecer mais aquelle que o major Paes acabava de fazer-lhe.

Mas Fernando, como começasse a perder forte, parou e deu as fichas a troco.

Tendo-se levantado, indo tirar o lenço de seda do bolso, encontrou a carta.

— Ah! a tal carta. Já me esquecia... Mas de quem será? monologou a meia voz e, rasgando o envolucro, foi entrando para o salão luxuoso, fartamente illuminado, mas deserto. Desdobrou a folha de papel branco, de que se evaporou um cheiro forte de *opoponax*.

— Hum! E' de mulher: conhece-se pelo cheiro e pela lettra. Mas é anonyma. Que será? E poz-se a lel-a com viva curiosidade.

Mal começada a leitura, as mãos, que sustinham o papel, entraram a tremer; empallideceu, cambaleou, cahio sobre uma cadeira. A carta, que, com esforço enorme e violento, leu até ao fim, dizia o seguinte, em boa calligraphia e sem muitos erros orthographicos:

« *Senhor Fernando Gomes. Emquanto o senhor passa a noite jogando e amando a insignificante Bianchini, sua mulher consola-se da sua ausencia e da sua infidelidade com o seu amigo intimo Hugo da Rosa, esse bandido, essa pustula. Todas as noites vae elle a esse club verificar se o senhor ahi está, depois do que vae occupar-lhe a cama tranquillamente. Corra á casa, apenas receber esta, entre sem rumor e ha de ver um bello espectaculo, digno de figurar nos contos de* Rabelais. *Quem isto lhe escreve, sem mesmo ter a precaução de disfarçar a lettra, é uma das muitas victimas d'aquelle miseravel, que d'elle tem soffrido torturas. Depois de despojar-me de um resto de pudor e de illusão, que eram a minha felicidade,*

despojou-me das minhas economias e das minhas joias e agora esbordôa-me quando não lhe arranjo dinheiro. Eu era uma viuva honesta antes de conhecel-o. Hoje sou uma desgraçada, que terá de acabar... sabe Deus onde. Resolvi denuncial-o para libertar-me delle e vingar-me tambem, acreditando que o senhor terá coragem e brio bastantes para matar esse infame seductor como se mata um cão damnado. Será um serviço á Humanidade. Se o senhor nada fizer, por ser anonyma esta carta, irei procural-o em pessoa e ha de então, deante das provas irrecusaveis que lhe darei, reconhecer toda a triste e immunda verdade. Pulso firme e... adeus.»

Acabada a leitura, Fernando ergueu-se, esfregou os olhos, medio a sala a passadas largas, agitadissimo. Releu a carta, com dobrada attenção, como se não a houvera comprehendido. Depois foi ao gabinete, abrio um cofre, tirou d'elle um revólver, que verificou estar carregado; metteu-o no bolso respectivo; apalpou a faca de cabo de prata, que trazia sempre na cava esquerda do collete; fechou a burra; tomou do chapéu e desgalgou rapido as escadas.

Uma vez na rua, atirou-se para dentro de um dos tilburys estacionados á porta do club, deu o endereço ao cocheiro e disse-lhe com voz cavernosa:

— A galope, a todo o galope!

IV

O CASTIGO

O tilbureiro fustigou com vivacidade, a golpes estalados do pingalim, a magra e somnolenta pileca, que disparou no seu melhor galope. Mas, por mais rapido que o vehiculo corresse, a Fernando se afigurava que elle mal se movia. A sua impaciencia era atroz.... doia-lhe como uma queimadura.

Nos vinte minutos que durou o trajecto não conseguio formular um pensamento claro e completo, apesar de ter o seu pobre cerebro trabalhado incessantemente. Sentia-se arder em febre ; a cabeça escaldava-lhe, ao passo

que as mãos suavam frio. Era horrivel. Teve a intuição de que, se se demorasse mais uma hora a chegar á casa, perderia a razão, ou morreria suffocado. Felizmente o tilbury entrava na rua do Bispo. Fel-o parar duas casas antes da sua.

Ia pagar ao cocheiro, mas, de repente, mudou de aviso e mandou-lhe que esperasse.

Caminhou para o portãosinho de ferro. Ergueu o trinco e entrou. Deu volta ao jardim, em demanda da porta da sala de jantar, unica de que tinha a chave. Espiando pelo buraco da fechadura, vio que um bico de gaz estava acceso em lamparina. Naquelle momento o relogio da sala batia meia noite, vagarosamente.

Deu volta á chave, empurrou a porta, entrou; mas o seu primeiro passo encontrou um corpo estendido, o qual, com o contacto, mexeu-se, levantou-se rapido.

Era Mauricia, que dormia alli sempre que o amante de sua ama estava no sobrado, no quarto d'ella, para poder avisal-a, no caso de acontecer, como aconteceu afinal naquella noite, que o amo chegasse de improviso, antes da hora habitual.

Estremunhada, apenas o reconheceu, espavoriram-se-lhe os olhos, abrio a boca para gritar, atadas as pernas pelo terror. Mas a mão de Fernando tapava-lhe a boca... A negra arrancou essa mão com as suas e emittio o primeiro som de um grito :

— *Si*... mas não acabou : uma colleira de ferro estrangulava-a.

— Cala-te, negra maldita ! regougava Fernando, apertando-lhe a garganta com furor.

Os olhos da preta saltaram, enormes, das orbitas; a lingua estirou-se-lhe da garganta, d'onde sahia um estertor. Fernando abrio as mãos ; mas teve de amparar o corpo da desgraçada, para impedir o estrondo da quéda: estava morta. Sacrificara-se pela sua filha de criação, heroicamente, com sublime simplicidade.

— Diabo ! Esta agora ! e depoz brandamente o cadaver sobre a esteira em que dormia Mauricia um minuto antes.

Descalçou-se, tirou o frak para ter os movimentos mais livres, empunhou o revólver engatilhado e subio subtilmente as escadas, frouxamente allumiadas por um bico mortiço de gaz. A preta deixava um pouco de luz em

todas as partes, para proteger e facilitar a fuga de Hugo num caso de surpresa. E como Corina contava absolutamente com a sua dedicação, não esperava que fosse chegado o dia terrivel d'essa surpresa fatal.

O quarto de dormir era precedido do escriptorio de Fernando e seguido do gabinete de *toilette*. O escriptorio estava ás escuras ; mas no dormitorio havia luz abundante. Atravessou aquelle cautelosamente, evitando encontrões nos moveis, e chegou á porta envidraçada. Infelizmente as cortinas de cassa branca, do lado interno, dobradas em pregas verticaes, impediam a vista. Pelo buraco da fechadura nada distinguio : tapava-o a chave.

Quedou-se a escutar, collando o ouvido á fechadura, mas foi-lhe difficil ouvir, porque elles falavam baixo, em phrases curtas, rapidas. Pareceu-lhe ouvir beijos e que Corina dizia *não*, repetidas vezes. Mas uma phrase chegou-lhe nitida, perfeita, dita por ella ; foi esta : «Amo-te, sim, mas não posso dar-te as bichas de brilhantes : Fernando daria por falta ! »...

— Ah ! miseravel ! rouquejou o marido, apertando a coronha da arma.

E ouvio então, de novo, o som de beijos e uma voz que supplicava, e suspiros, gemidos curtos, risos abafados. Procurou, com desespero, na cassa das cortinas um orificio por onde pudesse devassar o aposento. Achou afinal um rasgão em fórma de pequeno triangulo: ajustou o olho direito ao vidro no logar correspondente ao rasgão, e o que vio fel-o tremer todo da cabeça aos pés, como num accesso de malaria.

— Oh! o immundo animal! O infame! O infame!

E pensou logo em entrar e exterminal-o. Mas experimentou levemente a porta: estava fechada. Que fazer? arrombal-a? Daria tempo ao bandido para sahir pelo gabinete de *toilette* e, tomando o corredor lateral, escapar-se, talvez.

Que fazer? Teve então uma idéia: bater devagarinho, como bateria Mauricia. Foi o que fez. Bateu levemente sobre o vidro, uma pancada, duas, tres. Não responderam logo, de dentro. Mas ao soar a ultima pancadinha das tres dadas juntas, a voz de Corina disse:

— Espera, espera... Estão batendo... não ouves?

— Ouço, sim; quem será?

— Deve ser a Mauricia; é com certeza. Podes abrir.

Ouvio-se um ruido surdo de passos de homem descalço e uma das meias portas abrio para dentro.

A figura de Fernando, em collete, descoberto, sem botinas, com o revólver estendido na mão direita appareceu no vão da porta.

Tudo o que então se passou foi de uma rapidez prodigiosa, indescriptivel. Hugo, em menores, recuou espavorido, estendendo os braços, fitando aterrorisado, a arma. Corina, núa, sentada sobre a cama revolta, os olhos escancarados, soltou um grito estridente; mas ao mesmo tempo ouvio-se a detonação de um tiro e logo segunda e terceira...

Hugo da Rosa, ferido no peito, foi cahir aos recúos sobre a cama, comprimindo o ponto ferido com as mãos; e o seu corpo, amparado num dos braços, emquanto o outro se agitava na direcção de Fernando, atravessou-se sobre as pernas brancas da amante desacordada.

Fernando approximou-se livido, hirto, com o revólver apontado, prompto a disparar ainda.

O ferido arquejava; seus labios brancos murmuravam: «Perdão!» Mas Fernando estava allucinado; via tudo vermelho: só via sangue e queria mais sangue.

Metteu a arma no bolso e sacou da cava do collete a faca, cujo cabo, de prata lavrada, scintillava ao gaz. E o que se seguio foi medonho. Avançou para o moribundo, trepou-lhe sobre o corpo e crivou-o de golpes profundos, certeiros, repetidos, demorados, em toda parte, —no pescoço, no peito, no ventre, nos olhos, na boca. O sangue, ao primeiro golpe no pescoço, esguichou farto sobre os lençóes, sobre o corpo inerte de Corina; depois, parou de correr, quando os golpes se multiplicaram. As mangas e o peito da camisa do homicida estavam tintos de rubro e as mãos pareciam calçadas de luvas da mesma cor.

Emquanto feria incançavelmente, Fernando monologava com os dentes cerrados e a voz aspera, como se sahisse triturada nos dentes: «Infame! Bandido! Toma! Toma! Roubavas-me tudo, então? A mulher e o dinheiro! Eu trabalhava p'ra ti, ladrão! E todas as noites, emquanto eu estava fóra, tu vinhas tranquillamente,

tomavas conta da casa. Ceiavas provavelmente. Depois entravas para o meu quarto com *ella*. Fazial-a despir-se como uma femea réles, e, á luz do gaz, de charuto á boca, á frescata, gosavas do espectaculo da sua nudez! E ensinavas-lhe bandalheiras, mysterios de bordel! Toma! Toma! E quando a vias desfallecida de goso sob as tuas caricias ignobeis, pedias-lhe as joias, extorquias-lhe dinheiro. Ah! comprehendo agora por que *ella* me pedia tantas vezes dinheiro, cujo emprego tão mal justificava! Era para o seu amante, era p'ra ti, safado, que o ias gastar provavelmente com outras. Era d'isso que vivias! Era com a honra dos maridos que fabricavas o teu luxo grosseiro. Fazias das esposas prostitutas e ladras! E eu a abraçar-te, a receber-te á minha mesa, a encher-te o bandulho, a chamar-te amigo! Toma! Toma! Ah! só teres uma vida! Como a morte é castigo leve para tantos crimes!...»

Mas o corpo de Corina mexeu-se: despertava do deliquio. Sentou-se na cama e, como louca, com a alvura da sua carne moça salpicada, enlaivada de sangue purpureo, esteve um momento immovel, assistindo áquella scena

pavorosa. Fernando, sentindo-a acordada, lembrou-se, e só então, tambem d'ella. Suspendeu o braço, que golpeava sempre, voltou para ella os olhos aloucados.

Foi um segundo de indizivel horror. Ella juntou as mãos em supplica muda. Elle, com o punhal, tinto de rubro, erguido na dextra, descavalgou o corpo miseravel do morto, desceu ao chão, e com o proprio punhal chamou a mulher, sem uma palavra. Ella, despenteada, sujas de sangue as pernas e as mamas, tremula, um terror sobrehumano decompondo-lhe as feições, obedeceu... Veio para elle como uma somnambula e ajoelhou-se-lhe aos pés, abraçando-os, de rastros. E soluçava, soluçava. Elle curvou o corpo sobre o dorso nú, encolhido, da infeliz e ia cravar-lhe a arma; porém a voz de Corina subio-lhe dos pés, flebil, gemente, miserrima... « Fernando! Meu Fernando! Meu marido! »

Vinha tão cheia de fraqueza, de miserabilidade aquella voz!

Estava tão baixo, cosida com o pó, numa posição de cadella batida! E depois, elle que ia matal-a sem defesa, covardemente, não teria

concorrido para o crime que estava alli castigando? Não passava elle quasi todas as noites fóra de casa, no jogo, na orgia? Não a abandonava, assim, a todas as tentações perigosas e torpes? Não tinha elle amantes? Fôra sempre um bom marido? Dera-lhe sempre os carinhos, as honras, a protecção que lhe devia?

E o braço não golpeava e a voz da desgraçada, soluçando sem parar, como um fio d'agua que sae aos gorgolejos de um tubo: « Perdão! Sei que mereço a morte! Mas tenho-lhe tanto medo! tanto medo! E se soubesses como tenho expiado o meu crime! Aquelle homem fez-me soffrer torturas! Perdoa-me! Fernando, meu Fernando! meu marido! »

Elle não respondia... Uma piedade immensa, invencivel, invadia-lhe a alma amollecendo-a num fluxo de lagrimas, que rebentou, por fim. Atirou o punhal e, sentado sobre uma cadeira, com a face fechada nas mãos, chorou longamente, miseravelmente, em soluços hartos, convulsos. Corina, que vestira um penteador, chorava tambem de bruços, beijando-lhe os pés.

Quando a onda impetuosa do pranto passou, desarmando-lhe a colera, desafogando-lhe a

alma, lavando-lhe os olhos do sangue que os cegava, ergueu-se, empurrou silenciosamente de si com o pé o corpo da mulher, fechou a porta que dava para o gabinete de *toilette*, guardou a chave e sahio do quarto, deixando nelle Corina com o morto. Depois fechou a porta por fóra, desceu a escada, passou sobre o cadaver de Mauricia, e sahio para a rua.

O tilbury esperava-o. «Leve-me á estação policial mais proxima;» disse ao cocheiro. Este, que dormia, acordou estremunhado, e não poude reter uma exclamação de espanto quando vio o freguez naquelle estado: sem paletó, nem chapéu, nem botinas, livido, desgrenhado, manchado de sangue. Quiz negar-se a conduzil-o, assustadissimo. Mas vio brilhar o cano de um revólver e achou prudente obedecer.

O cavallo partio a galope.

V

« O COMMENDADOR »

A morte inopinada de Fernando Gomes, o « Commendador », como lhe chamavam todos na Casa de Detenção, guardas e presos, causou grande sensação no estabelecimento, e foi para os detentos uma diversão excellente, que lhes occupou as attenções ociosas por todo aquelle dia torrido de janeiro, vinte e dous — se bem me lembro,—de 189...

Fôra o *Barbas de arame* quem descobrira, ás 8 horas da manhã, que o « Commendador » era cadaver.

Dia estival, o sol começára cedo o seu gyro de distribuição de luz e calor, e ás 6 horas já o cubiculo 25 estava cheio de claridade, que entrava pela janella quadrada e alta, gradeada de ferro.

Era uma cella de quatro metros de comprimento sobre dous e meio de largura, apenas sufficiente para um homem, e na qual, entretanto, viviam cinco,—favor, ainda assim, muito especial, conseguido da administração pelos amigos de Fernando ; pois que em muitos outros cubiculos, eguaes áquelle em tamanho, havia oito, dez e mais pessoas.

Nenhum movel — nem tarimba, nem mesa, nem banco — o assoalho nú, immundo, maculado de toda sorte de sujidades, luzidio de gordura e do attrito dos pés.

Fóra, por sobre a porta baixa, de varões de ferro em xadrez, pintados de verde, havia um cartaz em que se lia : *Abastados*. Isso explicava que os detentos tivessem colchões, lençóes, cobertas e travesseiros—o que só se encontrava nos cubiculos em que havia cartaz identico. Essa classe de presos tinha ainda, graças ao seu dinheiro, outras regalias, como não vestir a

roupa da casa — camisa de algodão e calça de zuarte, e poder mandar vir a comida de fóra.

Naquella manhã quem primeiro acordou foi o *Macaroni* ; eram cinco e meia. Sentou-se na cama, coçou com as unhas sujas a cabelladura crespa do largo peito nú, esticou os braços, bocejou ruidosamente, accendeu um cigarro, e quedou-se a fumar, com os joelhos unidos ao peito e os braços cingindo os joelhos ; e assim, fumando e cuspinhando, olhava com attenção para os companheiros.

Barbas de arame, embrulhado num lençol, que lhe accusava a ossatura angulosa e descarnada, todo esticado, com a sua cabeça, admiravel de caracter,—a calva enorme, as barbas ralas e grisalhas de fios asperos e longos, as faces lividas e encovadas, — parecia um asceta, morto de jejuns e penitencias.

Depois d'elle, sobre as taboas, tendo durante o somno escapado da enxerga, estatelava-se o *Maricas*, todo nú, mas de meias pretas, — não podia dormir sem ellas—com os braços abertos, o peito offegante de calor, e uma serenidade risonha espalhada nos traços delicados do rosto quasi imberbe.

Macaroni, ao observal-o naquella postura comica, sorrio-se e exclamou, como dirigindo-se ao dormente :

— *Fá caldo, non é vero, carino?*

E, depois, como para si mesmo :

— *Bravo ragazzo! Tanto buono!*

Haviam-lhe posto a alcunha de *Maricas* pela sua delicadeza corporea e de maneiras, pelo tom effeminado de toda a sua pessoa e os cuidados escrupulosos com que a tratava. Tomava banho frio todas as manhãs, ensaboando-se com furor, como se quizesse arrancar da pelle branca o cheiro nauseabundo e a poeira fina e negra do cubiculo, e todas as semanas mandava-lhe a familia uma pilha de roupa lavada e brunida.

Era abastada e conhecida a sua familia, que nelle tinha o primeiro criminoso—segundo ella propria affirmava, consternada.

Seu crime fôra ter matado uma prostituta de alto bordo, em cuja casa pernoitara, com uma punhalada no coração, quando ella dormia; punhalada que fez seguir de mais doze em varios pontos do corpo da desgraçada : no baixo ventre, nos seios, nas coxas.

Interrogado, quando preso, ao fim de alguns mezes de pesquisas baldadas, confessou o delicto, dando como explicação d'elle o ciume. Que amava aquella mulher; que lhe propuzera mancebia, primeiro, casamento, depois; como tudo ella recusasse, allegando querer conservar a liberdade de sua vontade e de seu corpo, resolvera matal-a para impedir que pertencesse a outros homens. E tinha confessado tudo isso com a tranquillidade de um justo.

Na Detenção todos o estimavam muito pelo seu trato affavel e pelo seu genio serviçal, prompto sempre a obsequiar os companheiros— ou lendo, ou escrevendo para elles, ou dando-lhes conselhos e animação.

Fôra o chaveiro, o gordo Meirelles, quem lhe puzera a alcunha de *Maricas*.

Era uma das vaidades do Meirelles—ter um talento especial para « botar alcunhas. » Com excepção dos hospedes já celebres, que traziam chrisma de fóra, era elle quem os chrismava a todos. No cubiculo 25 só o *Barbas de arame* lhe escapara, pela alludida razão: era um nome de guerra, antigo e glorioso, que não podia ser mudado.

Ao Fernando Gomes, não ousando pela sua posição e respeitabilidade, botar uma alcunha humoristica, e não se resignando a deixar de rotulal-o, passou a chamar-lhe «Commendador», com muito respeito, no que a victima nada vio de extraordinario.

O assassino da hetaira não gostou a principio do cognome com que o distinguira o Meirelles, a quem, em represalia, denominou *Sancho Pança*, e não sem alguma sorte, porque o nome ia pegando de cubiculo em cubiculo, aos poucos, mas em segredo, pelo receio que havia das iras do poderoso funccionario.

Perto da porta dormia vestido o *Pulso de ferro*, um portuguez alto e forte como uma torre, que, numa rixa com um patricio, o estendera morto com um formidavel murro em uma das temporas. Esperava-se que seria absolvido, por parecer bem provada a justificativa da legitima defesa, visto que se encontrara um revólver na mão do morto.

Por ultimo, no angulo direito do cubiculo, encostado á parede e voltado para ella, estava Fernando Gomes, immovel. No chão, ao lado da cama asseada, via-se um tinteiro, cigarros,

uma caneta com penna, varios papeis esparsos e duas ou tres brochuras.

Macaroni, tendo acabado o cigarro, atirou com a ponta para o meio do quarto, acompanhando-a com uma cusparada, que foi apagal-a. Depois ergueu-se, sungou as ceroulas immundas e foi urinar na bacia do esgoto que estava ao canto esquerdo, descoberta, e da qual os presos se serviam uns á vista dos outros, num impudor ignobil e numa immundicie sordida. Na volta abaixou-se junto da cama de Fernando, apanhou rapidamente alguns cigarros e voltou para a sua, onde se deitou novamente.

Neste momento ouvio-se fóra um toque de clarim, um brado rouco, perdido na distancia, e os passos e trincolejos do chaveiro, no corredor de pedra que separava as duas filas de cubiculos, de vinte cada uma. Uma voz elevou-se e entrou a berrar obscenidades. Immediatamente troou o vozeirão do Meirelles ameaçando o desordeiro com a *escura* e uma dóse de *madeira*.

Nesse momento apagou-se o gaz do corredor. Ouviam-se bocejos, suspiros, ventosidades,

risadas cynicas, palavrões mastigados, sonidos de ferros.

O ar, quasi irrespiravel, era um mixto de exhalações nauseantes de fumo, de fézes, de suor, de mofo... *Macaroni* recomeçara a roncar, quando *Maricas* e *Pulso de ferro*, que haviam despertado ao mesmo tempo, trocavam as saudações matinaes.

— Bom dia, *seu* Jeronymo; disse aquelle.

— Muito bons dias, Sr. Pinheirinho, respondeu o portuguez. Então como passou a noite?

— Pessimamente. O calor era tanto que me puz nú e o resultado foi rolar da cama e vir acabar de dormir no chão, com o corpo sobre estas taboas immundas. Vou ensaboar-me hoje com dobrada força. Esta vida dá cabo de mim. Nunca imaginei que se soffresse tanto em uma prisão.

— E ainda nós *estemos* no *cuviculo* dos *avastados*. Imagine o que irá por ahi além, pelos que o não são! Nossa Senhora! Com licença.

E foi urinar na bacia.

Maricas havia vestido um *chambre* e fôra esperar na porta a passagem do chaveiro, afim de lhe pedir licença para ir ao banho.

Ouvio-se então uma gritaria cortada de risos agudos, casquinados, que parecia virem do andar superior.

— Lá está o doudo a gritar. Começa cedo hoje; disse o *Barbas de arame*, que acordara com o alarido. Pepinos ! E' uma patifaria admittirem malucos nestas casas. Isto aqui não é hospicio de alienados! Pepinos !—accrescentou, impetuoso, com voz cavernosa, e entrou logo a tossir afflictamente, como se o peito lhe estalasse ao esforço.

A's oito horas só havia no cubiculo *Macaroni*, *Barbas de ferro* e Fernando. *Maricas* fôra para o banho, em chinellas, munido de pente, esponja e sabão, e *Pulso de ferro*, que graças á sympathia que despertara a sua defesa corajosa e ao respeito que impunha a sua força herculea, gosava de certas regalias excepcionaes, fôra dar o seu passeio habitual no magro e triste jardim da prisão, já inundado de sol.

Barbas de arame, que estava nú sob o lençol encardido, passeava pelo cubiculo, arrastando-o, meio curvo, tossindo, com um ar de phantasma tisico.

Macaroni, que acordara definitivamente, rezava, de joelhos sobre a enxerga, com remexidos de labios, a sua prece matinal á Madona da sua devoção, sem se preoccupar com a indecorosidade de sua *toilette*, que só se compunha de umas ceroulas mal abotoadas.

De repente, *Barbas de arame* parou junto de Fernando e disse em voz alta :

— Commendador, oh ! commendador ! e para si mesmo :

— Não responde. E' esquisito que durma até tão tarde, elle que geralmente dorme tão pouco !

E alteando a voz :

— Commendador, oh ! commendador !

E empurrou-lhe o corpo com o pé ; o corpo continuou immovel, após o curto movimento que lhe imprimira aquella impulsão.

— Estará morto ? perguntou o italiano approximando-se.

— Parece; respondeu o outro.

E, agachando-se, virou rapidamente o corpo do companheiro. Estava gelado e rigido. O rosto largo, de soiças louras, estava côr de cêra, as faces cavadas ; a boca aberta, com os

labios roxos, arregaçados, exhalava um cheiro acre, estonteante, e os olhos, que eram garços, vidrados agora, enormes, olhavam para cima, para o vacuo, para o nada, com uma fixidez de demencia.

— *Per la Madona! E' morto! Poverino!*

— E' verdade; esticou o molambo; rouquejou tranquillamente o *Barbas de arame;* e accrescentou:

— Pepinos! Isso é que é macaca: dar á casca quasi na vespera de sahir d'este chiqueiro! Chamemos o *Sancho Pança*.

— Sim, *má avanti*, fiquemos com o que elle tem. Olhe lá, *amico;* e apontava a porta.

Emquanto o velhote espiava se vinha alguem, o italiano despojou o morto: cigarros, phosphoros, quinze mil réis em notas, uns nickeis. O resto não prestava. Depois do que foi chamado o Meirelles.

Horas depois era o cadaver removido para o necroterio.

VI

UMA MISSÃO DELICADA

Fernando Gomes fallecera durante a noite, mas seguramente depois das nove horas. A's oito, ao toque de silencio, a que se apagam todas as luzes e todos os rumores se extinguem nos cubiculos, elle passeava e fumava, taciturno, agitado, silencioso, respondendo apenas por monosyllabos ao que lhe perguntavam, e até ás nove horas ouviram-no alguns companheiros mexer-se na cama, tossir, suspirar.

O *Maricas* pretendia ter-lhe ouvido o estertor da morte: um ruido de respiração difficil, afflictissima, terminando em um suspiro

profundo e longo; mas todos attribuiam isso á *prosa* do rapaz.

A esse respeito quem mais importantes revelações fornecia era o Meirelles, chaveiro. Eis o que elle contava:

Naquelle dia, ás tres e meia horas da tarde, apresentara-se na Casa um senhor ainda moço, bem trajado, o qual pedio ao administrador licença para visitar o preso abastado de nome Fernando Gomes. Trazendo-lhe um guarda a ordem do administrador, Meirelles entregara-lhe o preso requisitado.

Essa visita durou seguramente uma hora. Quando d'ella voltou trazia o *Commendador* na mão uma carta bastante volumosa e, tendo recusado o jantar que habitualmente recebia de uma casa de pasto da visinhança, pedio-lhe licença para ir tomar ar no jardim. Uma vez alli, abrio com impaciencia o envolucro da carta e entrou a ler as numerosas folhas de papel que a formavam.

Quando Meirelles, d'alli a uma hora, veio chamal-o para recolher-se á prisão, encontrou-o sentado, com a cabeça escondida nas mãos e soluçando convulsamente. Interrogado pelo

chaveiro sobre o que tinha, se se sentia doente, respondeu que não, que fôra uma noticia má que recebeu que o incommodára, mas que estava acabado, nada mais tinha, sentia-se alliviado. Porém apesar d'essa affirmação, a sua physionomia estava completamente alterada, coberta de uma lividez cadaverica, e levava de quando em quando as mãos ao peito, como se sentisse alli uma grande oppressão:

« Aquella visita, aquella carta... d'alli é que veio todo o mal. Foi aquillo que o matou. Não sei para que diabo é que se mandam más noticias aos outros. As boas ninguem tem pressa de dar; » concluia philosophicamente o claviculario, com uma expressão de profunda magua pela miseria humana.

E acertava sem o saber. Fôra aquella visita, fôra aquella carta que matára Fernando.

Quando elle entrou na triste e mal arranjada sala que serve de locutorio da Detenção, no pateo interior, á direita da porta de entrada, para o fim de falar com a pessoa que por elle procurava, encontrou um cavalheiro vestido de preto, barba escura, mesclada de fios brancos,

calva incipiente, oculos de ouro, tendo no dedo annular da mão esquerda um annel de medico. Vendo entrar Fernando acompanhado por um guarda, o desconhecido ergueu-se e, dirigindo-se cortezmente para elle, perguntou-lhe:

— E' o Sr. Fernando Gomes ?

— Um seu criado. Queira sentar-se e dizer-me a que devo a honra da sua visita.

O desconhecido sentou-se em uma das extremidades do velho sofá de mogno de palhinha encardida e rota em alguns pontos. Na outra extremidade um advogado, muito conhecido pela sua especialidade de defensor de gatunos e desordeiros, interrogava em segredo um d'elles sentado em uma cadeira proxima, alisando nas mãos com fingida humildade o boné muito sovado.

— Chamo-me João Itaparica, sou medico e cliníco na cidade da Bahia, da qual cheguei hontem com o fim expresso e unico de desempenhar-me junto de V. S. de uma missão reservada e delicadissima; e, dizendo isto, tirou do bolso uma sobrecarta quadrada e volumosa, que conservou nas mãos, como se quizesse adiar o momento de entregal-a.

Fernando fitou sobre o medico com algum espanto os seus grandes olhos, em cujas pupillas claras parecia ver-se-lhe a lealdade da alma. E á interrogação muda mas instante d'esse olhar, o seu interlocutor respondeu:

— Sim, uma missão que considero sagrada e da qual sómente hoje me posso desempenhar. Esta carta, que lhe vou entregar dentro de alguns instantes, foi-me remettida para este fim, ha quasi cinco annos pelo... — e a sua voz tremia um pouco — pelo meu saudoso collega e amigo Dr. Paulino de Castro.

A physionomia do preso demudou-se subitamente; as faces tornaram-se lividas, os labios tiveram um rapido tremor e um véu de lagrimas cobrio-lhe os olhos. A commoção era tal que não podia articular uma palavra.

— Sente-se mal?

— Não, obrigado. Isto passa já. Comprehende... O Dr. Paulino foi o meu maior, o meu melhor amigo. Considerava-o como meu filho. Nunca tive outro senão elle...

— Bem o sei. Mas julguei que o tempo houvesse cicatrisado completamente essa terrivel ferida.

— Feridas ha que nem o proprio tempo consegue cicatrisar. A que me abrio no coração a perda d'aquelle amigo é d'esse numero. E depois, d'aquella fórma, suicidando-se, cortando a carotida com um golpe de bisturi! Moço, bello, illustrado, com um futuro extraordinario, estimado por quantos o conheciam! Oh ! foi para mim uma catastrophe. Se elle vivesse, a minha desgraça actual não me pesaria tanto. Que me importava ter matado um homem, perdido a mulher, o lar, a felicidade domestica, se o tinha a elle, o meu Paulino, o meu amigo, o meu filho querido ? Se fosse absolvido, partiria com elle para a Europa, viajariamos o mundo inteiro e eu esqueceria, finalmente, o meu infortunio. Mas sem elle que será de mim ? que farei da vida ? E' provavel que o jury me absolva ; matei o amante de minha mulher, tendo-os surprehendido em flagrante. Lavei com sangue a minha honra. Mas que encantos tem agora a vida para mim ? Viver aqui para encontral-a a cada passo, risonha, frivola, formosa, triumphante? Amei-a, amo-a ainda, senhor doutor, amo-a ainda muito para poder vel-a outra vez. Viajar ? Mas sósinho, sem um amigo intimo que me distraia,

que comprehenda o estado do meu espirito e procure cural-o... fôra inutil. A vida pesa-me. Não me suicidarei, porém. Devia tel-o feito naquelle dia fatal; não o fiz: agora é tarde. Procurarei longe d'aqui alguma cousa a que dedique este resto curto de vida miseravel sendo util aos meus semelhantes.

E, tendo por alguns momentos fechado o rosto nas mãos tremulas, volveu com voz firme:

— Agora estou calmo. Póde falar.

— O que tenho a dizer é bem pouco.

Ha cinco annos, pouco mais ou menos, recebi na Bahia uma carta escripta pelo Dr. Paulino de Castro na vespera do dia em que se suicidou em S. Paulo, carta que acompanhava esta, fechada e lacrada como agora está. Pedia-me o meu amigo, o nosso amigo, que guardasse esta carta em meu poder para só entregal-a ao seu destinatario se se desse uma circumstancia especial, realmente estranha...

— E qual?

— Essa circumstancia era... O medico hesitava; por fim, com um esforço visivel:...era ter V. S. algum dia provas inconcussas de que sua esposa o trahia.

Fernando empallideceu tanto e seu corpo teve um sobresalto tão forte que o medico ergueu-se para amparal-o.

Elle afastou-o brandamente, murmurando muito baixo, com a voz velada e sombria de um hypnotisado :

— E' singular, é singular...

E de repente :

— Dê-me essa carta... Dê-m'a !

O medico, sem se apressar a entregar-lh'a, observou-lhe muito calmo :

— Ignoro o conteúdo d'esta carta, nem o Dr. Paulino me revelou qual fosse. Apenas me ordenou que só a entregasse naquella determinada circumstancia e que o fizesse em pessoa, recommendando-me mais que tomasse as providencias necessarias para o caso de eu fallecer antes de tal circumstancia realizar-se, de modo que a sua ultima vontade fosse cumprida. Obedeci com religioso escrupulo ás ordens do meu pobre amigo e...

— Mas porque não me fez entrega mais cedo d'esse documento ? Ha tres mezes que se realizou a condição tão singularmente prevista por

elle e, entretanto, só hoje é que V. S. me honra com a sua visita.

— Estive doente, absolutamente impossibilitado de fazer esta viagem. Ora, como era indispensavel que eu fizesse pessoalmente a entrega, tive de esperar o meu restabelecimento. Aqui tem a carta. Faço votos para que a sua leitura lhe traga um balsamo ás dores moraes que o affligem e que o resultado do seu proximo julgamento seja, como é de justiça, a restituição á nossa sociedade de um dos seus mais bellos ornamentos ; concluio o Dr. Itaparica, com um ar prudhommesco, erguendo-se.

Apertou gravemente a mão de Fernando— estava fria e viscosa como a de um desmaiado.

O preso guardou a carta no bolso interno do paletó e, acompanhado novamente pelo guarda, pedio e obteve licença para ir passear no jardim da prisão.

A vegetação mesquinha e rachitica tinha um ar de cansaço e tristeza; as copas dos arvoredos estavam cobertas de poeira ; o terreno estava secco, em torrões negros. Nenhuma viração agitava as folhas ; nenhuma flôr alegrava a vista. A atmosphera pesava e cheirava mal.

Mas o pobre detento não tinha a impressão consciente d'aquelle meio desagradavel e oppressor, que, entretanto, devia acabrunhar-lhe o espirito, máu grado seu. Tres ou quatro homens passeavam, fumando e conversando. Umas crianças riam e corriam descuidosamente, tentando empinar um papagaio, empreza que a falta de vento tornava impossivel.

Fernando procurou um recanto isolado; ahi sentou-se e abrio com as mãos tremulas o sobrescripto mysterioso, tirou de dentro algumas folhas de papel, e leu soffregamente o que nellas escrevera cinco annos antes o Dr. Paulino de Castro.

VII

A CARTA

S. Paulo,...de...de 189... Meia noite.

Fernando.

Como e por onde principiar esta carta? Ah! se eu pudesse deixar de escrevel-a! Mas não, ella é indispensavel, custe-me este sacrificio embora muito mais que o da propria vida, que dentro de algumas horas vou fazer tambem.

Sim, é um moribundo quem te escreve, meu Fernando. Dentro de algumas horas terei deixado de existir: vou suicidar-me, e unicamente para isto foi que vim a S. Paulo.

A verdadeira causa d'este acto que a imprensa e o publico hão de qualificar, como habitualmente, de acto de desespero ou de loucura, vou dizel-a nesta carta e sómente a ti. Ninguem mais no mundo a conhece nem conhecerá. Talvez tu mesmo fiques ignorando-a, porque esta carta póde ser que te não chegue ás mãos. E oxalá que assim seja! Desejo-o ardentemente! Se eu acreditasse em Deus, supplicar-lhe-ia com fervor que arredasse de ti este calice de fel, não menos terrivel que o que appareceu a Jesus no Horto das Oliveiras.

Oh! meu Fernando, o que tenho a dizer-te é por tal modo horrivel que quasi desfalleço; a coragem abandona-me, e é preciso um supremo esforço, é preciso evocar a imagem severa do Dever para não despegar da penna e interromper estas linhas. O que me alenta, o que me dá forças para consummar este sacrificio tremendo é a esperança, a doce, a sempre verde, a eterna consoladora. Bemdita sejas, boa amiga dos infelizes! E' a esperança de que esta carta não seja lida nunca pelo seu destinatario e que, portanto, elle fique ignorando sempre a pavorosa verdade sobre o meu suicidio; é a esperança de que se não realise a circumstancia, o facto de que depende receberes esta carta.

Claro é que se a leres, será por ter-se realizado aquella condição e portanto parecerá quasi calinada tudo o que tenho estado escrevendo até aqui; bem o sei; quero, porém, que conheças os meus sentimentos, o desejo e os votos ardentes que faço para que tal facto não succeda, para que não leias nunca esta missiva assassina... digo assassina porque temo e quasi presinto que te matará.

Que situação atroz a minha! O Dever ordena-me tudo dizer-te, sacrificar a propria honra do meu nome, em expiação do meu crime, ser leal e verdadeiro comtigo á beira do tumulo, para te não usurpar um respeito, uma gratidão, uma saudade que não mereço, de que não sou digno... Mas a minha amisade por ti faz-me tremer pelo soffrimento que te vou causar, pelo golpe, talvez mortal, que te vou desfechar, certeiro ao coração... Elle, porém, não será o primeiro: teu coração já estará mortalmente ferido quando o segundo golpe o retalhar. Sem aquella primeira punhalada não receberás esta.

Oh! Deus, se existes, faze que seja assim! Afasta de meu pobre pae este calice de morte! Sim, porque és meu pae, e eu o sei, e já o não esqueço... Devo-te tudo o que sou, ou antes tudo o

que fui, porque é um extincto quem te fala. Educaste-me, fizeste-me alguem; déste-me com uma das mãos a bolsa e o coração com a outra. Déste-me a tua confiança, a tua amisade, a tua esperança, a tua alegria, tua alma inteira. Fizeste de mim um prolongamento do teu eu. *Foste para commigo leal sempre, além de bonissimo. Mercias que te eu amasse como um filho de sangue e servisse como um escravo illibertavel.*

Pois bem, eu... Oh! como dizer-lh'o, minha alma? Dá-me forças, meu Deus! (Como Elle é necessario nestes momentos supremos da vida! nestas crises para as quaes não tem o mundo solução nem remedio!) Eu... trahi-te, Fernando, trahi-te como o mais vil dos vis, o mais miseravel dos miseraveis... Apaixonei-me por tua mulher... Mas nisso não houve culpa minha... Somos nós porventura senhores do nosso coração? Que vale dizer-lhe: « Não ames »? Elle não recebe ordens; não é escravo: é senhor e despota. Mas o meu dever era afogal-o no peito. Aquelle amor era um crime: eu devia estrangulal-o no nascedouro. Manda a verdade dizer que fiz esforços para isso; mas insufficientes, fracos... Eu devia ter abandonado a tua companhia, sahido de tua

casa, e dizer-te mesmo porque o fazia, lealmente: « Amo tua mulher como um louco e como sou teu amigo e homem de bem—deixo-te, fujo.» Não o fiz. Fui... amante... de tua mulher; mas sómente quando te ausentaste para o Rio da Prata. Não permaneci um só instante sob o teu tecto, comtigo, *depois de haver-te atraiçoado; dou-te a minha palavra de honra!.... De honra? Tenho-a eu ainda, porventura? Póde um deshonrado invocar a honra? Dolorosa irrisão!*

A minha confissão está feita. Todo o tempo que passaste fóra, fui amante de Corina, gosei-a com ardor, com delirio, allucinadamente... Ha apenas algumas horas, no trem de ferro, recapitulando todas as peripecias, todos os incidentes da nossa ligação culposa, numa analyse rigorosa de auto-psychóse, conclui por convencer-me de que não a amava de verdadeiro amor, mas sómente de paixão carnal...

Oh! eu tinha necessidade de crel-o para ter as forças necessarias ao cumprimento do meu dever; para não retroceder covardemente e ir viver com ella e comtigo, *em* ménage à trois, *como fazem tantos... Horrorisou-me a idéia de vivermos juntos, os tres, sob o mesmo tecto, como*

d'antes, e por isso propuz-lhe abandonar a casa e o marido á luz meridiana, para acompanhar-me.

Sim, propuz-lhe essa infamia... tanto a amava! Mas attende que ella é infinitamente menos vil que continuar teu hospede, teu protegido, partilhando-te tudo —mesa e cama. Juro-te que a minha intenção era não me defender se me atacasses, era deixar matar-me indefeso: era aquelle o teu direito e era este o meu dever. Ella, porém, não quiz: não me amava. Quando se ama sorri-se ao perigo, arrosta-se a morte. Não me amava, acredita-o.

A idéia de ver-te novamente, de abraçar-te, de estreitar-te a mão leal era-me insupportavel... Senti-me incapaz d'essa baixeza e isso elevou-me moralmente um pouco aos meus proprios olhos. Resolvi matar-me, porém antes que novamente nos vissemos; não queria que teus olhos pousassem sobre os meus depois que a luz d'elles se maculara no lodo da traição: não mereciam aquella honra. Parti esta manhã, na vespera da tua chegada.

Talvez, no emtanto, hajas desembarcado hoje mesmo e a esta hora tenhas nos braços... tua mulher... e nos seus beijos não sintas resabios

dos meus... Ah! Fernando, este pensamento queima-me o cerebro como uma brasa viva... Tenho ciumes, sim! Para que mentir-te... a dois passos da Morte? Se já sabes tudo! E, entretanto, falas talvez em mim; estranhas e commentas a minha partida e ausencia e isso turva-te a felicidade do regresso ao lar... emquanto eu, aqui, neste quarto de hospedaria, escrevo neste papel que... tenho ciumes de ti! Monstruoso! Que immundicie — a vida!

Sabes que tua mulher te é infiel. Descobriste-o... (Falo transportando-me ao futuro.) Conhecendo-te como te conheço, tenho a prés segurança de que mataste o homem com quem ella repartia suas caricias... Mataste-o; bem. Mas tua mulher? Que lhe fizeste? Tel-a-ias matado tambem? Receio-o muito e este receio inquieta-me. Espero, entretanto, que te hajas commiserado d'ella, que lhe tenhas perdoado.

A mulher é um ente moralmente inferior, irresponsavel pelo mal que faz, pelos infortunios que espalha em torno de si. Conheces as minhas theorias a este respeito, porque leste o meu livro, além de que innumeras vezes conversámos

de taes assumptos. Se mataste o amante de tua mulher, fizeste bem; mas se tambem a esta, erraste e foste injusto, além de cruel. Se o homem fosse bom, seria a mulher má porventura? E' o nosso egoismo que as estraga e perverte. Só tendo em vista o goso presente, sem attender aos males futuros, mentimos, fingimos, atraiçoamos; depois de saciados, abandonamos a victima e vamos além, em busca de outra novidade, fazer outra victima. Abusamos da fraqueza da mulher, que é toda credulidade, confiança, vaidade, amor proprio e volubilidade. Quantas vezes atraiçoaste tua mulher? Muitas, não é verdade? Como ha de, pois, o réu ser juiz?

Não: espero que te hajas lembrado do que de mim leste e ouviste a este respeito e lhe hajas poupado a vida. A vida te vingará contra ella como vae vingar-te contra mim pelas minhas proprias mãos, dentro de algumas horas apenas.

Vou terminar o nosso supplicio: meu de escrever-te, teu de me leres. Não peço nem espero que me perdôes. Esta carta é, ao contrario, escripta para que me não guardes estima nem gratidão, para que me escarres na memoria, para que me espesinhes a sepultura.

Mas peço-te e espero que perdôes a Corina. Fomos nós, tu, eu e o mundo que a fizemos má. Ella é uma alma encantadora, que foi angelica. Não soubeste cultival-a... Lembras-te da minha carta de Paris a proposito dos abortos? Foi pessimamente educada. Tu, que a amavas, não soubeste corregir os males d'essa educação. E, por-fim, eu, o philosopho, o psychologista, o forte, acabo a obra da sua perdição succumbindo ridiculamente á paixão criminosa que me accenderam os seus encantos. Bem vês: castigal-a, fazel-a pagar culpas alheias, tuas e minhas, é mais que injustiça: é crueldade, é um novo crime. Não o has de ter commettido, não has de commettel-o de certo.

Agora, adeus; adeus para sempre. Beijo-te as mãos, beijo-te os pés. Não te peço perdão: porque o não mereço, porque não deves dar-m'o. Peço-te apenas permissão para chamar-te mais uma vez, a derradeira — « meu amigo, meu irmão, meu pae. » Adeus, Fernando.

Acceita, recebe a alma inteira do teu desgraçado

Paulino.

VIII

FLOR DE SANGUE

Era a *primeira* de uma revista, feita por um dos mais applaudidos escriptores do genero. *O Recreio Dramatico* apanhára uma dessas enchentes colossaes que não deixam vasio um logar e trasvasam gente até ao fundo do jardim. Jardim sem flores, de cimento, com tres ou quatro arbustos tisicos, mal illuminado, borborinhante, tristonho, apesar de tanta animação. Sem flores e sem claridade não ha alegria.

Nos intervallos a onda grossa e variegada dos espectadores invadia-o, espalhando-se em todas as direcções, difficultando o transito, desenvolvendo um calor enorme sob o céu calliginoso,

ameaçador de borrasca. Todas as mesinhas de zinco, tanto do jardinete como do botequim, estavam occupadas por homens e mulheres, bebendo e rindo com estrepito. Os criados corriam azafamados, servindo ás pressas.

Era enorme a quantidade de *cocottes,* em grande gala muitas, algumas vestidas mui ligeiramente. Passeavam ás duas e ás tres, braços engatados, insinuando-se ás cotoveladas entre os homens, com ditos, gestos e risos descarados. Alguns beliscavam-nas ou apalpavam-nas, o que provocava uma palavrada ou uma pancada de leque, em meio de gritos e gargalhadas. Garrafas de gazosas e champanhe estouravam; tiniam copos. As brazas dos cigarros e charutos vermelhejavam, lembrando pyrilampos no sombrio de uma alfombra de relva.

Em uma das mesas estavam tres rapazes, bebendo cerveja. Eram dos mais conhecidos na rua do Ouvidor e nos theatros pela sua fama litteraria. Andavam quasi sempre juntos; amigos inseparaveis. Um chronista, poeta o outro, romancista o terceiro. Discreteavam com ar de tedio, arrasando a peça e o autor, a quem chamavam de cretino para baixo, quando de repente

o chronista, que conhecia todo o *demi-monde*, exclamou :

— Lá vae a Corina, a heroina da famosa tragedia do anno passado, na Rua do Bispo.

— Onde ? qual ? perguntou curiosamente o romancista.

— Vês aquellas duas mulheres que pararam alli ao pé do lampeão para falar com o Vianna e o Paranhos ? E' a de vestido claro e chapéu de plumas; está de costas; voltou-se agora.

— Oh ! mas é formosa ! Conheço toda a sua historia. Daria de certo materia para um romance de primeira ordem. Talvez que eu o escreva ainda.

Corina passou por elles nesse instante. Estava radiosa de frescura e graça. Engordara um pouco com a vida dissoluta que levava desde alguns mezes. Adquirira esse *quid* especial, indefinivel, da mulher que faz do amor profissão; mas, apesar disso, tinha ainda nos gestos, nas palavras, na physionomia um resto de ar caseiro, do ar honesto da mulher que não ama para viver, por negocio.

— E sabes como eu intitularia esse romance? perguntou o romancista. E accrescentou logo :

Chamar-lhe-ia *Flor de Sangue*. Sim, que é essa mulher senão uma flor brotada e desabrochada no sangue de dois homens? O seu baptismo para o amor livre foi o sangue do terceiro amante na noite da tragedia. Lembras-te? Toda núa, desmaiada, borrifada por todo o corpo do sangue tepido, rubro, espumante que o marido fazia jorrar das veias do outro?

— Tens razão; observou o poeta. Ficará sendo conhecida por *Flor de Sangue*. E' um bello nome de guerra.

FIM

INDICE

PAGS.

Prefacio VII

PRIMEIRA PARTE

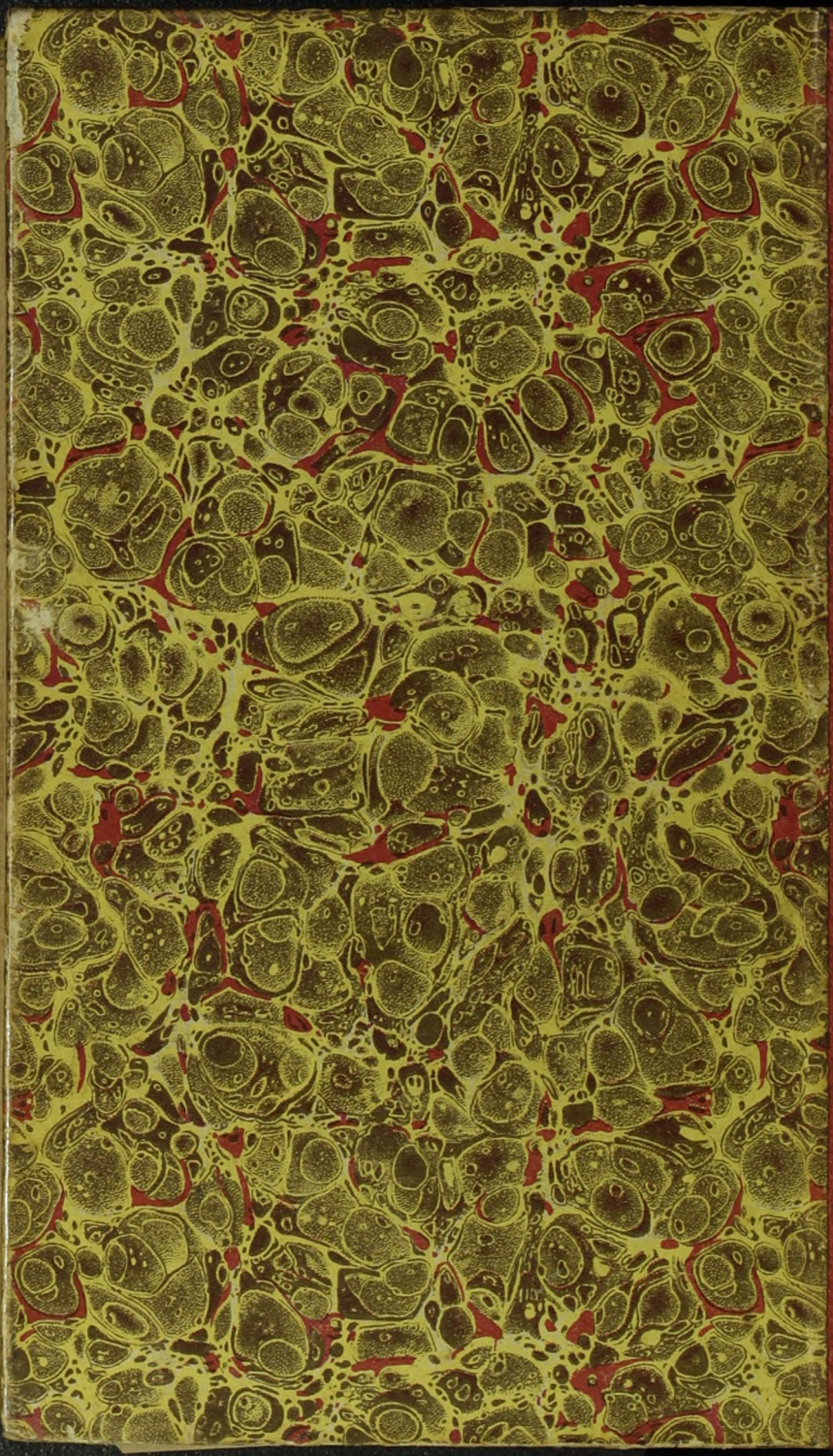
I — Fernando e Corina 1
II — Paulino 17
III — Novas figuras 35
IV — Primeiros symptomas 59
V — Tratado de alliança 75
VI — O primeiro beijo 87
VII — Um dia infeliz 103
VIII — Santinha 111
IX — Estrategia amorosa 121
X — A obra do ciume 137
XI — Incidentes 149
XII — A morte e o amor 163
XIII — O crime 177
XIV — O despertar 195
XV — Para a morte 213
XVI — O imprevisto 229
XVII — Flor do lodo 249
XVIII — A execução 261

SEGUNDA PARTE

		PAGS.
I	— O Barão de Santa Lucia	277
II	— Um miseravel	301
III	— A denuncia	319
IV	— O castigo	335
V	— O commendador	347
VI	— Uma missão delicada	359
VII	— A carta	369
VIII	— Flor de Sangue	379

1-5-5

ERRATA

Deixando á intelligencia do leitor corregir lapsos e
os de somenos importancia, julgamos indispensavel, no
retanto, emendar os seguintes :
' pagina 206, linha 2ª — em logar de — «bosque nemoroso»
cia-se — bosque umbroso; e á pagina 285, 4ª linha, em
de — «estourar os miolos» — leia-se — cortar o pescoço.

Mario